

# Plenários

## Reuniões e plenários mobilizam as organizações do Partido

Págs. 3, 4, 5 e 6



Carlos Carvalhas participou no convívio da Juventude CDU realizado no passado domingo no Ritz Club

Passadas as eleições

# Graves e preocupantes situações no mundo do trabalho

Nota da  
Comissão Política

Pág. 32

Reportagens  
e noticiários

Págs. 8, 9,  
10, 11 e 12

# Alcácer do Sal

## Um negócio de porcos que envenena as águas

Págs. 16 e 17

# América Latina

— artigo  
de Miguel Urbano Rodrigues

Págs. 22 e 23

# AVIS

Toute personne du sexe masculin qui aiderait, directement ou indirectement, les équipages d'avions ennemis descendus en parachute, ou ayant fait un atterrissage forcé, favoriserait leur fuite, les cacherait ou leur viendrait en aide de quelque façon que ce soit, sera fusillée sur le champ.

Les femmes qui se rendraient coupables du même délit seront envoyées dans des camps de concentration situés en Allemagne.

Les personnes qui s'empareront d'équipages contraints à atterrir, ou de parachutistes, ou qui auront contribué, par leur attitude, à leur capture, recevront une prime pouvant aller jusqu'à 10.000 francs. Dans certains cas particuliers, cette récompense sera encore augmentée.

Paris, le 22 Septembre 1911.

Le Militärbefehlshaber in France,  
Signé: von STÖLPNAGEL  
Général d'Intendance.

# AVISO

FOTO **G**RAFIAS

Págs. 30 e 31



CGTP alerta para a situação de numerosas empresas e trabalhadores

## RESUMO

### 16 Quarta-feira

CGTP exige aumento salarial na ordem dos 18 por cento e alerta para a situação preocupante em que se encontram numerosas empresas e trabalhadores portugueses ■ Trabalhadores da Seagate cumprem greve parcial de duas horas e meia, como forma de protesto contra despedimento colectivo ■ Iniciam-se os trabalhos da 28ª cimeira do Commonwealth em Harare, capital do Zimbábue ■ Toma posse o primeiro governo zaireense controlado pela oposição ■ A Presidência federal jugoslava anuncia que não aceitará nenhuma decisão da Conferência de Haia sem a sua participação ■ Simone Veil afirma em entrevista ao «Le Monde» que os democratas devem unir esforços contra avanço da extrema-direita ■ Um homem assassina 23 pessoas num restaurante de uma cidade do Texas, nos EUA.

### 17 Quinta-feira

Sindicato dos Jornalistas contesta em comunicado nomeação do director do Cenjor ■ Encerramento da fábrica Salus, no distrito de Setúbal, provoca o despedimento de 120 trabalhadores ■ População de D. Maria decide manter boicote ao acto eleitoral ■ Ministros da defesa da NATO acordam na redução do arsenal nuclear na Europa ■ Gorbachov aceita emendas impostas por Ieltsin relativas ao acordo de união económica entre repúblicas ■ Três atentados em Madrid, atribuídos à ETA Militar, provocam um morto e vários feridos graves ■ Igor Ligachev, em entrevista ao «Diário de Notícias», afirma que o comunismo não morreu na URSS.

### 18 Sexta-feira

Estudantes cortam estrada Lisboa-Porto junto à Mealhada em protesto contra a falta de segurança dos peões ■ Os TSD afirmam que o Governo não sujeitará o País a austeridade ■ Abílio Araújo, dirigente da Fretlin, acusa a Indonésia de abrir valas comuns em Dili, como forma de reforçar o clima de intimidação nas vésperas da visita da delegação parlamentar portuguesa ■ Madrid é a cidade escolhida para a realização da conferência de paz sobre o Médio Oriente ■ Commonwealth decide levantar algumas sanções à África do Sul nos domínios desportivo, cultural e científico ■ Amnistia Internacional denuncia práticas de tortura no Egipto ■ Oito das quinze repúblicas da União assinam o tratado económico da URSS ■ NATO afirma não querer a supressão total dos arsenais atómicos na Europa.

### 19 Sábado

Jaime Gama declara apoio a Jorge Sampaio, mas dá liberdade de opção aos membros da sua sensibilidade ■ Lucas Pires des-

mente ter abandonado o CDS ■ D. Ximenes Belo apela através de carta ao bispo de Setúbal para que deputados portugueses não receiem questionar durante a sua visita a Timor ■ Uma coluna humanitária entra na cidade de Vukovar, na Jugoslávia, para recolher 60 feridos ■ Maputo e Renamo assinam acordo em Roma, facto considerado como um primeiro passo para alcançar um cessar-fogo ■ Moscovo reduz serviço militar ■ Crescem conflitos sociais em França e oposição anuncia moção de censura ao Governo.

### 20 Domingo

A Comissão Política da UDP afirma que «seria positivo um entendimento dos partidos à esquerda do PSD para garantirem o cumprimento do estatuto da oposição» ■ A «Ala Socialista Liberal» recusa o apoio a Sampaio e a Guterres e decide avançar com uma moção, lista própria para a Comissão Nacional, e, em princípio, um candidato a secretário-geral ■ Juiz italiano revela que a rede secreta Gládio, encarregada de resistir à alegada «ameaça comunista», dependia directamente da CIA ■ Violento sismo no Norte da Índia faz mais de 500 mortos e feridos.

### 21 Segunda-feira

Jorge Sampaio retoma as suas funções de presidente na Câmara Municipal de Lisboa ■ A Associação Nacional dos Administrativos Hospitalares afirma que o Novo Sistema Retributivo «não veio resolver minimamente os problemas da classe, nem corrigir disparidades ou repor critérios de justiça relativa entre sectores» ■ Secretário-geral da NATO defende a sobrevivência e reforço da NATO ■ Iraque admite pela primeira vez ter estudado o fabrico de armas nucleares ■ Sérvia afirma não aceitar da CEE decisões sobre a Jugoslávia ■ Libertado refém norte-americano raptado no Líbano há quatro anos.

### 22 Terça-feira

O anúncio do veto indonésio à ida a Timor-Leste de três jornalistas suscita um forte protesto português, pondo mesmo em causa a deslocação àquele território da delegação parlamentar que Mário Robalo, Rui Araújo e Gill Jolliffe devem acompanhar ■ Mário Soares inicia uma ronda de conversações com dirigentes partidários, no âmbito do processo que antecede a nomeação do Primeiro-Ministro ■ Chega a Pyong Yang o primeiro-ministro sul-coreano, numa visita que se integra na renovação do diálogo entre as duas Coreias ■ O Japão decide levantar a quase totalidade das restrições económicas à África do Sul ■ É assinado no Luxemburgo pelos países da CEE e da EFTA o acordo sobre a criação do Espaço Económico Europeu.

## EDITORIAL

# Uma tarefa hercúlea irrecusável

**N**a conjuntura política excepcional que as forças mais consequentes da democracia e do progresso social do nosso país acabam de viver, coincidem transitoriamente em pontos fulcrais dois processos de luta interconexos mas de características e objectivos diferenciados: as eleições legislativas de 1991 e a luta pela construção de um Portugal melhor.

O primeiro, o das eleições legislativas de 6 de Outubro, terminou com o apuramento definitivo dos resultados eleitorais e segue agora o curso institucional. Saldou-se pela revalidação da maioria parlamentar absoluta da direita governante, personificada no PSD e no seu chefe, Cavaco Silva, e pela atribuição, por força da Constituição, àquela formação política da chefia e da composição futura do governo.

O partido de Cavaco, com 50,6 por cento dos votos conseguiu fazer eleger 135 deputados representando 58,2 por cento dos 230 da futura Assembleia da República, quando na legislatura anterior dispunha de 148, equivalentes a 59,2 por cento do total dos 250 deputados.

Se é verdade que em termos globais não se alterou sensivelmente a anterior correlação de forças político-parlamentares favorável à direita é forçoso reconhecer que no campo da oposição democrática se produziram alterações sensíveis de qualidade com a perda de 14 mandatos para os partidos componentes da CDU — Coligação Democrática Unitária — que, como é sabido, nos termos da Lei terminou como coligação para as eleições legislativas com o próprio termo do acto eleitoral.

O segundo processo de luta, o da construção de um Portugal melhor, desenvolvendo-se em todas as frentes de actividade nacional, com especial incidência nas áreas política, económica, social e cultural, releva da transitoriedade e projecta-se no futuro. Os seus resultados saldar-se-ão em última análise pelo acúmulo das vitórias e das derrotas parciais das forças democráticas.

Parafrazeando um velho aforismo militar, as forças mais coerentes do processo democrático em Portugal — de que o PCP se afirma componente e artífice indispensável — «perderam uma batalha mas não perderam a guerra».

**A**petrechar o Partido para o enfrentamento das novas realidades,

dar necessárias respostas aos problemas do «dia seguinte» das eleições — aos novos e aos que transitaram do «dia anterior» e se projectam em termos de agravamento nos tempos actuais —, preparar as decisivas batalhas do futuro para a construção de um Portugal melhor que, para o PCP se inscreve na concretização da consigna exaltante do seu XII Congresso «Por uma Democracia avançada no limiar do século XXI», é agora a tarefa mais exigente e primordial dos comunistas portugueses.

A demagogia cavaquista, que esteve no miolo da revalidação da maioria absoluta do PSD, alimentada pela manipulação abusiva dos recursos materiais e técnicos do Estado e pela iniciativa e a pressão política do seu aparelho executivo sob o comando do Primeiro-Ministro, atenuou momentaneamente — por razões eleitoralistas — mas não lhe suprimiu nem as causas nem a base — algumas das arestas mais cortantes da política social e económica do governo praticada nos últimos cinco anos.

Os problemas aí estão em toda a sua gravidade e complexidade gerados pela política contrária aos interesses nacionais profundos e submetidos aos critérios egoístas e reaccionários de classe da direita cavaquista governante.

É significativo que no plano político as hostes cavaquistas tenham retomado logo ao dia seguinte das eleições a ofensiva contra o sistema eleitoral.

E naturalmente, no plano social, são os trabalhadores as primeiras e as maiores vítimas: encerramento de fábricas, nova vaga de despedimentos em massa e de supressão compulsiva de contratos de trabalho, publicação logo ao dia seguinte das eleições dos nove decretos (incluindo os mais gravosos e contestados) do pacote laboral, incremento das pressões contra o nível dos salários portugueses, que se situam já no escalão mais baixo da Comunidade Europeia.

A crise da indústria têxtil, que representa mais de 30 por cento da nossa indústria transformadora para a qual o governo se tem mostrado incapaz de encontrar soluções ajustadas no novo quadro comunitário, vive o recrudescimento de um processo de falências, de desemprego e de salários em atraso que começou por incidir com mais força na Corda do Ave e na Corda da Serra (Covilhã, Gouveia, Seia, Castanheira de Pêra), Mira de Aire e se alarga agora à região do Centro.

No distrito de Setúbal — um dos mais afectados pelos despedimentos e a redução dos postos de traba-

lho nas empresas do Sector Empresarial do Estado (Setenave, Lisnave, Quimigal, Siderurgia, Complexo de Sines) — a taxa do desemprego atinge o dobro da média nacional.

Na agricultura, onde as pequenas e médias explorações não contam com quaisquer incentivos do Estado ao associativismo e à criação de estruturas de apoio às cooperativas — apesar do pagamento à pressa e em mão, na própria véspera do dia das eleições, de alguns subsídios em atraso e de um ridículo aumento das pensões mínimas por invalidez no sector rural para tentar calar os protestos dos agricultores — agravam-se os problemas do crédito, do escoamento de alguns produtos (vinhos, tomate e outros), do reaparecimento em força em largas manhas do Baixo Alentejo e do Sado da peste suína. A reforma da PAC, que vai atingir em cheio a desprotegida agricultura portuguesa sem que o governo passe do palavreado e encare seriamente a situação difícil de milhares de agricultores.

Os problemas do meio ambiente agravam-se de modo alarmante (poluição, incêndios, mortandade piscícola do Tejo e da Barragem do Maranhão, eucaliptização indiscriminada em benefício das celuloses, lixeiras tóxicas, etc.) agravam-se de modo alarmante e põem a nu a incuria do governo.

Estes são apenas quadros parciais de uma realidade nacional insofismável.

No momento actual e após as eleições de 6 de Outubro é necessário, por um lado, exigir que o governo cumpra as promessas eleitorais que fez sob a pressão das lutas de massas e da acção política da oposição e, por outro lado, agir para mudar de raiz. É imperioso mudar de raiz a política cavaquista, pensar e construir uma alternativa democrática na perspectiva das grandes batalhas políticas e institucionais a preparar desde já.

**A**petrechar melhor o nosso Partido para uma intervenção mais dinâmica na intrincada problemática pós-eleitoral; melhorar e alargar a sua organização nas diversas frentes de trabalho e luta (nas empresas, nos sindicatos, nas autarquias, nos domínios da política da Saúde, da Habitação, da Cultura e do Ensino) reforçar e adequar melhor o seu trabalho nas organizações de massas entre a juventude, as mulheres, os reformados, os deficientes é, na hora actual, uma hercúlea mas irrecusável tarefa dos comunistas.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Rua de São Bernardo, 14, 2º, 1200 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47059. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE'S Editorial Avante! — R. S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 3 95 21 93/7

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Fax: 3968793; Telex: 65791; Telef. (01) 3 95 21 93/7

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04  
Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra — Telef. (039) 71 35 77  
Delegação Norte: R. Monte dos Pisos, 326, Guilhões, 4450 Matosinhos  
Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: R. de S. Bernardo, 14 1200 Lisboa — Telef. (01) 3 95 21 93/7

PUBLICIDADE: Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa — Telef. (01) 3 95 21 93/7  
Composto e impresso na Heeka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

#### TABELA DE ASSINATURAS

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 4.500\$00; 25 números: 2.325\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 7.707\$50

ESPAÑA — 50 números: 7.090\$00

MACAU — 50 números: 11.140\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 12.190\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA E TODO O TERRITÓRIO DA URSS) — 50 números: 13.350\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 16.450\$00

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_  
Código Postal \_\_\_\_\_  
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado do cheque ou vale do correio.

CDU

# Juventude, música e CDU

## — como quem diz Estamos Juntos

Quem ainda pensa que esta "coisa" da política é incompatível com uma boa curtição, ou anda afastado das lides ou não deu pelo passar dos tempos.

Umas cervejinhas, uns sumos de laranja, umas miscelâneas com sabor a aventura, música a preceito e o desejo sempre latente de abanar o capacete, tudo nas quantidades q.b. para animar os espíritos sem os embutir, nunca foram incompatíveis com coisa nenhuma. Nem sequer com essa seriedade da política quando levada mesmo a sério.

Que o digam os jovens que no passado sábado à tarde foram até ao Ritz Club para um informalíssimo encontro com Amélia Pardal, da JCP, e Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP.

É possível que tivesse sido possível contar as cabeças, mas manda a verdade que se diga que a jornalista desistiu de tão enfadante função face à óbvia escassez de cadeiras para tantos assentos, ao emanhando das mesas minúsculas para tantos braços, à confusão de mãos procurando chegar ao bar. De resto, quem é que se ia preocupar com tais pormenores quando no vídeo gigante se sucediam as imagens - e o som - dos melhores espetáculos da Festa do Avante ou do concerto dos Pink Floyd?

A casa estava cheia e a mais não obriga o rigor. O som estava a preceito. A malta numa boa.

E foi assim que tudo começou no sábado à tarde. Encontro de amigos, conversas cruzadas de mesa para mesa, acenos exuberantes entre o balcão e a plateia, encontros e desculpa pá nos inevitáveis acidentes - molhados - à volta do bar.

Uns já se conheciam, outros ficaram a conhecer-se. Em comum tinham muito mais do que a juventude, os estudos, as curtições musicais e outras. Todos, de uma forma ou de outra, haviam participado na campanha da CDU. E foram ali afirmar o desejo de continuarem juntos.

Essa foi de resto a tónica da breve intervenção de Amélia Pardal, lembrando como a campanha constituiu um momento alto da mobilização da juventude em torno da CDU. «Não conseguimos eleger os candidatos jovens - disse - mas isso não nos fará desistir, vamos continuar a trabalhar juntos, dentro e fora da Assembleia, na defesa dos interesses da juventude». E reflectir, também, nas causas que levaram os jovens, novos eleitores, a votar no PSD. No fundo, a procurar conhecer melhor as motivações e os problemas da juventude, para melhor poder intervir e contribuir para a sua resolução.

### A miragem

Carlos Carvalhas começou igualmente por falar nos resultados eleitorais, lançando um alerta: «é preciso não cair no logro de transformar estes resultados em resultados estruturantes». E foi lembrando a abstenção, os que não votaram PSD, as motivações de voto. A propósito defendeu a necessidade de um debate lúcido sobre a questão da «estabilidade» ou do voto «útil» defendido pelo PS e que em última análise só acabou por beneficiar o PSD.

Carlos Carvalhas falou igualmente dessa miragem da «democracia de sucesso», com algumas pontes e autoestradas, e que já hoje está a dar lugar ao encerramento de empresas, a saneamentos a



vários níveis, à lei dos despedimentos...

«São tempos difíceis os que vêm aí - disse -; tempos de resistência, de unidade, de organização». Tempos em que importa «dar voz à juventude», o que o PCP se propõe fazer de imediato, tendo já preparado um conjunto de propostas respeitantes aos jovens a apresentar na Assembleia da República.

Mas aos próprios jovens caberá, naturalmente, um papel importante na defesa

dos seus próprios interesses. Daí o apelo à participação juvenil, o desafio ao debate e à intervenção activa na vida nacional. Ao fim e ao cabo, dar continuidade e alargar essa participação da juventude que foi uma constante na campanha da CDU.

### Não cruzamos os braços

Da assistência, a primeira voz que se fez ouvir foi de confiança: «Os jovens aderiram à CDU e demonstraram que o PCP não está tão morto

como alguns dizem; estamos aqui e não vamos cruzar os braços».

Razões não faltam e problemas, infelizmente, também não. É a entrada na Universidade sempre mais difícil, a habitação que não há, o emprego estável que falta, os problemas da droga e da marginalidade por resolver, etc., etc. «O Governo não fez nada para resolver estas questões e não tem uma política séria para a juventude. Inventou o cartão jovem e mais nada!»

Mas se inventariar os problemas é fácil, o mesmo não se pode dizer quanto às formas de lhes fazer frente.

«E agora, com esta nova maioria, como fazer passar propostas na AR?»

«Como vai o PCP prosseguir uma política de aproximação com o PS quando o PS se afasta cada vez mais?»

«Há alternativa ao PSD?»

Perguntas complexas para que não existem respostas fáceis. A exigir novos caminhos no caminho da luta e a aprendizagem do muito que fica entre o tudo e o nada. E também a lembrança das imensas potencialidades da intervenção política e social

aos mais diversos níveis (muitas propostas do PCP foram aprovadas na AR por serem incontestáveis), com quantos não adormecem à sombra das promessas cavaquistas.

O que vai ser o futuro? Eis uma questão a que os jovens vão ter de dar resposta através da sua acção quotidiana, com formas cada vez mais imaginativas para cativar outros jovens, com a sua capacidade de intervenção, com o seu olhar para o futuro não com os olhos dos velhos mas com a visão apurada da juventude.

A organização é fundamental, como lembrou Carlos Carvalhas alertando para que ninguém se deixe intimidar com os 8,8 por cento.

A resposta veio pronta da assistência: «Não estamos amarrados a modelos. O que nós queremos é transformar a sociedade».

Um bom remate. A seguir só quem ainda não se libertou de pruridos ou não teve pernas é que não saltou para a pista a dançar com os sons quentes de sabor a África.

Foi sábado à tarde, no Ritz Club. Uma festa até às tantas.

Anabela Fino



PCP

## Plenário do sector de Saúde de Lisboa

# Das eleições ao 14.º Congresso com muito trabalho pelo meio

Partindo da análise da campanha e dos resultados eleitorais, no plenário do sector de Saúde da ORL falou-se das dificuldades actuais e das que são esperadas nos próximos tempos, do muito trabalho que é necessário desenvolver para as ultrapassar, da grande importância do debate já em curso e que será alargado no período de preparação do 14º Congresso do Partido.

Um animado debate fez com que o plenário do sector da Saúde se prolongasse por mais de três horas

Na noite da passada quinta-feira, durante mais de três horas, no CT Vitória, teve lugar um vivo debate, com dezena e meia de intervenções, em torno da resolução do Comité Central sobre os resultados das eleições de 6 de Outubro, documento nesse dia publicado no «Avante!» e que foi objecto da intervenção inicial de Vítor Dias, da Comissão Política do Partido.

que ali se diz quando são analisados os resultados do PSD e os factores que, em medida não mensurável, é adequado pensar que pesaram de forma complexa e conjugada na repetição da maioria absoluta.

A propósito do controlo e manipulação pelo Governo de importantes meios de comunicação social, Vítor Dias acrescentou que, nesta área, ocorreram transformações que, objectivamente, prejudicam o PCP e a CDU; citou, como exemplo, a grande atenção que na generalidade merecem os bastidores da política, em desfavor das ideias e das propostas dos partidos, o que levou a que, no período após as eleições presidenciais, se desse uma imagem dos partidos da oposição embrenhados na elaboração das listas de candidatos (diminuindo o impacto de uma série de iniciativas sobre grandes problemas nacionais promovidas na altura pelo PCP), enquanto o Governo (com as célebres conferências de imprensa das quintas-feiras) surgia tratando da política concreta do País. Ainda como factor dos resultados do PSD, Vítor Dias referiu a imposição, na consciência social de grandes faixas do eleitorado, da separação entre o descontentamento social e a opção política.

Como os resultados eleitorais mostraram, não era a transferência «útil» de votos da CDU para o PS que permitiria às forças democráticas retirar a maioria ao PSD, defendeu Vítor Dias, sublinhando ter sido completamente inútil a opção por tal mudança de voto.

A repetição da maioria absoluta do PSD foi considerada por Vítor Dias como perigosíssima, tanto pela reprodução de valores e dirigentes, como pela instalação do clientelismo e da ideia do PSD como partido de Estado, como ainda pelo perigo de adaptação jurídica do regime democrático às necessidades do PSD e da sua permanência no poder - caso das alterações à lei eleitoral pretendidas pelo partido de Cavaco Silva, e em que outros sectores embarcam, que teriam como objectivo permi-



tir a obtenção de maioria de deputados com apenas 38 por cento dos votos, funcionando, a par da campanha pela bipolarização, como uma armadilha para a eternização da direita no poder.

### Debate

Abriu o debate um camarada que começou por dizer que gostou da intervenção de Vítor Dias, embora a achasse demasiado longa (tal como a resolução do CC, e apesar de reconhecer a dificuldade de síntese). Disse que a CDU teve a melhor propaganda de rua, mas os tempos de antena televisivos foram este ano muito piores. Considerou que os dirigentes sindicais comunistas deviam ter tido uma intervenção mais activa na televisão e na campanha, o que permitiria traduzir melhor a influência social em influência política. O crescimento da abstenção teria a ver, segundo este militante, com o facto de muitos eleitores do PSD estarem desiludidos e ninguém ter conseguido ganhar o seu voto. Observando que a personalização da campanha do PSD resultou num aumento de 46 mil votos, considerou um erro grave que a campanha da CDU tenha sido *bicéfala*. Chamou ainda a atenção para as perdas da CDU, mesmo tendo em conta a redução do número de deputados da AR.

«Estive doente, mas não morta» - foi assim que a camarada que interveio a seguir justificou a sua ausência prolongada em actividades partidárias, mostrando a sua satisfação por poder retomar o trabalho. Referindo as diferenças entre as campanhas eleitorais do PSD e da CDU na televisão, lamentou que as pessoas tenham gostado da campanha alegre, mas balofa, de Cavaco Silva, e tenham votado numa esperança que não é verdadeira. Contudo, afirmou, para além dos motivos dos resultados, temos que olhar agora para a frente, para o trabalho a fazer no futuro.

Considerando como dados adquiridos da análise dos resultados eleitorais a não apre-

sentação de uma alternativa pelas forças democráticas e a forma como o PSD esteve no Governo, o camarada que falou de seguida lembrou que a elevada abstenção abre um amplo campo de trabalho futuro para os comunistas e toda a esquerda, com o objectivo de captar o voto de muita gente desiludida que decidiu não votar. Manifestou a opinião de que se fizeram sentir na campanha eleitoral sintomas de uma doença na organização do Partido. Manifestou preocupação por, em Lisboa, a CDU ter perdido metade dos seus votos de todo o País, devido ao *escaqueamento* da organização partidária no distrito. Para este camarada justificou-se plenamente que a ORL tome medidas para promover uma ampla discussão sobre o trabalho do Partido no distrito, a alteração radical dos métodos de trabalho e a reconstrução dos seus organismos dirigentes.

O camarada que falou depois classificou as eleições e os seus resultados como *radiografias* que representam o que a população pensa dos partidos. Como causa dos resultados da CDU, apontou o apoio do PCP aos partidos comunistas que estavam no poder no Leste europeu.

Depois de uma camarada ter afirmado que a percentagem da CDU «desgostou-me, mas não me envergonhou», outra deixou interrogações quanto à expressão pública do trabalho realizado pelos comunistas nos sindicatos e nas autarquias. Apelando a que deixemos de ser *defensistas* e apresentemos um projecto cultural alternativo às modas da pós-história e da pós-modernidade, outro camarada pôs a tónica, como causa dos resultados, na forma como o PSD governou.

O que decorre dos acontecimentos no Leste - para um camarada que começou por alertar para esquecimentos sistématicos na análise de uma situação muito complexa onde têm grande importância as alterações sociais - não pode originar um processo *esquizofrenizante*, em que o PCP seria a única vítima, antes deve ser visto como afectando todos os cidadãos.

As alterações sociais foram também referidas na intervenção seguinte, de uma camarada que chamou a atenção para algumas importantes mudanças, em particular no melhoramento do nível de vida e nas relações empresário-trabalhador, com reflexos na delimitação política entre esquerda e direita. Salientou o peso real das perdas eleitorais da CDU e a importância de fazer chegar à opinião pública as ideias saídas do 12º Congresso do Partido.

A necessidade de sintetizar mais os documentos do CC e as intervenções dos dirigentes partidários foi de novo referida por outro camarada, que reafirmou as preocupações quanto à situação da organização do Partido, nomeadamente no sector da Saúde da ORL. Para o camarada que interveio a seguir, este é um bom momento para a reflexão que não foi possível anteriormente devido a um trefismo exacerbado.

A experiência eleitoral nos EUA foi referida por uma camarada que se deslocou àquele país numa altura de campanha, um processo de que o cidadão comum fica alheado; este alheado está ligado à bipolarização e reflecte-se na elevada abstenção. Recordou também que o sistema eleitoral britânico fez com que os «verdes», com 20 por cento de votos, não conseguissem ali eleger nenhum deputado. Demonstrando a dificuldade de transportar o descontentamento social para a opção de voto, recordou as lutas na Função Pública antes das eleições e também um aparte («Não venham para aqui com política!») ouvido numa reunião de moradores de Dona Maria quando um comunista pediu a palavra.

As preocupações quanto ao estado da organização partidária foram partilhadas também por outros camaradas, nomeadamente em relação ao trabalho de direcção e quadros.

### Encontro regional e congresso

Dirigiu a reunião a camarada Marília Vilaverde Cabral, do

CC e da DORL, que - referindo as dificuldades reais existentes no sector da Saúde, como em geral na organização regional - informou que a Direcção da ORL está a analisar os resultados eleitorais mais em pormenor, e prepara a realização, nos finais do ano, de um encontro regional do Partido, precedido de um grande debate nas organizações, para discutir todos estes problemas.

«Temos as mesmas preocupações, agora há que actuar» - concluiu, recordando que na Saúde tal é muito necessário.

Vítor Dias, a terminar, fez algumas referências a questões levantadas nas intervenções. Reafirmou que é preciso combinar o empenho em resolver os problemas com alguma *humildade* quanto às possibilidades existentes, para a máxima obtenção dos resultados desejados através de lutas difíceis em tempos longos. Na apreciação dos resultados eleitorais, alertando para argumentos futuros do tipo *o eleitorado decidiu*, defendeu a valorização do significado de mais de 2 milhões de eleitores não terem votado no PSD, bem como da existência de outros valores e outras perspectivas para além da *laranja*.

Na discussão com vista ao 14º Congresso, disse Vítor Dias, estão em cima da mesa muitos aspectos do trabalho e da intervenção do Partido.

Sem fazer de conta que partimos da *estaca zero*, deve procurar-se actualizar o conteúdo dos documentos partidários no que respeita à organização e à orientação política, referindo, como exemplo, o que no Programa se diz sobre o socialismo e as suas características como projecto a mais longo prazo.

Considerou que interrogações ou incertezas que possam pesar sobre a fisionomia mais detalhada do nosso projecto de socialismo não alteram a evidência de que o Partido dispõe de um efectivo projecto político e que este apresenta diferenças reais relativamente à social-democracia, mesmo num largo período ainda do capitalismo.

### Notas prévias

Em algumas notas prévias, Vítor Dias criticou o tratamento deformado que a última reunião do CC teve em dois matutinos lisboetas e, a propósito, a situação criada por haver hoje nas peças jornalísticas fusão de notícias e comentários, o que leva a que muitas vezes as pessoas tenham acesso, não aos acontecimentos, mas às interpretações que os jornais deles fazem. Sublinhou que o documento do Comité Central não tem como objectivo fechar a discussão, que deve continuar.

Referiu ainda a necessidade de, refutando certezas absolutas, analisar os resultados eleitorais tendo em conta a complexidade de que se revestem e, em particular, factores psicológicos como o que leva muita gente a considerar que o resultado obtido pela CDU seria visto de outra forma se a percentagem fosse de dez por cento (uma diferença, afinal, de 55 mil votos, que objectivamente não teria o peso suficiente para explicar tal estado de espírito).

### Resultados

Vítor Dias atribuiu grave significado ao crescimento da abstenção, em particular quando ele se verifica após uma campanha eleitoral muito dramatizada e com uma grande cavalgada da *americanização* e da política-espectáculo. O dirigente comunista, apelando a que se não faça uma leitura esquemática da resolução do CC, chamou a atenção para o

## Iniciativas

### Cinco dias em Lisboa

Num balanço enviado pela Direcção da Organização Regional de Lisboa referem-se algumas iniciativas partidárias que tiveram lugar entre os dias 16 e 20 de Outubro no distrito.

No concelho de Loures houve iniciativas do Partido na freguesia da Pontinha (30 presenças), em Santa Iria de Azóia (67), em Camarate (15), na freguesia de Loures, zona Norte (24), na célula do PCP na Câmara Municipal (70) e em Odivelas (10 presenças). No concelho de Cascais houve iniciativas nas freguesias do Estoril (30 camaradas) e de Cascais (8). No concelho de Vila Franca de Xira realizaram-se iniciativas na freguesia de Alverca (39 presenças), em Alhandra (42), A-dos-Loucos (30) e Forte da Casa (8). Realizaram-se ainda plenários dos sectores da Saúde (50 presenças) e da Comunicação Social (21).

## Plenário na Feira

# Alargar e aprofundar o debate para o reforço da intervenção do Partido

Foi no sábado à tarde que os militantes da Feira realizaram o seu plenário para debater os resultados eleitorais e a actividade futura do Partido.

Nas Terras de Santa Maria, vasta zona que se estendia no que são hoje os distritos de Aveiro e do Porto, o centro de tudo era o Castelo da Feira. Ele lá continua dominando a povoação, modesta, apesar do crescimento e do título recém-adquirido de «cidade». E quem assim a observar e mais não souber, não poderá adivinhar que ela é a sede do mais populoso concelho do Distrito de Aveiro, com mais de 92 000 eleitores distribuídos pelas trinta e uma freguesias, e também o mais industrializado do distrito.

Tradicionalmente falar da Feira é falar de agricultura e da indústria da cortiça. Mas não será errado falar também de calçado, de papel, de metalomecânica e de outras actividades. Escritórios, comércio e serviços é que não — isso é luxo reservado para os vizinhos (de S. João da Madeira, de Espinho, de Gaia ou do Porto).

Tarde de sábado fresca, mas solarenga, nas Terras de Santa Maria. Uma daquelas tardes de Outono em que é certo que a actividade do Partido sofre a concorrência dos trabalhos agrícolas mais atrasados, pois que o Inverno está à porta e dias assim não haverá muitos mais. Bastava olhar a azáfama na sede do Partido, uma antiga casa de lavoura no limite da cidade de Santa Maria, onde alguns militantes concluíam a tarefa que vinham desempenhando desde tão cedo — a vindima de uma latada que cobre parte dos anexos e que bom jeito faz nos dias mais quentes de Verão.

À medida que eram levados os sacos de uvas, para que cumprissem o destino

que os homens lhe fixaram, iam chegando os militantes do Partido para discutir os resultados eleitorais. Chegando por seu pé e sua vontade já que «nisto do Partido ninguém anda obrigado».

### O plenário

Após a formação da mesa pelos camaradas Manuel Coelho e Quintino Pereira, ambos do Secretariado da Comissão Concelhia da Feira e membros da DORAV, Luís Quintino, do Secretariado da DORAV, e por Sérgio Teixeira, da CEN do CC, coube a este a primeira intervenção, mais, segundo disse, para «colocar pontos de partida para a discussão» e para «depois poder extrair uma ideia do sentimento geral, das opiniões e das ideias que os camaradas considerem importantes referir, já que não podemos ficar indiferentes aos resultados eleitorais». Sérgio Teixeira abordou então, de forma sintética, as eleições, seus resultados e consequências, na perspectiva das conclusões da última reunião do Comité Central. A discussão que se seguiu e em que usou da palavra mais de um terço dos participantes foi o espelho fiel da abertura que preside à discussão interna no Partido.

O facto de não terem sido atingidos os objectivos nacionais do PCP (e tão-pouco os distritais, nomeadamente a eleição de um deputado pelo círculo) condicionou certamente, de uma ou outra forma, as diferentes intervenções. Um camarada, dirigente sindical, manifestou a sua incapacidade para compreender

por que razão, em Setúbal, «os trabalhadores não estiveram com o Partido e foram votar no PSD e no PS» acrescentando que é preciso saber as razões pelas quais «o causador do pacote laboral — Torres Couto — foi para Setúbal como cabeça de lista e o PS foi a segunda força à frente da CDU». Outro criticou o facto de muitos camaradas continuarem na clandestinidade dentro das empresas, não se assumindo, «o que acaba por prejudicar o Partido».

A situação no leste esteve sempre presente na discussão. A ideia geral, adquirida nos contactos de pré-campanha e campanha, de que os seus efeitos negativos não seriam grandes foram contrapostas outras «de que ela motivou alguns afastamentos e que outros, que não se afastam, se sintam como que envergonhados, se escondem e recuem na intervenção».

Quanto à generalidade das apreciações do CC sobre os resultados eleitorais não houve desacordo. Mas na reunião verificaram-se algumas tentativas de abordagem diferente.

Foi afirmado, por exemplo, que «nós denunciámos muitas questões que estão de facto mal mas que muitas pessoas não sentem desse modo», sendo acrescentado, como comprovativo, que na região «só não trabalha quem não quer». Haverá mesmo uma larga franja de trabalhadores que estão com vínculo precário mas que querem tal situação achando mesmo «longo o contrato de seis meses». Em certos sectores o precário tem o dobro do salário do efectivo. É certo que sem direitos, sem segurança social, etc., mas que aceitam de bom grado esta situação a troco do dinheiro contado. Sobre esta situação intervieram outros participantes, seja para defender a necessidade de abdicar de alguns valores que nos são próprios para aumentar a eficácia da nossa mensagem, seja também para afirmar que embora desenvolvamos a nossa actividade cercados por «valores que são completamente contrários ao que nós preconizamos — o individualismo, a falta de solidariedade, o salve-se quem puder — não podemos ir contra os nossos princípios, embora talvez tenhamos de encontrar outras formas de os transmitir».

Outro militante, membro de uma autarquia, entre ou-

tras considerações, afirmou que «seria bom que o partido se conseguisse desenvolver mesmo quando a conjuntura é favorável à direita contrariando a ideia que o Partido só cresce quando há crise». Admitindo a sua co-responsabilidade, este camarada acrescentou que «não podemos limitar a busca das razões dos resultados às condições adversas, nomeadamente a comunicação social e outras, que sempre existiram, para nós desculparmos perante esta derrota eleitoral».

### Mais satisfeitos pelo trabalho

Quanto à apreciação da campanha eleitoral na zona, ninguém contestou a apreciação geral feita por uma camarada, ex-candidata, de que foi «no essencial bem feita, bem organizada» e «que se fez tudo aqui que era possível com os meios disponíveis». O que não quer dizer que tudo fosse considerado positivo. Um militante de S. Paio de Oleiros, por exemplo, não deixou de chamar a atenção para a falta de um *fac-simile* do boletim do voto para esclarecer o modo de votar CDU e para a propaganda demasiado centrada numa sigla (CDU) que não aparecia destacada no boletim e pouco na sigla e símbolo da Coligação.

Mas uma reunião deste tipo teria que ser naturalmente virada para o futuro. Às críticas de um camarada que afirmou «não existir uma mínima estratégia do

Partido para o concelho da Feira» e que considerou «velha» a Comissão Concelhia, foi contraposta a disposição dos actuais organismos dirigentes do PCP no Concelho em tomar a iniciativa da sua renovação, encarando inclusive a possibilidade de convocar a Assembleia Concelhia. Sugestões diversas foram também formuladas no Plenário — reuniões mais restritas para discussão mais concreta: procurar conhecer os simpatizantes e os votantes na CDU; reuniões periódicas em vários locais do concelho da Feira; o contacto com os inscritos para saber quem está ou não interessado no trabalho do Partido, melhor acompanhamento dos sindicalistas; um boletim virado para as empresas, etc.

Na sua intervenção final, mas não conclusiva, Sérgio Teixeira dedicou alguma atenção a uma questão de ordem política que tinha estado presente no debate — a concertação social. Disse a propósito que «o Partido não é contra a concertação, desde que ela seja um dos instrumentos de luta dos trabalhadores e não o processo único de resolução dos seus problemas».

### Na Feira como no País

Sobre os resultados afirmamos que deles «não podemos fazer leituras apressadas. No nosso Distrito verificaram-se as mesmas tendências do resto do País. O problema fundamental — o da polarização — é nacional, e mesmo algumas questões que primeiro parecem

regionais, como foi o caso das votações no MRPP e no PSR, vemos depois que correspondem também a tendências nacionais».

Acerca da dúvida expressa por um militante sobre se os camaradas que vão para os jornais teriam tido espaço de discussão dentro do Partido, aquele membro da CEN afirmou que «dentro do Partido há espaço para discutir as posições que cada camarada tem. Mas quem tem o direito a exprimir a sua opinião tem o dever de compreender quando a maioria não partilha da sua opinião e o dever de não transportar essa opinião para fora do Partido como verdade absoluta que se quer impor ao conjunto dos militantes.» Mais adiante afirmou que «não há no distrito nenhum camarada que em virtude das suas posições, defendidas dentro do Partido, tenha sido prejudicado ou colocado de lado na actividade do Partido».

Sérgio Teixeira disse também que, «apesar disso, é necessário alargar o debate (ligado à realidade concreta e visando o reforço da intervenção do Partido) bem como espaço para que os militantes possam exprimir, dentro do Partido, o seu pensamento político, as suas opiniões e convicções, tanto mais que há grandes alterações na sociedade portuguesa, há alterações na situação internacional, a própria reedição da maioria absoluta do PSD suscita novas questões pelo que há que aprofundar a discussão e o debate até na perspectiva da realização do Congresso do PCP no próximo ano».

### CAMARADAS FALECIDOS

#### ARMANDO LOPES

Armando Lopes, conhecido por Armando Marinheiro, faleceu no passado dia 21 de Outubro, com 59 anos de idade. Militante de longa data, foi percursor e activista das Comissões de Moradores na Damaia, desde o 25 de Abril e integrava a Comissão de Moradores da Damaia de Baixo. Estava organizado na célula dos trabalhadores da Junta de Freguesia da Damaia.

#### JÚLIO ALVES

Faleceu aos setenta anos Júlio Alves que militava na organização do Seixal do PCP.

#### ANTÓNIO PERDIGÃO

Faleceu recentemente António dos Santos Perdigão, que contava setenta anos de idade e militava na organização do Seixal do PCP.

#### BALTAZAR DUARTE

Faleceu com 81 anos de idade Baltazar Duarte, militante da organização do Seixal do PCP.

Aos familiares e amigos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

# O Militante

#### TABELA DE ASSINATURAS:

Portugal (Continente):  
810\$00.  
Regiões Autónomas:  
1 050\$00.  
Espanha: 1 335\$00.  
Guiné-Bissau e S. Tomé

e Príncipe: 2 715\$00.  
Europa (e Argélia,  
Marrocos, Tunísia e URSS):  
2 400\$00.  
Macau: 2 445\$00.  
Extra-Europa: 3 540\$00.

#### FICHA DE ASSINATURA DE O Militante

A preencher pelo assinante:

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_  
Localidade \_\_\_\_\_ Código postal \_\_\_\_\_  
Junto envio o cheque/vale do correio nº \_\_\_\_\_, sobre o Banco/  
/Estação do correio \_\_\_\_\_, dirigido a Editorial «Avante!»,  
Rua de S. Bernardo, 14, 1200 Lisboa no valor de \_\_\_\_\_ \$.



Os comunistas açorianos querem medidas para contrariar a tendência de crise na economia regional (foto de arquivo)

## PCP/AÇORES RECEBIDO PELO MINISTRO DA REPÚBLICA

Uma delegação da DORAA do PCP, constituída por José Decq Mota, coordenador regional, Paulo Valadão, deputado regional, Mário Abrantes, da Comissão Executiva e do Secretariado da DORAA, e José Correia, do Secretariado da DORAA, foi recebida na passada segunda-feira pelo ministro da República para os Açores, Mário Pinto, no Solar da Madre em Angra do Heroísmo.

A audiência, realizada a pedido do PCP, destinou-se a dar a conhecer ao Ministro da República a posição dos comunistas sobre vários problemas regionais. Nomeadamente, a delegação comunista defendeu a necessidade de melhorar as relações do arquipélago com o Governo da República e a CEE, de forma a contrariar a tendência de crise económica regional.

Um outro ponto abordado por José Decq Mota, que chefiou a delegação, foi a necessidade de proceder à revisão do estatuto político-administrativo da região autónoma, que tem vindo a ser protelada em Lisboa.

Ainda na segunda-feira, o Secretariado da DORAA reuniu no centro de trabalho de Angra do Heroísmo, para analisar diversas questões ligadas à actividade do Partido depois das eleições de 6 de Outubro.

## ESTUDANTES CORTAM ESTRADA

A JCP comentou, em comunicado distribuído no início desta semana, os «insólitos» acontecimentos na Escola Secundária da Mealhada, que mais uma vez puseram a nu «as más condições de ensino e os problemas nas escolas do nosso país», e levaram os estudantes a cortarem a da Estrada Nacional nº1, numa demonstração de indignação.

Na origem do protesto estão velhos problemas que há muito se arrastam, sem que se vislumbre qualquer resolução, e o atropelamento de um estudante na tarde de quinta-feira passada.

A Juventude Comunista Portuguesa condenou a intervenção da GNR contra a manifestação de estudantes e prestou solidariedade às reivindicações e às lutas dos estudantes por melhores condições de segurança no acesso às escolas.

Os jovens comunistas exigem ainda que o Governo «explique as circunstâncias em que se desenvolveu o acto de repressão, instaure um processo no sentido de apurar responsabilidades e assumas as suas, como entidade de tutela desta força que deveria ser de protecção aos cidadãos».

## ILEGALIDADES NA CM DE ESPINHO

Em conferências de imprensa realizadas no início de

Agosto a CDU denunciou várias ilegalidades e irregularidades ocorridas na Câmara Municipal de Espinho, onde sobressaía o problema da Piscina Solário Atlântico. Tal como foi anunciado na altura, foram entretanto enviados *dossiers* para a Alta Autoridade Contra a Corrupção, Procuradoria Geral da República, Provedor de Justiça, Tribunal de Contas e Inspeção Geral da Administração do Território. Com excepção desta última, todas as outras entidades responderam que as questões iriam ser analisadas, tendo contactado a autarquia em causa para prestar informações sobre as matérias referidas.

## PLENÁRIO EM TORTOSENDO

Os militantes do PCP da freguesia de Tortosendo realizaram recentemente um plenário para analisar os resultados eleitorais e definir medidas com vista ao reforço da organização do Partido.

Na reunião, que contou com quarenta militantes, participaram os camaradas António Gervásio, Luís Garra, João Pessoa e outros camaradas da Comissão de Freguesia.

O plenário foi muito participado, marcando-se por intervenções sobre a organização do Partido, referindo-se que está «muito enconchada» e que é necessário ampliar a intervenção política e social.

## Plenário na Covilhã

# Abrir a Organização ganhar mais influência

Setenta militantes do concelho da Covilhã participaram num plenário, realizado no passado sábado, no centro de trabalho local. Esta iniciativa inseriu-se num conjunto de reuniões que serão promovidas para fazer o balanço da campanha eleitoral e dos seus resultados, bem como para perspectivar o desenvolvimento da luta, o reforço do trabalho e da organização do Partido.

O plenário contou com a participação de Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado, além de outros membros da DORCB e da Comissão Concelhia.

A iniciativa caracterizou-se por uma discussão viva, registando-se muitas intervenções, críticas, opiniões e sugestões que de-

monstraram confiança na luta e no Partido. Numerosos intervenientes centraram-se na análise da Organização, considerando-a «fechada» e sublinhando em muitos casos a ausência ou a debilidade da intervenção política e social. Neste sentido, foi apontada como tarefa fundamental «abrir a Organização, aumentar a intervenção política e social, ganhar maior influência junto das estruturas sociais».

Na reunião foram frisados os aspectos positivos da campanha da CDU no distrito, embora se chamasse a atenção para as falhas, deficiências, e para os militantes que não participaram.

O PS foi bastante criticado pela sua campanha bipolarizadora, orientada para tirar votos à CDU e não ao PSD,

retirando credibilidade a uma alternativa democrática e facilitando a maioria absoluta de Cavaco Silva.

Igualmente salientada, foi a necessidade de continuar a reflectir e aprofundar as causas da quebra da votação da CDU e de alguma deslocação do voto útil no PS, bem como das razões do aumento da abstenção na área da esquerda, e da repetição da maioria absoluta.

Domingos Abrantes destacou na sua intervenção os quatro grandes traços caracterizadores desta eleição, notando que apesar do insucesso eleitoral da CDU, a campanha decorreu de forma activa, chegou às massas, foi esclarecedora e teve o empenhamento de muitos milhares de militantes e de activistas, bem como da juven-

tude. Ao criticar a campanha do PS, Domingos Abrantes explicou a conjuntura adversa ao PCP em que decorreram as eleições e chamou a atenção para os perigos da repetição da maioria absoluta de Cavaco Silva para os trabalhadores, para a democracia portuguesa e para o povo.

Entre as tarefas prioritárias para os próximos meses foi referida a necessidade reforçar o trabalho e a organização do Partido, nomeadamente dos seus organismos, do recrutamento de activistas, «voltando o Partido para fora». A realização de plenários e a definição das prioridades do trabalho, sem dispersão nem abandono de outras áreas, foram igualmente aspectos considerados essenciais para o reforço do PCP.

## Bragança

# DORBA define orientações de trabalho

Os resultados eleitorais regionais estiveram em análise numa recente reunião da Direcção da Organização Regional de Bragança do PCP, salientando-se a «manutenção da distribuição de deputados existente na anterior legislatura, três do PSD e um do PS; o aumento da abstenção, a redução da votação da CDU, que baixou de 3,24 por cento para 2,05 por cento; a perda 4 mil votos do PSD no distrito, em comparação com 1987; as subidas de votação do PS e do CDS».

A DORBA considerou que apesar de uma quebra «o número de votos conseguidos e a eleição de três deputados pelo círculo de Bragança não deixam dúvidas sobre o êxito eleitoral do PSD». Da análise efectuada, ressalta que «para o êxito do PSD

contribuíram de uma forma decisiva vários factores que conjugados permitiram um resultado semelhante ao de 1987».

Designadamente, aquela direcção regional do PCP aponta a «existência de uma conjuntura económica favorável e o afluxo de fundos provenientes da CEE; o exercício do poder durante quatro anos e a possibilidade de concretizar uma gestão eleitoralista; a escandalosa e abusiva utilização do aparelho e dos fundos do Estado para promoção de candidatos e interesses partidários; o insuficiente debate no período eleitoral, agravado pela recusa do PSD de participar em iniciativas com candidatos de outras forças políticas; a utilização dos mais importantes meios de

comunicação social do País e alguns da região, que estiveram ao serviço dos objectivos eleitorais do PSD; a descarada actuação de titulares de cargos públicos e até órgãos autárquicos que, no período eleitoral, deram cobertura e promoveram actividades partidárias, caso da CM de Mirandela».

Por outro lado, os comunistas em Bragança constatarem que o aumento de 4410 votos do PS, relativamente a 1987, não permitiu aos socialistas alcançar o seu objectivo de retirar um deputado do PSD, necessitando para isso de mais 12 mil votos. Desta forma, o PCP qualifica de «inútil o voto dado no distrito de Bragança ao PS por habituais eleitores CDU», uma vez que «não beliscou a hegemonia da direita e foi reti-

rado à força de esquerda mais consequente». A quebra da CDU, registada em todos os concelhos, foi considerada «um sério revés eleitoral, com evidentes consequências negativas para o trabalho futuro».

A DORBA debateu ainda linhas de orientação, decidindo nomeadamente a realização de reuniões de organismos e organizações para análise dos resultados eleitorais e preparação da intervenção partidária para os próximos meses; a discussão do trabalho dos eleitos da CDU nas autarquias, com vista ao melhoramento da sua actividade; o acompanhamento dos problemas dos trabalhadores e das suas organizações; assim como do trabalho para a juventude e da actividade da JCP.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

*O Militante* 

No próximo número

# A Revolução de Outubro

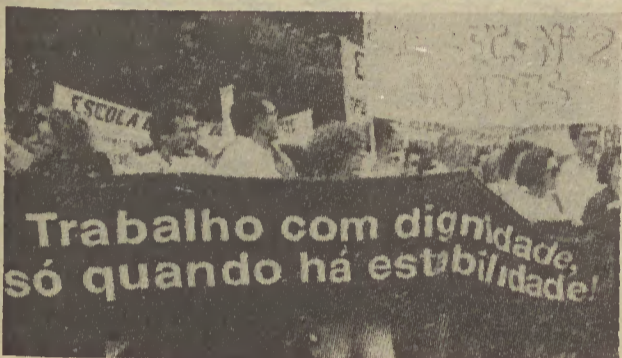
Entrevistas com  
**ALBANO NUNES**  
e  
**MIGUEL URBANO**

NACIONAL

## S. João do Campo Em defesa do mercado

Mais de mil pessoas da freguesia de S. João do Campo, ao toque do sino a rebato, saíram de suas casas, no passado dia 16, e acorreram a uma reunião promovida pela ACIC, com os seus associados, onde se iria discutir o futuro do mercado mensal, considerado ilegal pela associação empresarial. A multidão concentrou-se junto do Salão paroquial para defender o seu mercado, organizado pela Junta de Freguesia em Junho de 1987, obrigando a que a reunião se fizesse ali ao ar livre, para que todos pudessem participar.

A manifestação constituiu também uma resposta à acção repressiva das Actividades Económicas, que no último mercado tinham enviado para o local doze fiscais acompanhados pela GNR, que aplicaram multas indiscriminadamente aos vendedores. O clima de tensão é grande na vila, até que a situação se esclareça definitivamente.



## Professores Colóquio sobre a condição docente

A recomendação da UNESCO tem 25 anos.  
A FENPROF sublinha a distância que a separa da realidade em Portugal

No âmbito da comemoração do 25.º aniversário da recomendação OIT/Unesco sobre a condição do pessoal docente, a Fenprof realiza um colóquio e chama a atenção para «a distância que medeia entre a recomendação e a realidade vivida pelos docentes portugueses».

O colóquio, que se efectua hoje em Lisboa, merece da Fenprof as considerações seguintes:

«Há vinte e cinco anos, culminando um vasto trabalho de pesquisa sobre a situação dos professores e uma cooperação decisiva entre as organizações internacionais de professores, a Unesco e a OIT (Organização Internacional do Trabalho) adoptaram, sob a forma de recomendação, um documento conjunto que codificou os direitos e os deveres dos professores, bem como as condições profissionais, materiais e morais que deveriam presidir ao exercício da sua nobre missão, e que se destinava a ser adoptado (e cumprido) pelos Estados membros da comunidade internacional.

«A recomendação foi aprovada numa conferência inter-governamental especial, sob os auspícios da Unesco e da OIT, que se realizou em Paris, de 21 de Setembro a 5 de Outubro de 1966.

«Integrando-se no conjunto de manifestações que, no plano internacional, se realizam com o objectivo de comemorar o 25.º aniversário da aprovação da recomendação relativa à condição docente, a Fenprof tomou a iniciativa de a reeditar e divulgar junto dos professores, num alerta para a distância que medeia entre a recomendação e a realidade vivida pelos docentes portugueses».

No colóquio usará da palavra a dra. Aurea Adão sobre «a situação dos professores na transição da 1.ª República para o Estado Novo».

# Resultados eleitorais nos círculos da emigração

No dia 16 de Outubro teve lugar em Lisboa, na FIL, o apuramento dos resultados eleitorais pelos círculos da Europa e Fora da Europa, por cada um dos quais são eleitos dois deputados.

O círculo eleitoral da Europa, com 84327 inscritos nos cadernos eleitorais, teve 29460 votantes (uma percentagem de 65,1 por cento de abstenções). Nas 18 mesas deste círculo foram contados 15757 votos para o PSD (53,49%), 9344 para o PS (31,72%), 2301 para a CDU (7,81%), 883 para o CDS (3,01%), 234 para o

PCTP/MRPP (0,79%), 142 para o PRD (0,48%), 62 para o PPM (0,21%), 35 para o PSR (0,12%), 32 para o PDA (0,11%) e 19 para a FER (0,06%). Houve 262 votos em branco e 384 votos nulos. Foi eleito um deputado pelo PSD e outro pelo PS.

Dos 103103 inscritos nas 24 mesas do círculo eleitoral Fora da Europa houve 31642 votantes (69,3% de abstenções). O PSD teve 24407 votos (77,13%), o CDS - 4610 (14,57%), o PS - 1545

(4,88%), a CDU - 308 (0,97%), o PRD - 142 (0,45%), o PPM - 107 (0,34%), o PDA - 43 (0,16%), o PCTP/MRPP - 28 (0,09%) e o PSR - 23 (0,07%). Houve 203 votos nulos e 226 votos em branco. Foram eleitos dois deputados pelo PSD.

## Eleitos todos os deputados

Com a repetição, domingo passado, do boicote em Dona Maria e o apuramento, no dia 16, dos resultados nos círculos da emigração, ficou definitivamente assente a composição da Assembleia da República: de um total de 230 deputados, 135 serão do PSD, 72 do PS, 17 da CDU (13 do PCP, 2 «verdes», 1 da ID e 1 da UDP), 5 do CDS e 1 do PSN.

## Comentário do PCP

1 - A Comissão Para o Trabalho Entre a Emigração (CPTEE) do PCP, numa primeira apreciação dos resultados eleitorais nos 2 círculos da emigração (Europa e Fora da Europa), constata que os seus objectivos eleitorais (aumentar, em votos e percentagem, o resultado obtido em 1987) não foram atingidos, assim como não se concretizou a expectativa criada durante a pré-campanha e campanha eleitoral da possibilidade de eleição de um deputado no círculo da Europa.

2 - Eis alguns traços que a nosso ver caracterizam os resultados nos dois círculos da emigração:

- Crescimento generalizado do PSD, que obtém o maior número de sempre em votos e é o mais votado nos principais países. No círculo da Europa obtém, pela primeira vez, a maioria absoluta. Mantém o mesmo número de deputados (2 Fora da Europa, 1 da Europa).

- O PS subiu, mas ficou agora ainda mais distante do PSD. Em França perdeu para o PSD a posição de partido mais votado. Manteve o deputado pela Europa.

- A CDU regista uma quebra geral e obtém o seu pior resultado. Na Europa adquire uma percentagem inferior à nacional e deixa de ser a força mais votada no conjunto dos países do Benelux. Mantém no entanto na Europa a posição de terceira força.

- O CDS obtém o seu pior resultado de sempre. O PRD não conseguiu passar a fasquia dos 0,5% em qualquer dos círculos. De notar que o MRPP é de todos os pequenos partidos aquele que maior número de votos obtém.

- A abstenção, que diminuiu de 8,5 pontos percentuais relativamente a 1987, continua a ser bastante elevada. No conjunto dos 2 círculos atingiu 67,4%.

3 - A CPTEE do PCP considera que a permanência do PSD na área do Governo, em consequência dos resultados eleitorais, e a manutenção na emigração de 3 deputados do PSD, não contribui para a necessária alteração na política de emigração que o Governo do PSD desenvolveu durante a anterior legislatura.

De facto, os emigrantes foram bastante prejudicados com algumas dessas medidas, nomeadamente a extinção de serviços jurídicos e sociais existentes nos consulados, a diminuição de cursos de Português no estrangeiro, a desarticulação das já frágeis estruturas de apoio, deixadas ao sabor dos interesses de grupos e de gente identificada com o partido do Governo.

Já depois das eleições o actual secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Correia de Jesus, afirmou numa entrevista que a rede consular «tem de ser redimensionada», deixando entender claramente que nalguns países (citou a Alemanha) existem postos consulares a mais.

Já quando da campanha eleitoral, nas suas intervenções, os candidatos do PSD retomaram, no essencial, as mesmas propostas de 1987, reconhecendo desta forma que pouco ou nada o Governo fez em benefício dos emigrantes.

O PSD colocou nos 2 círculos como cabeças-de-lista pessoas que nada têm a ver com a emigração, que praticamente reduziram a sua intervenção ao discurso eleitoralista sobre a «democracia de sucesso» de Cavaco Silva, omitindo assim quais as medidas concretas para as comunidades portuguesas.

4 - Os resultados obtidos pelo PS são bem a prova duma campanha inadequada, assente na bipolarização, que também na emigração se voltou muito para captar votos na área da CDU.

O PS terá beneficiado de algum «voto útil», terá conseguido recuperar votos perdidos em 1985 para o PRD e ganhou votos dos que votaram pela primeira vez. Mas não conseguiu captar para si eleitores do PSD.

Para quem chegou a avançar a ideia de eleger os dois deputados da Europa, não só ficou muito aquém, como ainda se distanciou mais.

Também na emigração a tentativa de bipolarização só beneficiou o PSD.

5 - A CPTEE do PCP saúda os militantes do Partido e os outros democratas que fizeram desta campanha uma grande iniciativa de esclarecimento político e de afirmação do espírito unitário e de grande coesão, que permitiu a realização em vários países de uma campanha muito dinâmica.

O PCP reafirma a sua disposição de acção consequente em defesa dos interesses dos emigrantes. Continuará, como até aqui, mesmo sem deputado eleito, a desenvolver todos os esforços para que a voz dos emigrantes se faça ouvir na Assembleia da República.

A campanha eleitoral deixou bem claro que a CDU é uma força necessária e com potencialidades que o futuro confirmará.

Lisboa, 22 de Outubro de 1991

A CPTEE do PCP

Em  
qualquer altura  
do ano  
ofereça  
livros!

Erich Hahn / Alfred Kosing

# A FILOSOFIA MARXISTA LENINISTA

Curso  
Básico

Uma obra  
indispensável  
sobre a filosofia  
Marxista-Leninista.

edições  
Avante!

## TRABALHADORES

# O trabalho no feminino Eternamente distintas

Assédio sexual, proibição da gravidez, contratos a termo, piores ordenados, acesso vedado a cargos de chefia. É o mundo do trabalho para as mulheres portuguesas. É uma sociedade por democratizar.

O assédio sexual no local de trabalho teve pela primeira vez presença nos tribunais: os jornais portugueses noticiavam há duas semanas a condenação da empresa Nestlé, levando-a a aceitar a rescisão de contrato com o pagamento de uma indemnização de 1700 contos a uma trabalhadora vítima de um responsável que «moveu um tipo de perseguição patológica nas próprias instalações da empresa» onde se incluíram «propostas veladas de com ele entrar na intimidade» segundo é dito no texto da acusação proferida pelo Ministério Público no Tribunal do Trabalho que denuncia tentativas de «acariciar e beijar» a trabalhadora

que justificam duas coisas: a existência, na extensão conhecida, de assédio sexual nas empresas e a inexistência da que seria uma natural repercussão pública e jurídica de condenação desse tipo de prática.

É que por detrás da prática de assédio sexual nas empresas está toda a situação actual da condição da mulher no emprego.

Numa sociedade onde em média o salário das mulheres é 29 por cento inferior ao dos homens, numa sociedade onde (mesmo em sectores onde o número de trabalhadoras é muito superior ao número de trabalhadores) os lugares de chefia raramente são ocupados por mulheres,

«motivo legal para despedimento».

Sendo prática corrente em muitas empresas portuguesas uma «perseguição» mais ou menos feroz à gravidez das suas empregadas, as diversas «gavetas legais» que o pacote laboral proporciona ao patronato para encontrar meios de despedimento levarão a pensar, ao que parece, que a partir de agora, mulher que trabalha não poderá ter filhos...

Citemos outros casos.

A paralisação da fábrica têxtil Ideal de Coimbra, por falta de matéria-prima e não pagamento de ordenados motivou o mês passado uma manifestação junto à porta do Banco Português do Atlântico no Porto principal credor da firma. Mais de 400 trabalhadores em risco de desemprego, na sua esmagadora maioria, mulheres.

Em Agosto 20 operárias da PROJOTEX - Malhas e Confecções, situada na fre-

guesia da Correlã, concelho de Ponte de Lima, entram ao serviço depois do período de férias e encontram as instalações vazias, sem nenhuma máquina. Encerramento da fábrica apesar de os ordenados oscilarem entre os 18 mil e 36 mil escudos!

Segundo o Sindicato da Indústria Eléctrica do Sul e Ilhas, 964 mulheres perderam ou estão em vias de perder o emprego em resultado das administrações da Seagate (Setúbal) e da Siemens de Évora terem decidido proceder a despedimentos colectivos. Na Siemens das 124 pessoas despedidas, 116 são mulheres (isto depois de em Novembro do ano passado a empresa ter recebido 20 mil contos para estimular o emprego). Na Seagate serão despedidas 848 trabalhadoras. A maior parte das mulheres despedidas tem entre 40 a 50 anos e quase nulas possibilidades de obtenção de novos empregos. Tanto a



Seagate como a Siemens apresentam lucros.

## Emprego precário

Alguns exemplos apenas que muito provavelmente irão em breve ser acompan-

hados por outras empresas. É que as indústrias mais em crise ou em fase de reconversão tecnológica (que justifica segundo algumas administrações os despedimentos em massa, por outro lado a encontrar cobertura legal no chamado pacote laboral) afectam sobretudo mão de obra não especializada, afectam sobretudo mulheres. É o caso de fábricas têxteis, calçado ou componentes electrónicos.

O ramo das indústrias eléctricas, que emprega qualquer coisa como 70 por cento de mão-de-obra feminina, é um exemplo do que acabamos de afirmar.

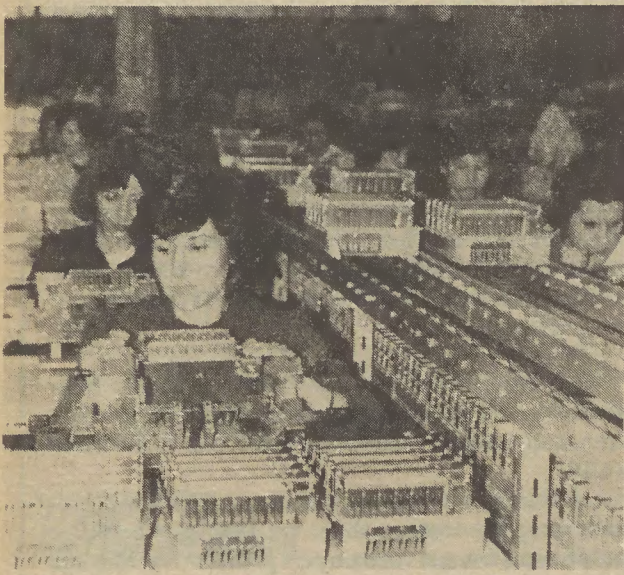
## Reconversão capitalista

Com a perspectiva do desaparecimento das barreiras alfandegárias e a criação do Mercado Único nos países da CEE, muitas multinacionais entraram no nosso país e dominam já quase todo o sector. A estratégia empresarial tende para a especialização, quer do trabalho quer da actividade das próprias empresas com introdução de novas tecnologias e métodos de trabalho que resultam no redimensionamento capitalista das empresas, ou seja, despedimentos em massa que desde há seis anos atingiram mais de dez mil trabalhadores, sobretudo mulheres.

Paralelamente florescem as formas de emprego precário, com destaque para a contratação a prazo. Isto é, despede-se e reduz-se drasticamente o número de trabalhadores efectivos e depois contrata-se a prazo para poder despedir-se quando for necessário.

Esta é uma tendência nacional: os últimos números conhecidos dizem que cerca de dois terços dos empregos criados em Portugal e ocupados por mulheres são de duração limitada ou precários.

As mulheres constituem a esmagadora maioria das contratadas a termo e são muitas vezes incluídas no chamado «grau 10-A», uma categoria profissional sem



As indústrias eléctricas e electrónicas são um dos sectores onde trabalham grande número de mulheres numa situação de emprego precário

ra, entretanto obrigada a ficar junto do seu chefe para trabalhos «sem qualquer interesse» com o fito de insistir numa «proximidade física que a repugnava».

A Nestlé nega agora tudo e diz não ter contestado a acusação em Tribunal para não agravar uma alegada «afecção psíquica» da queixosa e afirma-se, obviamente, contrária a qualquer tipo de assédio sexual.

Outras duas ex-funcionárias da empresa corroboram entretanto as acusações de Edite Pereira dizendo mesmo que a administração é cúmplice, pelo silêncio, da conduta desse responsável da Nestlé, conhecida em toda a empresa. Uma delas terá mesmo sido despedida depois de denunciar o chefe...

Edite Pereira diz que por causa da situação acabou por contrair diversos problemas de saúde, a nível físico e psicológico.

Ao caso foi dado o devido destaque em alguma comunicação social portuguesa, mas, sendo embora diversas vezes referida a raridade das situações de assédio sexual nas empresas que chegam aos tribunais apesar do conhecimento público da relativa elevada frequência desses acontecimentos, não terá sido dado todo um enquadramento social e económico

numa sociedade onde as principais vítimas de desemprego e emprego precário são as mulheres, numa sociedade onde 7,6 por cento das mulheres activas são analfabetas e 76,9 por cento têm apenas a escolaridade obrigatória, numa sociedade onde continua a ser difícil às mulheres estar de igual para igual com os homens no domínio profissional, está estabelecido um contexto onde todo o tipo de abusos surge como «coisa aceitável» ou, quando muito, para esconder, esquecer e ignorar.

## Proibido engravidar

No dia em que vários diplomas do pacote laboral eram publicados no Diário da República, uma semana e meia depois das eleições, a CGTP denunciou um caso que, infelizmente, será paradigmático: a firma Pedra Branca, em Priscos, Braga, enviou uma carta de despedimento a uma trabalhadora por esta não ter declarado estar grávida na altura da contratação - «a firma encontrava-se sobrecarregada de trabalho e necessitava de pessoal assíduo», diz a carta da administração à trabalhadora. A empresa não deixa mesmo de invocar a Lei encontrando nela um alegado

## Um desafio à sociedade

Valorizar as capacidades e os saberes das mulheres, reconhecer como essenciais à sociedade as actividades das mulheres no âmbito do trabalho doméstico, e defender que a realização plena da democracia portuguesa é indissociável do objectivo de assegurar a participação, a igualdade e os direitos deste sector populacional são algumas ideias que há muito tempo os comunistas portugueses defendem e lutam para que se concretizem.

Desde sempre o PCP tem-se preocupado com a situação da mulher no emprego e desde sempre tem trabalhado para que na sociedade portuguesa desapareçam as situações de discriminação, nos seus vários níveis.

Ainda este ano, em Maio, no seminário realizado no Porto e intitulado «Participação das Mulheres em Igualdade - Um Desafio à Sociedade», a situação da mulher no trabalho foi particularmente abordada, defendendo-se o aproveitamento das capacidades produtivas e criativas das mulheres, em contraponto a «uma visão mercantilista do valor do trabalho, a existência de reservas flutuantes de mão-de-obra em função unicamente dos interesses de mercado», visão que no fundo aceita a noção de precariedade do trabalho, tal como um dos documentos aprovados nesse Seminário denuncia ao não aceitar que «metade da população esteja sujeita a modelos e papéis sociais hierarquizados e subalternizados».

## Ideologia

Nesse documento denuncia-se a ofensiva ideológica que neste campo a direita intensifica que «nega a existência da exploração, das discriminações e, quando é de todo impossível iludir as evidências, imputa abstractamente a responsabilidade à sociedade civil, às mentalidades vigentes, ou sugere que se trata de um problema de responsabilidade e, até, de mérito individuais».

Factos e números apontados nestas páginas do «Avante!» indicam o contrário

- a discriminação das mulheres no mundo do trabalho é uma realidade na nossa sociedade.

Dois exemplos: o salário médio das mulheres é, em média, 29 por cento inferior ao dos homens e na taxa de desemprego juvenil, bastante elevada no nosso país, sabe-se que 70 por cento dos jovens sem emprego há mais de um ano são raparigas, em geral com habilitações superiores às dos rapazes que já conseguiram empregos.

## Não à subalternidade

Para o PCP é necessário romper o círculo da subalternidade, dando às mulheres iguais oportunidades no acesso à formação profissional e ao emprego. Será necessário acabar com a segregação no mercado de trabalho, o que implica diversificar as suas escolhas profissionais e investir na formação em profissões técnicas e de futuro.

Nas propostas do PCP aprovadas no referido Seminário, defende-se o desenvolvimento de acções positivas que contribuam para a inserção ou reinserção da mulher no mercado de trabalho e para a melhoria do seu estatuto socio profissional. Revolarizar os postos de trabalho que ocupam e as tarefas que desempenham tendo em conta a necessidade de pôr termo à discriminação salarial e reconhecer e quantificar o valor económico das actividades que as mulheres desempenham enquanto trabalhadoras não renumeradas para uma futura intervenção no domínio da protecção social; eis outras ideias apresentadas pelos comunistas.

Algumas ideias inovadoras, que partem do pressuposto do reconhecimento do valor cultural dos saberes e experiências de vida das mulheres, são apresentadas pelos comunistas ao proporem a possibilidade de obtenção de diplomas ou de certificados aos adultos (homens e mulheres) que adquiram conhecimentos pela sua experiência de trabalho.



## TRABALHADORES

# Desemprego afecta mais as mulheres

As estatísticas comprovam que as mulheres são particularmente atingidas pelo desemprego, sobretudo pelo de longa duração, mas também pela precarização pois neste sector da população abunda o chamado «trabalho independente», designação que normalmente se refere a ex-empregadas por conta de outrem que entretanto procuram saídas com pequenos negócios ou trabalhos em casa, a mais das vezes sem qualquer estabilidade ou se-

gurança. A situação de desfavor social é denunciada pelos números: por exemplo, há maior parcela de desemprego feminino que masculino, atingindo o desemprego de longa duração, em 1989, 68,3 por cento das mulheres.

Os dados disponíveis sobre a situação das mulheres no emprego, elaborados a partir de um «Inquérito ao Emprego» do Instituto Nacional de Estatística apontam para uma subida na percentagem de mulheres considera-

das incluídas na chamada população activa, atingindo neste momento cerca de 43 por cento, bastante inferior à percentagem de mulheres na população total, que como se sabe atinge quase 52 por cento.

No entanto, apesar da subida do número de mulheres incluídas na população activa, os números revelam uma aparente contradição: a verdade é que quer o desemprego quer o trabalho precário

atingem mais as mulheres que os homens.

Em 1990, do número total de desempregadas no nosso país, 62,3 por cento eram mulheres.

Dividindo a actividade das mulheres por sectores verifica-se que o nível de emprego das mulheres é sensivelmente idêntico ao dos homens no sector primário (agricultura, pescas e indústrias extractivas) mas é muito inferior no sector secundário (indústrias transformadoras) onde não chega aos 30 por cento do total de trabalhadores. No sector terciário (comércio e serviços) o nível de emprego das mulheres é ligeiramente inferior ao dos homens, verificando-se uma acentuada tendência para o nivelamento.

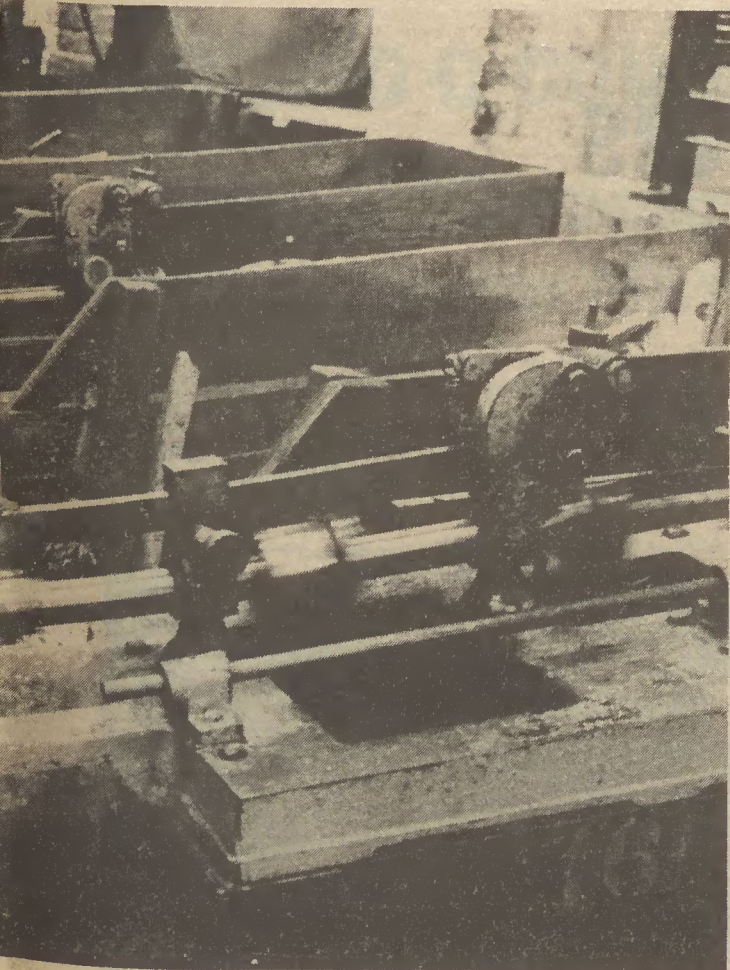
No entanto, se nos referirmos só ao emprego feminino, a verdade é que cerca de 52 por cento das mulheres empregadas estão no sector terciário.

## Emprego precário

Em relação ao total da população activa, maior número percentual de mulheres trabalha por conta própria do que por conta de outrem. No trabalho por conta de outrem as mulheres não chegam a ter 40 por cento de empregos com contratos permanentes, sendo o sector mais atingido pela precarização. Isto, repita-se, são dados de 1989, e se formos analisar a evolução destes valores a partir de 1987 constatar-se-á que, muito provavelmente, neste ano de 1991 a situação é certamente ainda mais grave já que se regista um constante aumento acelerado de empregos precários para as mulheres portuguesas: 41,9 por cento em 1987, 46,2 por cento no ano seguinte e quase 47 por cento em 1989. Como a tendência deve manter-se, a gravidade da situação actual é certamente maior.

Apesar de alguma melhoria nos últimos anos, o Instituto Nacional de Estatística regista bem mais de 50 por cento de mulheres num sector de actividade que classificou como de «trabalhadores não remunerados e outros».

Significativo também é o aumento do número de mulheres que são colocadas na chamada categoria de «patrões»: passou de 17,7 para 21,1 por cento em três anos. Uma situação que certamente tem a ver com a precarização no emprego já que é com alguma naturalidade que trabalhadores dispensados pelas empresas venham a optar por actividades por conta própria, pequenos negócios (tantas e tantas vezes por si só precários) que as levam a transformar-se em falsos patrões ao passarem a ter trabalhadores ao seu serviço, na concretização de mecanismos de exploração em cadeia e por interpostos trabalhadores por conta própria.



A especialização do mundo do trabalho tem levado as empresas a efectuarem despedimentos de pessoal dito «não qualificado» numa situação que afecta particularmente as mulheres

especialização nem possibilidades de avanço de carreira: é considerado trabalho não especializado e mesmo que a trabalhadora na prática desempenhe funções de outra categoria profissional, não passa a ser renumerada ou classificada de outro modo.

## Discriminação também no Estado

É significativo que apenas cinco por cento de mulheres ocupem lugares de chefia intermédia neste sector.

É significativo ser do domínio público que empresas deste ramo cheguem a contratar mulheres com base em critérios de apresentação física e idade. É que a discriminação contratual acaba sempre por levar a outros tipos de discriminação eventualmente mais graves. Daí ao abuso puro e simples vai uma fronteira muito estreita.

Os sindicatos, de resto, têm denunciado situações discriminatórias diversas: mulheres que fazem o mesmo trabalho que os seus colegas homens, ganhando menos 20 ou 30 contos e com diferentes qualificações profissionais; criação de prémios de produção só para cargos de chefia (afastando as mulheres da possibilidade de os ganhar); passagem a empregados efectivos das empresas única e exclusivamente de homens.

Situações que envolvem empresas como a Centrel, ABB, Siemens, Cablexa, Grundig, Alcatel, Philips, Timex, Electrocerâmica, AEP, Indelma, Sipe, Ibervisão, Iasaky, etc., etc.

Mas o próprio Estado é protagonista de discriminações. Não é por acaso que na função pública as mulheres, que constituem 53 por cento do total dos trabalhadores, ocupam apenas 14 por cento dos lugares de direcção e apenas 33 por cento estão qualificadas como quadros técnicos.

Outros exemplos: uma costureira encontra-se, pro-

fissionalmente, colocada três graus abaixo do cortador de luvas embora as tarefas desempenhadas pela costureira sejam mais complexas e exijam maior tempo de aprendizagem. A empregada de andares, a quem cabem todas as tarefas de arranjo e limpeza dos quartos nos hotéis incluindo fazer camas, está um nível abaixo do porteiro, cujas tarefas são bem mais simples. Na indústria de conservas de peixe são as mulheres que fazem todas as operações de preparação do peixe enquanto os homens se limitam a transportá-lo; apesar disso elas estão classificadas muito abaixo deles.

## Explorar o saber das mulheres

E depois há ainda outra questão: quanto saber tradicional das mulheres é aproveitado e explorado? Quantas cozinheiras ou empregadas de andares, para citar dois exemplos, nunca passaram por qualquer tipo de formação profissional? No entanto, formar um trabalhador exige tempo e dinheiro.

Os ramos de actividade mais feminizados são a agricultura (52,4 por cento), têxteis (66,4 por cento), educação (77,1 por cento), saúde (70,4 por cento) e outros, nomeadamente domésticos (55,4 por cento).

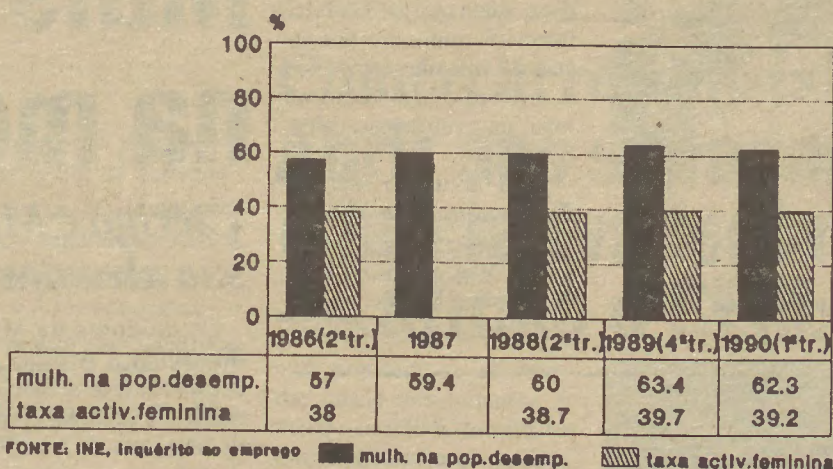
Nas acções de formação profissional levadas a cabo pelo organismo do Estado responsável, as mulheres são somente 21 por cento dos formandos concentrando-se nos sectores tradicionalmente femininos: 11 por cento no artesanato e 60 por cento nos serviços.

A mudança, urgente e necessária, na situação da mulher no trabalho exige toda uma outra política, toda uma outra mentalidade. Caso contrário, continuaremos a ter situações de injustiça, vergonha escondida, discriminação. Uma sociedade não democrática, em suma.

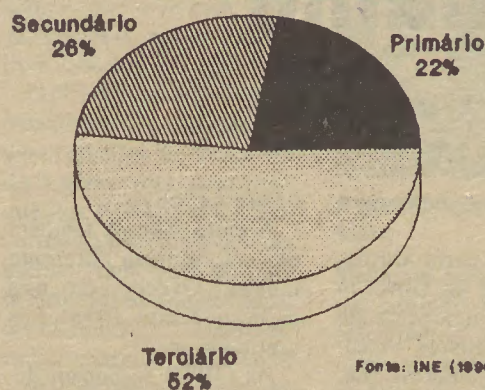


As mulheres constituem 53 por cento dos trabalhadores da Função Pública mas ocupam apenas 14 por cento dos lugares de direcção

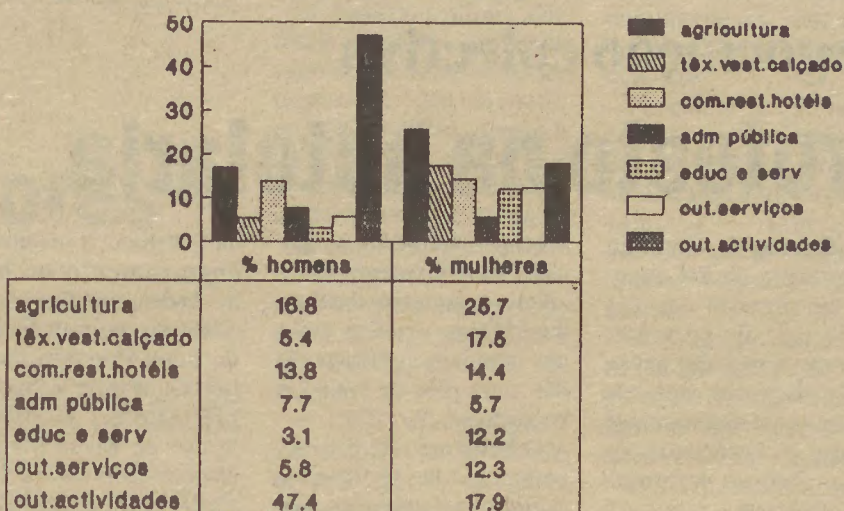
## AS MULHERES ACTIVAS E DESEMPREGADAS



## EMPREGO DAS MULHERES POR SECTORES



## SEGREGAÇÃO DO EMPREGO



## TRABALHADORES

## Pacote laboral

Resistência a todos os níveis  
— preconiza a CGTP

Como o «Avante!» noticiou na semana passada, foi publicada no «Diário da República», isto é, entrou em vigor a legislação conhecida por pacote laboral.

Para o coordenador da CGTP-IN, Manuel Carvalho da Silva, a legislação publicada em 16 do corrente precariza ainda mais as relações de trabalho e é prejudicial para os trabalhadores.

Manuel Carvalho da Silva disse à Lusa que aquelas leis provocarão uma ac-

ção de resistência a todos os níveis.

«Temos de melhorar a qualidade e a estabilidade do emprego, combater a precariedade e os despedimentos», disse o coordenador.

Por outro lado, e segundo o mesmo dirigente, é necessário «conjugarmos todos os esforços para derrotar a política de contenção salarial que o Governo pretende pôr em prática».

Ao intervir na abertura do plenário de sindicatos da

CGTP, Carvalho da Silva sublinhou que os aumentos salariais de 1992 devem ter em conta não apenas a inflação, mas também os ganhos de produtividade e a necessidade da aproximação aos valores salariais europeus.

O coordenador da CGTP defendeu a necessidade de a Central responder aos problemas imediatos e às reivindicações dos trabalhadores, neste momento em que, logo a seguir às eleições, se intensificaram os despedimentos (ou o seu anúncio), e aumentou a repressão em muitas empresas.

Além disso, a CGTP tem que ter uma posição estratégica bem estruturada, que «permita intervir com dinâmica no presente, mas também ter projectos para o futuro».

Quanto ao pacote laboral, Carvalho da Silva disse ainda que a CGTP-IN intervirá contra ele nos locais de trabalho (empresas e sectores), bem como ao nível da contratação colectiva.

Essa actuação será de molde a mostrar à sociedade portuguesa que os aspectos mais graves do pacote devem ser revogados. Entretanto, o plenário de

sindicatos decidia lutar pela aplicação das «promessas feitas por Cavaco Silva» durante a recente campanha eleitoral.

O Governo deve cumprir

e fazer cumprir os direitos individuais e colectivos dos trabalhadores, reduzir o horário de trabalho semanal, aumentar as prestações sociais e melhorar a distri-

buição da riqueza.

A CGTP-IN defendia entretanto num colóquio em Lisboa a criação de um estatuto do imigrante em Portugal.



Em Lisboa (Março de 91) o pacote era recusado na rua pelas principais empresas do País

Forte ameaça  
sobre o trabalho  
na INDEP

Transformada em sociedade anónima, a INDEP prepara-se para reduzir ainda mais o seu quadro de pessoal.

A comissão de trabalhadores (CT) e outras estruturas representativas (ORT's) recordam que de 1986 até hoje «foram destruídos quase 2000 postos de trabalho».

A par disso, «nenhuma medida de reestruturação efectiva foi tomada», afirmam as ORT's da INDEP em comunicado de quinta-feira passada.

Numa carta aberta ao secretário de Estado da Defesa, os representantes dos trabalhadores afirmam que a «racionalização e modernização» anunciadas se limitaram até agora a reduzir «a escala de efectivos».

A empresa que empregava 3100 trabalhadores em 1986 tem agora apenas 1200, perspectivando-se

este ano a sua redução para 700.

Na mesma carta afirma-se ainda que «o Governo não assumiu nem pretende assumir os custos estruturais de uma empresa que, reconhecidamente, é de interesse estratégico para a

defesa nacional».

A carta salienta também que «a empresa apresenta índices de recuperação, mas as deficiências estruturais acentuam-se».

As ORT's reclamam decisões que evitem meio milhão de despedimentos.

## Negociação colectiva

## Protesto na hotelaria

A direcção do Sindicato da Hotelaria do Sul anunciou um protesto nos dias 25, 29 e 31 do corrente, junto da Associação patronal da Hotelaria «por esta se recusar sistematicamente a iniciar as negociações de vários processos de contratação colectiva».

Numa nota de anteontem os dirigentes sindicais da

hotelaria acrescentam que «tal facto (a recusa) não é alheio à maioria absoluta do PSD, ao qual se junta um imediato agravamento das condições de trabalho no sector».

O Sindicato refere o despedimento de 30 trabalhadores do refeitório da Seagate; o despedimento de 15 trabalhadores no refeitório

da Firestone; a tentativa de encerramento do hotel S. André, em Sines; o aliciamento dos trabalhadores do hotel Sheraton no sentido de os levar a solicitar a pré-reforma; salários em atraso na Recta (empresa concessionária de refeitórios); e processos disciplinares contra delegados sindicais.

Se as unidades não se modernizaram, não foi por culpa dos trabalhadores

Mais desemprego  
na metalurgia

Clérigo e Masa em grave situação  
são alvo dos tribunais

Os credores da Masa-Metalúrgica Artística, SA decidiram recentemente remeter o caso desta empresa de Mourisca do Vouga, em Águeda, para o tribunal, no sentido de ser decretada a falência.

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Aveiro acusa os responsáveis de «gestão ruínosa» prosseguida durante anos, pelo que «a insolvência da empresa» está praticamente consumada.

A empresa, que «chegou a liderar o sector das bandeiras em chapa estampada e lava-louças», emprega 100 trabalhadores aos quais o Sindicato faz um apelo à luta pela salvaguarda dos seus

direitos e principalmente do direito ao trabalho.

Entretanto, no Vale da Rosa, em Setúbal, o tribunal mandava executar, em 16 do corrente, a ordem de despejo da fábrica Clérigo.

Segundo a Lusa, a administração da empresa não chegou a acordo com a Leasingpor do Porto a quem deve 60 mil contos.

Ficarão no desemprego 120 trabalhadores.

Trabalhadores de outras fábricas manifestaram solidariedade com a luta dos trabalhadores da Clérigo.

O bispo de Setúbal, D. Manuel da Silva Martins, interveio publicamente contra a ordem de despejo e foi veemente na defesa dos trabalhadores.

## Seguros

Despedimentos  
na Eagle Star

O Movimento Alternativa, corrente unitária dentro do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul e Ilhas, filiado na UGT, protesta contra o despedimento de 8 trabalhadores da Eagle Star.

A fórmula invocada é a do despedimento colectivo, baseado já no Pacote Laboral que acaba de ser publicado no «Diário da República».

O Movimento Alternativa diz que os administradores daquela empresa de seguros alegam para o despedimento «o excesso de pessoal verificado na sede desde 1988».

No entanto, depois dessa altura admitiram 11 trabalhadores, «sendo 9 para as delegações, sem concurso interno».

Em comunicado de 7 do corrente, o Movimento acrescenta que «os trabalhadores são ainda culpados de não possuírem a formação profissional que lhes foi negada ou, em alguns casos, de problemas de saúde ou de excesso de idade».

O Movimento, que se solidariza com os colegas da Eagle Star, pediu uma reunião extraordinária do Sindicato para tratar do assunto.

## TRABALHADORES

# Adiado o congresso da FCT

## Células do PCP tomam posição sobre comunicado dos TSD/PSD no sector

Marcado inicialmente para sexta e sábado da semana passada, como anunciamos na edição anterior do «Avante!», o 4.º Congresso da FCT foi adiado para 5 e 6 de Dezembro próximo, nas instalações da União de Comerciantes do Distrito de Lisboa.

Na nota que emitiu sobre o assunto, a Federação das Comunicações e Telecomunicações limita-se a alterar a data do Congresso e a reafirmar que «numa fase de grandes e irreversíveis transformações no campo tecnológico, que abrange todo o ramo de actividade que a nossa Federação sindicalmente representa, o 4.º Congresso assume uma importância particular».

### Bom caminho?

Entretanto, as células do PCP nos CTT/TLP e na Marconi emitiam uma nota conjunta que remete para um comunicado dos TSD/PSD, «cujo conteúdo evidencia de forma clara uma atitude fascizante».

No comunicado dos TSD manifesta-se a «intenção — afirmam as células — de afastar do caminho todos os grãos de areia». As organizações do PCP naquelas empresas acrescentam que esses grãos de areia são «homens e mulheres que, com competência, capacidade e dedicação, tudo têm dado para que as empresas cresçam, se desenvolvam e

se afirmem nacional e internacionalmente».

Intitulado «No bom caminho», o comunicado dos TSD/PSD refere a dado passo:

«Impõe-se, pois, fazer as alterações necessárias e convenientes, pelo que se espera que todos aqueles que não se identifiquem com o programa do Governo para o nosso sector das comunicações tenham a dignidade suficiente para colocar o seu lugar à disposição, de modo que o progresso das nossas empresas possa contribuir de um modo decisivo para uma cada vez maior desenvolvimento do País».

O comunicado dos TSD/PSD tem a data de 14 do

corrente. Dois dias depois, a mesma organização ligada ao partido que venceu em 6 de Outubro reafirma as suas posições, mas remete para outros (que «indevida e abusivamente» usam o nome dos TSD) «princípios e métodos» que eles, TSD (secretariados de Lisboa, Porto e Coimbra), não subscrevem.

Comentando, em 18 do corrente, as posições dos TSD, as células do PCP nos CTT/TLP e na Marconi reafirmam, nomeadamente:

«A quem tem promovido o clientelismo, a incompetência e a instabilidade há 11 anos, é no mínimo caricato que venha agora exigir o seu fim. De facto, o que pretendem é substituir trabalhadores honestos e competentes por amigos do chefe Cavaco Silva, ou candidatos a chefe de qualquer coisa mesmo que não percebam de nada».

## Têxteis

# Programa urgente exigido em Coimbra

Um programa urgente de reestruturação da indústria têxtil foi exigido em Coimbra pela Comissão Concelhia do PCP.

Esse programa deve ter em atenção e acompanhar «a integração do Acordo Multifibras nas regras do GATT» e conjugar «a participação activa e coordenada do Estado, dos empresários, dos trabalhadores e das suas organizações representativas, bem como das entidades regionais».

Depois de apresentar alguns exemplos que ilustram «a gravíssima situação económica» do sector que mais mão-de-obra emprega (casos da Francisco Martins, Ideal, Mondorel e Colsi), a Concelhia apresenta ainda as seguintes exigências:

- Uma comparticipação substancial dos fundos específicos da CEE para a concretização daquele programa de reestruturação;
- Um programa de for-

mação profissional que oriente a mão-de-obra não qualificada existente no sector, e um programa de investigação e desenvolvimento ligado ao sector;

- Um programa integrado de desenvolvimento regional que também tenha em conta a realidade e as necessidades deste sector;

- Adopção de medidas de natureza económica e social, designadamente apoios para a instalação local de novas actividades produtivas e transformadoras, e com postos de trabalho alternativos, sendo dada toda a prioridade aos trabalhadores agora afectados.

Ao solidarizar-se com a luta desenvolvida pelos trabalhadores e as suas organizações, a Concelhia de Coimbra destaca que «só a luta de massas, só os trabalhadores têxteis unidos e organizados, podem conduzir à defesa dos seus interesses e direitos, isto é, à vitória».

## Encontro internacional Vila Real-Astúrias

A União dos Sindicatos de Vila Real comemora no próximo sábado o 21.º aniversário da fundação da Intersindical Nacional, hoje, CGTP-IN.

Um jantar-convívio no refeitório da Escola Secundária de S. Pedro e um programa de música popular,

bem como intervenções alusivas à data, fazem parte das comemorações da fundação da CGTP naquele distrito transmontano.

Foi anunciada entretanto para hoje a chegada a Vila Real de uma delegação sindical das Astúrias para participar no Encontro Nacional das duas regiões.

A emigração portuguesa naquela parte da Espanha, o desemprego nas duas regiões, a Segurança Social, a indústria mineira e o seu futuro, e a Europa social e a intervenção dos sindicatos serão temas a tratar no Encontro que se efectua amanhã.

## Comércio retalhista Abrir aos sábados de tarde é iniciativa isolada — afirma o CESL

A propósito da abertura das lojas aos sábados à tarde, o CESL-Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa afirma que se trata de uma «iniciativa isolada do comércio tradicional» que teve uma reacção negativa, pois não constitui solução.

O CESL adianta que a iniciativa da Associação dos Comerciantes de Vestuário de Lisboa veio confirmar que «os problemas da concorrência que atingem o comércio tradicional no confronto com os grandes espaços comerciais — supermercados e centros comerciais — não se compadecem com soluções isoladas e não concertadas com os representantes dos trabalhadores».

O Sindicato afirma que tinha proposto «um novo esquema diversificado de organização dos horários», que não excluía a abertura aos sábados à tarde, mas preconizava um horário semanal máximo de 40 horas.

A proposta foi bem aceite pelo patronato. Opuseram-se apenas os representantes dos supermercados e da ARPA (retalhista alimentar).

O CESL sublinha que a sua proposta ia no sentido de «conjugar os interesses dos trabalhadores» com os problemas reais no domínio da concorrência.

Há um ano, o mesmo



A questão dos horários tem que ser resolvida com os sindicatos

Sindicato propôs, na altura da revisão do contrato colectivo de trabalho, uma opção entre as 44 horas semanais e a abertura ao sábado à tarde com 40 horas.

Neste último caso, os trabalhadores teriam direito a dois dias de descanso seguidos, um dos quais seria o domingo.

As empresas que funcionassem ao domingo, além das 40 horas e de dois dias de descanso obrigatório por semana, teriam ainda «direito a um acréscimo salarial mensal de 20 por cento».

A proposta apresentada há um ano pelo CESL volta à ordem do dia, numa altura em que está próxima nova revisão contratual.

O CESL sublinha que o acordo não foi possível há um ano «apenas pela oposição da Associação dos Retalhistas de Produtos Ali-

mentares e da Associação dos Supermercados».

O Sindicato considera essa oposição «significativa». Quanto à «iniciativa desgarrada» da Associação dos Comerciantes de Vestuário de Lisboa, o CESL considera-a um «fracasso».

Esta última Associação «nem sequer consultou, ou tentou concertar qualquer posição com o CESL», que volta a pôr na mesa a proposta apresentada há um ano.

Entretanto, o CESL fazia distribuir pelos seus associados um comunicado, lembrando que «o trabalho ao sábado à tarde não é obrigatório».

Sempre que esse trabalho se verifique «voluntariamente» é considerado suplementar, «dando direito a remuneração e descanso extraordinários», frisa o CESL.

## Contratos na Função Pública

Um diploma do Governo, publicado no «Diário da República» de 17 do corrente, determina que o contrato de trabalho a termo certo na Administração Pública pode ser objecto de renovação, mas a

sua duração total nunca poderá exceder um ano.

É assim alterado um decreto-lei de 1989 que definia o regime de contratação. Os contratos decorrentes de projectos desenvolvidos com apoio internacional poderão ter a duração de dois anos.

O contrato a termo certo, conforme a lei, só pode ser celebrado por um período inferior a seis meses. Três meses é o prazo máximo de duração de contratos assinados em situações específicas.

## Pesca espanhola

# Prejuízo para os Açores

A presença de barcos pesqueiros espanhóis nos mares do Arquipélago dos Açores prejudica a actividade dos pescadores açorianos.

O Sindicato Livre dos Pescadores dos Açores criticou na semana passada a presença das traineiras espanholas, não apenas pelas

capturas de atum voador, que estão autorizadas, mas pela pesca de isco, constituída por chicharro, cavala e sardinha.

De acordo com o Sindicato, citado pela Lusa, «no mínimo, as embarcações espanholas devem ser proibidas de capturar isco vivo

junto à costa, em zonas tradicionais de pesca artesanal».

A presença dos pesqueiros espanhóis nos mares dos Açores iniciou-se no Inverno passado, ao abrigo de um acordo com uma empresa local e com a autorização do Governo regional.

## TRABALHADORES

### Indústrias Eléctricas

# Vaga de despedimentos atinge a Seagate e a Siemens

## • Trabalhadores respondem com a luta

Uma vaga de despedimentos está a atingir os trabalhadores das empresas de fabricação de material eléctrico e electrónico. Só nos últimos três meses consumiu-se um despedimento colectivo e foram anunciados mais dois, que, a concretizarem-se, juntamente com o primeiro caso, representarão no total a eliminação de 1492 postos de trabalho, 1200 dos quais correspondem a empregos efectivos.

Pouco tempo depois do despedimento efectuado em 16 de Agosto último na

Automática Eléctrica Portuguesa, abrangendo 465 trabalhadores, na sua maioria mulheres, veio juntar-se agora a declaração da Seagate, multinacional americana, de encerramento sua fábrica de Palmela até ao próximo Verão, com despedimento dos seus 840 trabalhadores, enquanto a direcção da empresa alemã Siemens, instalada em Évora, anunciava no passado dia 7 do corrente idêntica intenção de proceder ao despedimento de 124 pessoas, a ter lugar a partir de 6 de Janeiro próximo.

Este quadro laboral vem assim ensombrar ainda mais um sector que no curto período que medeia entre 1987 e 1990 conheceu a eliminação de 4471 empregos na sua esmagadora maioria permanentes, em treze empresas, através de rescisões de contratos ditas por mútuo acordo.

Duas dessas empresas — a OSRAM (alemã) e a TIMEX (americana) — encerraram mesmo as suas portas e a verdade é que nas restantes não se verificaram praticamente novas admissões de pessoal, salvo ex-

cepções pontuais e pouco significativas de contratações a prazo.

Como não podia deixar de ser, a reacção dos trabalhadores a esta situação não se fez esperar e, só na passada semana, respondendo ao apelo do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, cerca de 2300 trabalhadores fizeram greve.

Estiveram neste caso os trabalhadores da Seagate, que cumpriram com uma adesão total duas horas e meia de paralisação diária entre segunda e sexta-feira, da passada semana, repartidas por cinco períodos de meia hora, contra os despedimentos e o encerramento da empresa.

Numa primeira acção de protesto contra o despedimento colectivo, em greve estiveram também faz amanhã oito dias os trabalhadores da Siemens de Évora, cumprindo uma paralisação de duas horas que teve igualmente uma adesão praticamente total.

Fértil em lutas no sector, a semana que passou registou ainda na quarta-feira pelo período de uma hora ainda a paralisação total dos 150 trabalhadores da

empresa Semicondutores e Electrónica de Portugal (SMP), de S. Gabriel, Cascais, que deste modo quiseram manifestar o seu protesto por questões relacionadas com reclassificações profissionais e pela redução do horário de trabalho de 42 para 40 horas semanais.

Analisando a resposta dos trabalhadores e a sua adesão e disponibilidade para empreenderem acções de luta em defesa dos seus direitos, o SIESI considerou relevante que estes, no caso dos despedimentos, «não se deixem abater pelo fatalismo da inevitabilidade dos mesmos e lutem denodadamente pelo direito ao trabalho».

José Brita, presidente do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, em conferência de imprensa, não deixou de realçar, por outro lado, o facto de, num momento de intensa ofensiva contra o direito ao trabalho, os trabalhadores da Semicondutores e Electrónica de Portugal, na sua maioria mulheres, terem iniciado um processo de luta reivindicativa, o que é interpretado como um sinal de que «não se deixarão in-

*O SIESI, no quadro da luta contra os despedimentos, vai propor às assembleias de delegados, a realizar no final deste mês, uma concentração de activistas sindicais do sector em frente ao Ministério do Emprego, a realizar, em princípio, no próximo dia 8 de Novembro.*

timidar e que a escalada contra o emprego não os retemerá a meras posições defensivas, nem os desmobilizará de acções reivindicativas, salariais ou outras».

Relevante, na opinião daquele dirigente sindical, é ainda a circunstância de «poucos dias passados sobre os resultados eleitorais de 6 de Outubro mais de dois mil trabalhadores das indústrias eléctricas recorram à greve».

Disposto a «continuar a organizar a luta contra os despedimentos e a luta reivindicativa nas empresas», conforme foi sublinhado na conferência de imprensa, o SIESI vai também procurar alargar as acções de solidariedade. Nesse sentido, vai propor às assembleias de delegados, a realizar no final deste mês, uma concentração de activistas sindicais do seu âmbito frente ao Ministério do Emprego, a realizar, em princípio, no próximo dia 8 de Novembro.

## Evolução do emprego

EMPRESAS	SECTOR	1987	1988	1989	1990	1991
AEP	FMEE	1 516	1 429	1 170	790	- 726 *
Cel-Cat	«	797	568	404	401	- 396
Cabos Ávila	«	591	569	533	514	- 77
Autosil	«	493	477	450	376	- 117
Tudor (Bat.)	«	1 000	1 036	944	797	- 203
Tudor (pilhas)	«	219	210	187	162	- 57
Sipe	«	577	583	497	407	- 170
Alcatel	«	2 008	1 540	1 382	1 018	- 990
Seagate	«	929	927	1 018	812	- 117
Asea (Lx./Alverca)	«	418	418	233	247	- 171
Timex	«	620	600	550	—	- 620
Osram	«	120	—	—	—	- 120
Acta	«	561	—	471	404	- 157
		<b>9 849</b>			<b>5 378</b>	<b>- 4 471</b>

Fonte: Balanços Sociais

\* Antes do despedimento colectivo

## Governo cúmplice do patronato

Um aspecto novo nos casos da Seagate e da Siemens é o facto de se estar perante despedimentos colectivos em empresas que não só não têm prejuízos como, pelo contrário, são lucrativas. Quem o recorda, em documento distribuído aos jornalistas, é o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI), para quem o encerramento da Seagate corresponde a uma decisão estratégica da empresa-mãe, sediada nos EUA.

A este respeito refira-se que a lei comunitária sobre despedimentos colectivos encontra-se actualmente em revisão justamente para dificultar casos deste género e o próprio comportamento da Seagate ainda no passado dia 10 foi objecto de condenação no Parlamento Europeu.

No caso da Siemens, como assinala o documento sindical, a direcção da empresa seleccionou os trabalhadores doentes, sinistrados e com mais idade, reconhecendo que os motivos

invocados se devem a uma situação conjuntural.

Ambos os casos têm, porém, como alerta o SIESI, um forte impacte regional: o da Seagate ocorre na zona de Setúbal, onde a taxa de desemprego é de 12,5 por cento; em Évora, onde está instalada a Siemens, esta taxa eleva-se para 16,5 por cento.

As alegações para os despedimentos carecem entretanto de fundamentação, tanto no caso da Seagate como da Siemens, na opinião do SIESI, que assinala que «o que foi apresentado são meras declarações não demonstradas», e nalguns casos, contraditórias. Por outro lado, faz notar que estas empresas não apresentaram qualquer medida no sentido de que os despedimentos fossem evitados.

Alvo de severas críticas por parte do SIESI é também o comportamento do Ministério do Emprego, classificado de «cumplicidade para com o patronato». Relativamente ao caso da Seagate, o Sindi-

cato considera nomeadamente que está viciado o processo relativo ao primeiro despedimento, a concretizar amanhã, dia 25.

Fundamentando a sua afirmação, o SIESI lembra que a empresa apresentou dados processuais que posteriormente alterou, como sejam a proveniência e o número dos trabalhadores a despedir, sem que o Ministério interviesse, isto para além de não acolher propostas tendentes à salvaguarda dos postos de trabalho.

«Este comportamento cúmplice estimula o aparecimento de novos despedimentos colectivos, os quais foram facilitados pelo pacote laboral saído em 1989», assinala ainda o Sindicato, antes de chamar a atenção, a concluir, para o facto de o Ministério do Emprego, no entanto, «nem sequer estar a cumprir o que a lei passou a determinar — a verificação da legalidade processual e substantiva dos despedimentos».

## A estratégia das multinacionais

A ofensiva que tem vindo a ser desencadeada contra o emprego em empresas de fabricação de material eléctrico e electrónico, de que resultou já a eliminação de cerca de 4500 postos de trabalho no período compreendido entre 1987 e 90, desenvolve-se na opinião do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI) segundo duas vertentes distintas.

Uma, corresponde a uma tendência geral para a redução dos efectivos, inserida numa estratégia de redimensionamento das empresas. É o caso de empresas antigas, onde a mão-de-obra é essencialmente masculina e onde é exigido um certo nível de qualificação.

Exemplos desta estratégia, segundo fontes sindicais, encontram-se claramente nos subsectores das Pilhas e Baterias e nos Cabos Eléctricos, com as empresas Autosil, Tudor Pilhas e Tudor Baterias, Cel-Cat e Cabos Ávila. Com os seus efectivos de pessoal reduzidos em metade dos trabalhadores empregues há quatro anos atrás, todas estas empresas declaram ir prosseguir esta política de redução, através das rescisões de contrato, os chamados «despedimentos cor-de-rosa».

Trata-se, no fundo, de uma estratégia que na opinião da organização sindical não pode ser dissociada da integração do nosso país no Mercado Único, acrescida, em certos casos, com associações ou fusões a empresas estrangeiras para renovação tecnológica (casos dos Cabos Ávila e SIPE), estando ainda relacionada com o novo conceito de unidades industriais

mais pequenas, com alinação de actividades periféricas. As grandes empresas, neste contexto, apresentam uma tendência de redimensionamento para médias ou mesmo pequenas empresas.

Numa segunda vertente, encontra-se o subsector da electrónica, onde se integram a Seagate e a Siemens, relativamente ao qual a tendência é para o recurso aos despedimentos colectivos. Trata-se de empresas multinacionais fabricantes de componentes, de mão-de-obra intensiva e feminina, com tecnologia exterior, sujeitas aos fluxos e refluxos das mudanças tecnológicas e à estratégia internacional das empresas-mães.

Os despedimentos colectivos são, aliás, como recorda o SIESI num documento distribuído em conferência de imprensa, «um traço tradicional da actuação das multinacionais, exímias em aproveitar situações conjunturais para pressionarem no campo laboral e político. Foi assim a seguir ao 25 de Abril de 1974 e continua a ser assim sempre que podem ter mão livre para potenciarem os seus interesses».

Importa ainda notar que alguma criação de emprego no sector das indústrias eléctricas, parte do qual em multinacionais fabricantes de componentes eléctricos, é feita quase exclusivamente a título precário, apesar de grande parte dos postos de trabalho criados ter características de postos de trabalho permanentes, uma vez que implicam a laboração com máquinas utilizáveis, no mínimo, por um período de dez anos.

# Sem desenvolvimento regional não há coesão económica e social

Regiões menos desenvolvidas representam 40 por cento do total da superfície da Comunidade

A Comissão dos Assuntos Económicos e Monetários e da Política Industrial do Parlamento Europeu aprovou a semana passada, por unanimidade, o parecer do deputado comunista Sérgio Ribeiro sobre a situação socioeconómica e o desenvolvimento das regiões da Comunidade na década de 1990. Trata-se de uma análise do quarto relatório periódico da Comissão da Política Regional e do Ordenamento Territorial dedicado a esta matéria, o qual repete, na sua es-

trutura e nas suas recomendações políticas, os relatórios anteriores.

A primeira crítica ao relatório prende-se justamente com o facto do mesmo parecer ter sido concebido como se nenhuma mudança estivesse a ocorrer na Comunidade, apesar da União Económica e Monetária estar em curso desde 1 de Julho de 1990.

Em segundo lugar, o parecer do deputado português considera serem «confusos» os princípios que fundamen-

tam a abordagem da Comunidade no relatório em questão. E isto porque, como se faz notar, «nuns casos parece seguir-se tacitamente o tradicional ponto de vista de que a integração económica arrastaria - dir-se-ia que automaticamente - a melhoria das condições de vida, em todos os níveis e espaços; noutros lugares, parece adaptar-se a perspectiva de que a abolição das restrições ao comércio e à circulação acrescem a capacidade de atracção das regiões mais avançadas relati-

vamente à localização das capacidades económicas, em razão das infra-estruturas (de todo o tipo) instaladas, da qualificação da mão-de-obra, de economias de escala, da proximidade de mercados, ou sua acessibilidade, quer a montante quer a jusante».

O ponto de partida deste 4º relatório deveria ter sido outro, considera Sérgio Ribeiro: a identificação do problema regional no actual estágio e na evolução que se verifica, e sobretudo no novo contexto institucional que se está

criando. E isto porque, defende, a questão central «está no facto de que as regiões menos desenvolvidas, e numa certa medida, as áreas afectadas pelo declínio industrial, sofrem de uma verdadeira síndrome de perifericidade, com todos os sintomas de infra-estruturas obsoletas, maus e dispendiosos transportes por deficientes ou inexistentes redes de transporte, mão-de-obra com baixo nível de qualificação, administração ineficiente, distorcida estrutura de preços, baixa produtividade, fraca remuneração ao capital, tendências demográficas desfavoráveis e, em geral, altas taxas de desemprego».

Recorda o parecer de Sérgio Ribeiro que a dimensão económica da perifericidade se define «pelos dados e factos económicos que caracterizam as regiões que formam a periferia da Comunidade». Ora acontece que elas representam 40 por cento da superfície total da Comunidade, cerca de 20 por cento da sua população, mas o PIB respectivo não passa de 13 por cento do PIB total da Comunidade. Uma realidade económica que não pode ser dissociada da sua dimensão social, que se traduz nas condições e no nível de vida das populações, evidentemente desfavorecidas nessas regiões.

Por outro lado, Sérgio Ribeiro considera que o quarto relatório deveria ter promovido uma análise do desenvolvimento das regiões no contexto da primeira fase da UEM, em desenvolvimento.

Neste âmbito, o eurodeputado sublinhou ser da maior importância «reconhecimento da coesão económica e social como elemento integrante das políticas comunitárias», devendo o mesmo assegurar «consistência na realização dos objectivos comunitários». Citou, a título de exemplo, a política agrícola, que «deverá contribuir mais para o desenvolvimento das regiões periféricas do que o fazia antes», enquanto a política empresarial da Comunidade «não deverá penalizar sectores e empresas sensíveis localizados na periferia». Neste sentido defende que as regiões periféricas «não deverão ficar mais vulneráveis aos choques externos», pelo que a questão da convergência se coloca a vários níveis. Trata-se, em suma, de garantir o objectivo da coesão económica e social, que tem uma determinante dimensão regional e se traduz, ou deve traduzir, num melhor viver para os cidadãos onde quer que eles se encontrem.

## Conclusões

A Comissão de Assuntos Económicos e Monetários e de Política Industrial, com base no relatório do deputado Sérgio Ribeiro, solicitou à Comissão de Política Regional e de Ordenamento do Território, como comissão de fundo, a incorporação das seguintes conclusões na sua moção para resolução:

### Em relação às regiões no contexto da fase I da UEM:

1 - Sublinha que o grau de protecção comunitária para os choques regionais, através dos fundos estruturais e de empréstimos, não tem sido suficiente para impedir a manutenção, quando não agravamento das disparidades regionais;

2 - Salaria que a convergência regional só se pode conceber a longo prazo, e pressupõe taxas de crescimento económico para as regiões menos desenvolvidas muito superiores às da média comunitária durante períodos longos (20 e mais anos);

3 - Considera que os cinco novos "lander", para além de alargarem a periferia da Comunidade, apresentam problemas específicos muito graves - que se reflectem numa previsão de taxas de desemprego de 50 por cento -, implicam a necessidade de se rever a política de ajuda e obrigam a propostas específicas, no quadro de uma nova política regional;

4 - Anota que o orçamento global da Comunidade não promove satisfatoriamente a protecção em caso de choques regionais, e as estimativas de avaliação sugerem que não mais do que 1 por cento do rendimento perdido por um Estado-membro pode ser compensado pelas receitas da Comunidade;

5 - Chama a atenção para o facto dos elementos básicos da UEM terem consideráveis reflexos nas disparidades regionais, em resultado do efeito combinado dos choques em cada economia nacional e dos escassos mecanismos de ajustamento de que estão dotados para poder responder a esses choques;

6 - Prevê que a dimensão do financiamento público pelos Estados-membros será reduzida até à fase final da UEM, e mesmo na fase I, em resultado de: diminuição do «direito de senhoriação»; redução das receitas do governo devida à harmonização fiscal; desencorajamento da expansão fiscal face ao choque negativo na oferta.

### Em relação à união económica e as regiões

7 - É de opinião que quaisquer consequências negativas das políticas monetárias restritivas deverão ser repartidas através de mecanismos comunitários de absorção de choques, tais como os propostos nas suas resoluções de 10 de Outubro de 1990 e de 14 de Junho de 1991 sobre a UEM, em particular, o suporte financeiro ou o mecanismo de compensação financeira;

8 - Entende urgente a revisão dos fundos estruturais estendendo os seus critérios de elegibilidade por forma a que estruturas básicas, como de educação, transportes, comunicações e habitação possam ser abrangidas;

9 - Propõe que a duplicação dos fundos estruturais venha a ser, de uma forma geral, suportada pelos ajustamentos de capacidade das regiões que deles beneficiem;

10 - Propõe, também, que o controlo multilateral, referido nas resoluções de 10 de Outubro de 1990 e de 14 de Junho de 1991, possa introduzir o princípio da adicionalidade como condição a ser respeitada pelos Estados-membros receptores quando o mecanismo de suporte financeiro é accionado;

11 - Sublinha, ainda no que se refere à reforma dos fundos estruturais, a relevância do papel de «partenariats» como princípio indispensável para uma efectiva descentralização regional e participação de eleitos locais e regionais, e também de parceiros sociais, em qualquer das fases das acções de apoio ao desenvolvimento regional, da concepção à avaliação;

12 - Toma em atenção que a compensação financeira entre os Estados-membros deverá tomar a forma de rubrica do orçamento comunitário como esquema de transferência, e deverá ser flexível por forma a privilegiar concessões para formação profissional e melhorias sociais;

### Em relação à união monetária e às regiões

13 - Expressa preocupação relativamente à inadequada preparação da Comunidade, em termos de mecanismos adequados, para entrar na fase II da UEM, que deve começar em 1 de Janeiro de 1994, data decidida pelo Conselho Europeu de 27/28 de Outubro de 1990; considera que esta fase é caracterizada pelas taxas de câmbio quase-fixas e por uma política macroeconómica rigorosa no que se refere aos salários e aos preços;

14 - Nota com preocupação a perda das taxas de câmbio como instrumento da política macroeconómica quando não existem, ainda, mecanismos comunitários de absorção de choques inesperados de origem interna ou externa que causem variações reais e nominais;

15 - Toma por essencial que, quer na fase I quer na fase II da UEM, que se caracterizam por taxas de câmbio quase-fixas mas não por política monetária comum, o factor de ajustamento assimétrico das regiões possa conduzir a um assimétrico impacte nas regiões periféricas, daí resultando uma redistribuição dos rendimentos;

16 - Insiste no facto de que, removidos todos os obstáculos à integração financeira, no contexto de evoluções rígidas de preços e de salários e de baixas taxas de remuneração ao capital nas regiões menos desenvolvidas, tal pode potenciar os efeitos assimétricos de aplicações de poupanças, particularmente perniciosos no que respeita à localização dos investimentos;

17 - Exprime preocupação em relação à insuficiente estrutura comunitária de intermediários financeiros que, beneficiando de algum poder devido a informações sobre assimetrias e relações de crédito, assim possam servir de mediadores entre os mercados de crédito internacionais e agentes a necessitarem de crédito;

18 - Nota o facto de que uma centrifugação dos mais fracos devedores locais possa ser efectuada, se bancos nacionais ou multinacionais agarrarem o melhor segmento dos mercados periféricos deixando para os bancos locais os devedores mais difíceis ou críticos; chama a atenção da Comissão para a necessidade de adequadas políticas comunitárias dirigidas ao ajustamento do sector financeiro de nível local.

## Orçamento para 1992

A ajuda aos países da Europa central e de Leste não deve afectar as políticas comunitárias já definidas - esta a posição de princípio defendida pelo Grupo Coligação de Esquerda e respectivos deputados na comissão de orçamentos, bem como noutras comissões especializadas do Parlamento Europeu, com vista à adopção do orçamento comunitário para 1992. Das emendas propostas pelo Grupo à comissão de orçamentos, 10 foram adoptadas e 12 receberam um número de votos suficiente para serem apresentadas em sessão plenária do Parlamento Europeu.

Num comunicado de imprensa divulgado a propósito na passada sexta-feira, refere-se que, nas suas emendas, o Grupo Coligação de Esquerda - em que se integram os eurodeputados comunistas portugueses - estabelece uma série de prioridades, tais como a melhoria do nível de vida dos trabalhadores, a defesa do meio ambiente, a solidariedade, etc. No que se refere às emendas de conteúdo social, o Grupo felicita-se por a comissão de orçamentos ter aceite a sua proposta de aumento de 10 milhões de Ecus à ajuda prevista para o apoio às pequenas e médias empresas (PME). Para o Grupo CE, as PME comunitárias «empregam a grande maioria da mão-de-obra, são criadoras de emprego e necessitam de uma atenção e apoio maiores por parte da Comunidade Europeia». E lembram a propósito o «caso Colgate-Palmolive» (a que o «Avante!» se referiu a semana passada) como um exemplo que vem reforçar aquela opinião...

A comissão de orçamentos adoptou igualmente uma emenda do Grupo Coligação de Esquerda propondo o aumento de 400 000 Ecus aos créditos destinados às organizações europeias de defesa do meio ambiente. O mesmo se verificou com a sua proposta de conceder 500 000 Ecus para estimular a criação, em Lisboa, do Centro Europeu para a Interdependência e a Solidariedade.

Por outro lado, o Grupo defendeu uma série de propostas que, apesar de não serem adoptadas pela comissão de orçamentos, reconheceram o apoio necessário para serem levadas ao plenário do Parlamento Europeu.

A terminar, o comunicado a que nos reportamos lamenta o facto de algumas das propostas de emenda apresentadas pelo Grupo Coligação de Esquerda, que tinham por objectivo promover a coesão económica e social, tenham sido rejeitadas pela comissão de orçamentos, como sucedeu designadamente com a proposta de aumentar em 80 milhões de Ecus os fundos previstos para o FEDER.

## INTERNACIONAL

# FRANÇA

## Trabalhadores exigem mudar de política

Na manifestação que dia 17 reuniu mais uma vez milhares de profissionais da saúde nas ruas de Paris, duas enfermeiras ficaram feridas, vítimas da repressão policial.

Para impedir as manifestantes de marchar em direcção ao palácio presidencial do Eliseu, a polícia utilizou canhões de água. Uma enfermeira do Hospital Necker foi hospitalizada por ter inalado uma mistura de gás com vapor de água.

Este momento da luta que o pessoal de enfermagem tem vindo a desenvolver — com sucessivas manifestações de rua, e um acampamento simbólico montado dia e noite, já há mais de duas semanas, frente ao Ministério da Saúde — exigindo aumentos salariais e melhores condições de trabalho.

Também no sector da saúde, os coordenadores médicos de vários sindicatos hospitalares decidiram organizar uma jornada «saúde morta» no próximo dia 5 de Novembro, em preparação da manifestação nacional marcada para 17 do mesmo mês.

Os sindicatos insurgem-se contra a intenção governamental de «suprimir a liberdade de escolha do médico pelo paciente e a liberdade de prescrição» (alusão ao plano de fiscalização das despesas da saúde que o governo está a preparar).

Nestes mesmos dias dezenas de milhar de trabalhadores da Segurança Social desfilarão pelas ruas da capital francesa, reivindicando aumentos salariais, melhor formação profissional e condições de trabalho.

Estas acções de luta inserem-se numa mais vasta movimentação social e reivindicativa, abarcando os mais diversos sectores profissionais.

A CGT francesa lançou entretanto um apelo à realização de uma jornada nacional de acção, para dia 24 de Outubro. No apelo divulgado por Henri Krassucki, secretário-geral da CGT, sublinha-se que «no prolongamento das poderosas lutas que se desenvolvem em numerosos sectores, a maioria das vezes em unidade, esta iniciativa de mobilização convergente deve favorecer o indispensável crescimento das lutas sociais. Salários, desemprego, reformas, protecção social, saúde, tudo contribui para concretizar as grandes reivindicações dos assalariados numa acção firme e decidida».

Acções que confluem contra uma política governamental em que as opções estão bem longe dos in-

teresses dos trabalhadores e da pessoa humana.

Isso mesmo é sublinhado por Jackie Hoffmann, membro do Bureau Político do PCF, que em declaração sobre as lutas do pessoal hospitalar, afirma: «É da ordem das centenas de milhar o dinheiro que se gasta para o desemprego, a exportação de capitais, ou para fazer a guerra no fim

do mundo. Não é coisa séria dizer que o Estado não pode financiar os hospitais ou as empresas participarem mais no financiamento da Segurança Social. Os trabalhadores dos hospitais, ao exigir os meios para tratar das pessoas, colocam na prática a questão das escolhas no plano social».

Trata-se, concretamente, da grande opção — «É a es-

colha do ser humano contra a rentabilidade financeira. A escolha da justiça: cuidados de qualidade para todos. O verdadeiro problema é que é preciso mudar de política. É preciso uma verdadeira política de esquerda. E a opção política só se imporá pela acção conjunta de todos, modificando a relação de forças em todo o país».



Enfermeiros e artistas manifestam-se nas ruas de Paris. Acções de massas que se inserem num crescente processo reivindicativo

## MÉDIO ORIENTE

# Conferência de Paz em Madrid

Dia 30 de Outubro, em Madrid, terão início os trabalhos da Conferência de Paz sobre o Médio Oriente. Um processo cuja evolução será hoje bem difícil prever, tão grandes são, à partida, as diferenças entre as partes.

Basta lembrar as reiteradas afirmações do governo de Israel, contra o direito do povo palestino a ter uma pátria nos territórios ocupados por Israel, o que na prática corresponderia a pôr em causa qualquer esperança de uma paz sólida e as próprias resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança da ONU.

Entretanto, e neste complexo quadro, a conferência está a ser activamente preparada.

A composição da delegação palestina foi entretanto definida. Haidar Abdel Shafi, presidente do Crescente Vermelho na faixa de Gaza, deverá presidir a esta delegação, que inclui igualmente Faisal Husseini e Hanan Ashraui, negociadores palestinos com o secretário de Estado norte-americano, James Baker, que serão, respectivamente, coordenador da

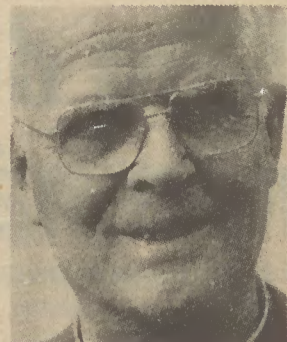
delegação palestina e porta-voz do grupo no seio da delegação jordano-palestina à Conferência.

Duas personalidades palestinas originárias de Jerusalém fazem igualmente parte desta delegação. Walid El-Khalidi e Touhi El-Khatib, ambos de nacionalidade jordana mas provenientes de Jerusalém (Touhi El-Khatib chegou mesmo a ser presidente da Câmara de Jerusalém ori-

ental), vão participar na Conferência de Madrid, o que poderá permitir contornar a recusa imposta por Israel à presença de personalidades originárias de Jerusalém.

Entretanto prepara-se a coordenação de posições entre os participantes árabes. A Síria está a fazer contactos para reunir em Damasco os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 15 países árabes que participam na Conferência.

## Por um futuro mais humano



Monsenhor Joseph Duval, presidente da Conferência Episcopal de França

A gravidade dos problemas sociais que se vivem em França (e não só) e os seus reflexos na vida política foi a questão fulcral nestes dias abordada num documento da comissão social do episcopado francês, com o significativo título: «Política: um assunto de todos».

«A nossa sociedade, em crescimento económico, gera também a desigualdade e a marginalização. Alguns falam de «sociedade a diferentes velocidades» refere-se no documento — para sublinhar que a gravidade do desemprego e a amplitude da marginalização de alguns grupos fazem reechar a destruição em profundidade do tecido social no nosso país. A sociedade dual está aí, e o fosso continuará a aprofundar-se se não tomarmos as medidas apropriadas».

Sublinhando a necessidade de ultrapassar a apatia cívica e política, o documento do episcopado francês defende uma opção de justiça social: «Deixada ao simples jogo da sua lógica, a economia de mercado revela-se impiedosa para com os fracos. Engendra uma exclusão em massa, por vezes de forma trágica. Em particular nos países pobres, mas também entre nós: há marginalizados e situações de injustiça. Pedir ao Estado para compensar em parte as desigualdades é bem um problema político. Compete-lhe fixar as regras do funcionamento da economia, garantir-lhe a coerência a longo prazo, situá-la no conjunto englobando toda a vida da nação. A instauração de mais justiça no país e no mundo exige uma forte vontade política, armada dos correspondentes meios e objectivos».

Segundo o jornal sírio «Al-Goumhourya», deverão participar nesta reunião as cinco partes directamente envolvidas no conflito israelo-árabe, ou seja a Síria, a Jordânia, o Egipto, o Líbano e a OLP, e os outros dez países árabes convidados a participar na Conferência como observadores.

Estes países são os seis membros do Conselho de Cooperação do Golfo —

Arábia Saudita, Kuwait, Emiratos Árabes Unidos, Oman, Quatar e Bharein —, e quatro dos cinco países do Magrebe árabe — Marrocos, Argélia, Mauritânia, Tunísia. A Líbia recusou participar por condenar a realização da Conferência.

Os Estados Unidos, a União Soviética e a CEE, dispõem de estatuto de participantes. As Nações Unidas contam apenas com o estatuto de observador.

estado de alerta nuclear total, segundo revela um novo livro a ser publicado em Nova Iorque.

O livro, intitulado «The Samson Option» («A Opção Sansão») e da autoria do jornalista Seymour Hersh, diz que Israel possui trezentas ou mais ogivas nucleares montadas em obuzes de artilharia, em minas terrestres nos montes Golan e ainda em mísseis.

Israel tem também, segundo a obra, centenas de ogivas de neutrões, armas que matam as populações mas deixam as propriedades intactas.

Seymour Hersh, que trabalha para o jornal «New York Times», refere ainda no livro que Israel já entrou até agora três vezes em estado de alerta nuclear total, das quais duas vezes em 1973 durante a guerra israelo-árabe e uma vez este ano quando o Estado judaico foi atacado pelo Iraque. O estado de alerta nuclear total significa que os mísseis são retirados dos respectivos silos e colocados nas rampas de lançamento.

O governo israelita nunca reconheceu que o país possuísse armas nucleares.

### IRAQUE

#### Mortalidade infantil

A mortalidade infantil no Iraque quase quadruplicou depois do fim da guerra no Golfo devido à falta de alimentos, medicamentos, saneamento e água tratada.

Segundo um relatório privado, são cerca de 900 mil as crianças iraquianas com menos de cinco anos que apresentam sinais de subnutrição.

A taxa de nascimento de crianças com peso inferior ao normal duplicou ou triplicou desde o fim da guerra, revela o documento elaborado pelo fundo da ONU para as crianças e por diversas fundações privadas.

### ISRAEL

#### Arsenal nuclear

Israel possui um arsenal nuclear maior do que os Estados Unidos suspeitam e já entrou três vezes em

## INTERNACIONAL

## CAMBODJA

# Tratado de Paz assinado em Paris

Após quatro anos de negociações, foi ontem assinado, em Paris, o acordo de Paz para o Cambodja.

Patrocinado pelas Nações Unidas, o acordo foi assinado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países participantes no processo negocial, pelo governo de Phnom Penh e pelos representantes de três grupos da oposição armada — os Khmeres vermelhos, o Exército de Sihanuk e a Frente de Libertação Nacional do povo khmer.

O Tratado de Paz coloca o Cambodja sob tutela das Nações Unidas durante um período de transição de 18 meses até à realização de eleições na Primavera de 1993.

O texto agora assinado em Paris compreende três acordos e uma acta final.

O primeiro acordo, considerado o mais importante, estabelece o controlo da ONU para o cumprimento do cessar-fogo, a redução em 70 por cento dos efectivos militares das partes em conflito, a elaboração de

um censo e a preparação da campanha eleitoral, entre outros aspectos.

Das eleições a realizar em 1993, sairão os membros de uma Assembleia que deverá aprovar a nova Constituição cambodjana por maioria de dois terços.

A Assembleia transforma-se depois em Câmara legislativa.

O segundo acordo trata de aspectos como a soberania, independência, integridade territorial, inviolabilidade territorial, neutrali-

dade e unidade do Cambodja.

O terceiro é uma declaração com mais valor político que jurídico, na qual os seus signatários se comprometem a envidar todos os esforços para a reconstrução do país.

O Tratado contém um compromisso de respeito pelos direitos humanos. Foi ainda adoptado um protocolo sobre as condições de repatriamento das populações dos campos da fronteira khmer-tailandesa, protocolo que deverá ser adoptado pela Tailândia.

## Hun Sen

## Acordo de Paz é «compromisso aceitável»

Que perigo podem ainda representar hoje os khmeres vermelhos, responsáveis pela morte de milhões de cambodjanos; que perspectivas se abrem ao Cambodja, na óptica do Partido Revolucionário do Cambodja — são algumas das questões abordadas pelos primeiro-ministro cambodjano, Hun Sen, em recente entrevista a «L'Humanité», de que aqui reproduzimos curtos extractos.

«O acordo de paz» — que foi ontem assinado — «é o melhor, comparado com as outras fórmulas propostas ao longo destes últimos quatro anos. É uma fórmula de compromisso aceitável por todo o mundo.» É a opinião de Hun Sen, que entretanto alerta. «É verdade que pode criar uma certa inquietação na população cambodjana porque legaliza o regresso dos khmeres vermelhos à vida política. Por isso é preciso

tomar medidas eficazes para prevenir um regresso ao antigo regime.»

Comparando o passado com a situação actual, Hun Sen sublinha: «Antes de 1970, os khmeres vermelhos só estavam na selva ou nas montanhas, em regiões afastadas. Agora estarão presentes, como partido político, nas cidades, na assembleia nacional, entre os funcionários. Têm armas escondidas. Vão tentar ampliar a sua influência. Por isso é necessário tomar medidas eficazes para evitar o perigo.»

Quanto a perspectivas e tarefas imediatas, o primeiro-ministro cambodjano sublinha dois problemas cruciais: acabar com a guerra e alcançar a reconciliação nacional; acabar com a pobreza.

Os caminhos a trilhar serão os que correspondam às exigências dos cambodjanos.



Hun Sen: «Entre fazer a guerra para alcançar a paz e procurar a paz para alcançar a paz, preferimos a segunda solução»

E Hun Sen comenta: «Há quem considere que o Cambodja fez reformas depois de Gorbachov ter iniciado a sua perestroika ou o Vietnã a sua «do moi» (renovação). É um erro. Gorbachov empreendeu reformas de uma estrutura estabelecida havia mais de 62 anos. O Vietnã fê-lo após trinta anos. Nós partimos de mãos vazias. Não tínhamos nada a reformar. Mas devíamos responder às aspirações dos

cambodjanos. Quando se diz: «O Cambodja segue o exemplo da URSS, do Vietnã ou de outros países da Europa de Leste», não é justo. Sempre disse que não posso meter na minha cabeça o chapéu de outra pessoa. Devo fazer o meu próprio chapéu para que me caiba bem. (...) Nenhum modelo pode ser aplicado ao Cambodja se não corresponder às exigências dos cambodjanos.»

## MOÇAMBIQUE

## Paz mais próxima

O presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, considerou que o protocolo de princípios acordado na sexta-feira em Roma, entre o governo moçambicano e a Renamo, permitirá acelerar o processo de paz no país.

Joaquim Chissano fez esta declaração, na segunda-feira, em exclusivo a jornalistas moçambicanos, convocados para o palácio presidencial da Ponta Vermelha para registarem a primeira reacção oficial de Maputo ao acordo alcançado nas negociações de Roma.

«Embora este acordo venha facilitar bastante o processo em si, daqui para diante ainda vai ser necessária muita paciência, e o governo está preparado para tê-la», afirmou Joaquim Chissano.

O presidente moçambicano considerou que, ultrapassadas as dificuldades de entendimento político, as conversações passarão agora à discussão das questões técnicas, mostrando-se optimista sobre o evoluir do processo negocial.

«Este passo foi muito importante mas ainda não é aquilo que nós desejamos, que é o cessar-fogo», afirmou Chissano, manifestando alguma prudência.

O presidente garantiu que o actual governo de Moçambique continuará a dirigir os destinos do país durante o período entre um cessar-fogo e as eleições, embora o seu exercício venha a ser fiscalizado por uma comissão conjunta composta por representantes da Frelimo, Renamo e das Nações Unidas.

«Eu tenho a certeza disso, a Renamo tem a certeza disso porque assinou o acordo», disse Joaquim Chissano, excluindo a possibilidade de vir a ser constituído um governo de transição com a Renamo para o período pré-eleitoral.

«A Renamo comprometeu-se a não combater pela força das armas, a conduzir a sua luta política na observância das leis em vigor e no âmbito das instituições do Estado, após assinatura do cessar-fogo», sublinhou Chissano.

## Alemanha

O representante em Bona do Alto Comissariado para os refugiados das Nações Unidas denunciou um projecto do ministro alemão do Interior, Wolfgang Schaeuble, de recusar os refugiados cujos países «respeitem os direitos humanos», dizendo que isso é contrário à Convenção de Genebra.

Estabelecer à priori uma lista de países é, segundo Walter Kroisser, aceitar uma «limitação geográfica» da Convenção de Genebra. Essa ideia está igualmente em contradição com os tratados internacionais assinados pela Alemanha, como o Acordo de Shengen ou a Convenção de Dublin sobre asilo.

Os democratas-cristãos, maioritários na coligação no poder em Bona, têm proposto com insistência esta solução da lista de países «que respeitam os direitos do Homem».

Há duas semanas, o ministro do Interior, Wolfgang Schaeuble (CDU) apresentou aos partidos políticos um projecto de revisão, nesse sentido da Constituição. Os liberais, membros da coligação no poder, e a oposição social-democrata rejeitaram a proposta.

## Desemprego

O desemprego na Grã-Bretanha aumentou no mês de Setembro, abrangendo 2,4 milhões de trabalhadores, equivalente a 8,7 por cento da população activa.

Este aumento aconteceu pelo décimo oitavo mês consecutivo, mas a taxa de crescimento em Setembro foi menor que nos meses anteriores.

Dados oficiais referem que o desemprego em Setembro subiu praticamente em todas as regiões, mas os maiores aumentos foram em Londres, no Sudeste, Sudoeste e Centro da Inglaterra.

O ministro do Emprego, Michael Howard, disse que o facto do aumento ser menor do que se esperava demonstra que «a recessão está a terminar».

O porta-voz trabalhista para o Emprego, Tony Blair, disse que o país estava muito longe de ver o fim da recessão económica, e os desempregados pagavam um preço terrível pelas políticas do governo britânico.

## Conselho de Segurança

Cabo Verde, Hungria, Japão, Marrocos e Venezuela foram eleitos, quarta-feira, pela Assembleia Geral da ONU, novos membros não permanentes do Conselho de Segurança, por dois anos.

Cabo Verde substituirá a Costa do Marfim, o Japão sucederá ao Iemen, Marrocos ao Zaire, a Hungria ocupará o lugar da Roménia e a Venezuela o de Cuba.

Os outros cinco membros não permanentes são a Áustria, Bélgica, Equador, Índia e Zimbábwe, cujo mandato de dois anos expira em 31 de Dezembro de 1992.

Os cinco membros permanentes são a China, Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e França.

## UNESCO

O director-geral da UNESCO, Federico Mayor, apresentou à conferência geral da organização um orçamento de 444,7 milhões de dólares (cerca de 65 milhões de contos).

Aquele orçamento torna a UNESCO a única organização das Nações Unidas a prever um crescimento orçamental negativo (menos 2,6 por cento em termos reais).

Ao apresentar o programa para os dois próximos anos, sublinhou que «a época de transição» que o mundo vive actualmente concede «às organizações das Nações Unidas uma oportunidade única desde o pós-guerra», mas impõe-lhes simultaneamente «uma prova de verdade».

Apesar da austeridade do orçamento, certos programas beneficiam de um aumento notável em relação a 1990-1991, tais como as actividades relativas à melhoria da condição da mulher no âmbito da educação (mais de 50 por cento de aumento) e as acções para protecção do património mundial (mais 22 por cento para o património físico, mais 43 por cento para o cultural não físico).

Os aumentos abrangem ainda as actividades que tocam a dimensão cultural do desenvolvimento (mais 78 por cento) e a «livre circulação de ideias pela palavra e pela imagem» (mais 33 por cento).

## Alcácer do Sal

# Um negócio de porcos que envenena as águas

Enterrar 500 porcos infectados de peste suína é uma medida sanitária prevista na lei. Fazê-lo a escassas centenas de metros das captações de água duma cidade sem prévia incineração das carcaças, constitui absurdo tão óbvio que nem o legislador se deu ao trabalho de o especificar. Mas houve quem se desse à inconsciência de o praticar - em Alcácer do Sal, cidade alentejana onde os seus mais de 10 000 habitantes vivem hoje uma inesperada angústia perante a própria água que bebem, depois de tomarem conhecimento, através da denúncia feita pela sua Câmara Municipal, de que no princípio deste mês haviam assim posto em perigo os lençóis aquíferos que abastecem a sede do Concelho.

A gravidade do acto aponta para um escândalo que envolve, para já e para além do proprietário dos animais doentes, os próprios serviços governamentais da Zona Agrária de Alcácer do Sal (à frente dos quais se encontra

um genro do proprietário da malhada...) que supervisionaram a operação de abate e enterramento dos 500 porcos, apesar de se haverem comprometido perante os representantes da Câmara Municipal e da Delegação de

Saúde de Alcácer do Sal de que procederiam à prévia incineração dos animais. Entretanto o município continua a alertar as autoridades governamentais e desenvolver todos os esforços para se reparar a situação com a única

medida admissível: o urgente desenterrar da totalidade das carcaças para uma completa incineração - no fim de contas o que deveria ter sido feito logo de início, com muito menos custos e sem problemas para ninguém.

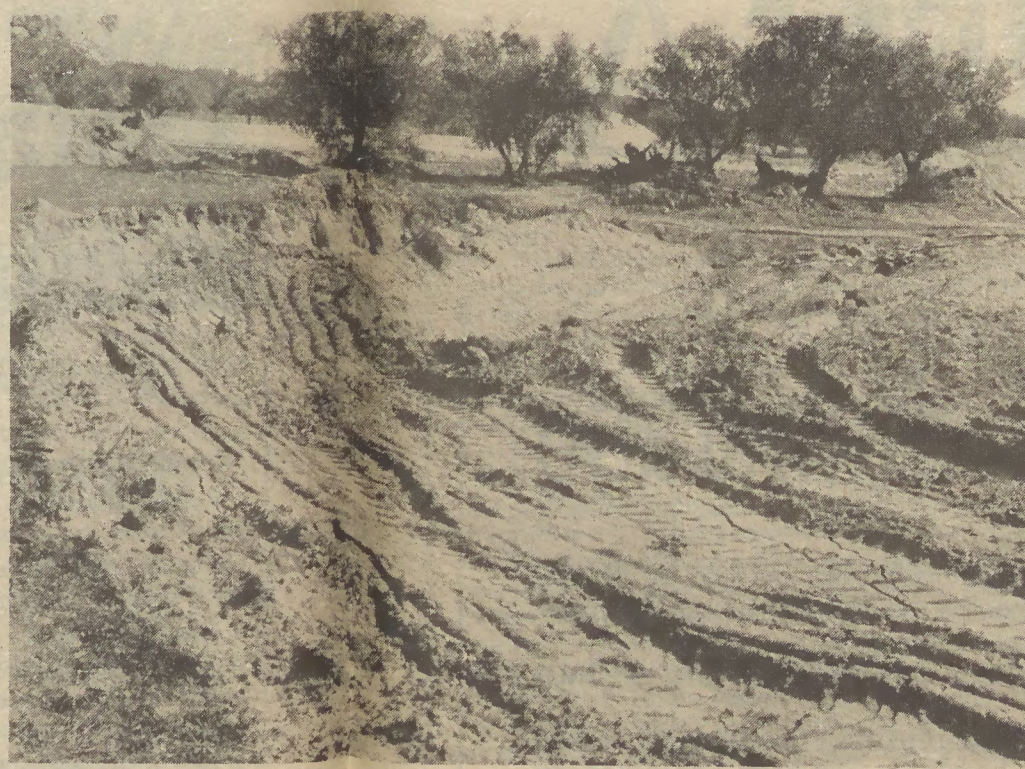
A história conhecida começa no princípio deste mês, concretamente na manhã de 1 de Outubro e durante uma reunião que a Câmara Municipal de Alcácer do Sal estava a realizar com a GNR local por causa das eleições legislativas. É aí que surge a notícia, trazida por um fiscal da Câmara (que soubera acidentalmente do caso), de que a exploração suínica do sr. Victor Palmela se preparava, sob orientação dos serviços da Zona Agrária de Alcácer do Sal, para enterrar 500 porcos atacados pela peste suína a cerca de 300 metros das captações de água que abastecem a cidade e, naturalmente, nas imediações do lençol aquífero que garante o abastecimento.

Por solicitação do executivo camarário, a GNR deslocou-se imediatamente ao local ordenando a suspensão da operação, enquanto a Câmara tomava providências para levar igualmente ao local,

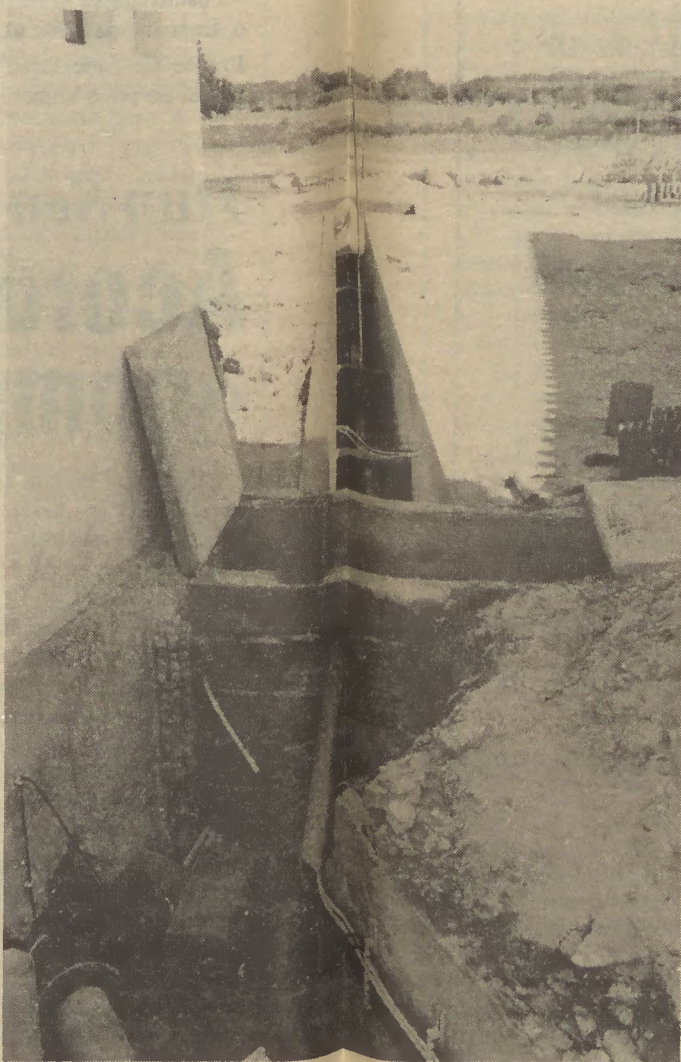
• Henrique Custódio

horas depois, o veterinário municipal, José Carlos Alegre, a delegada de Saúde do Concelho, Maria de Fátima Dias, e um representante da Direcção Regional de Agricultura de Évora, A. Pinheiro, que dali se deslocou expressamente para o efeito. Todos exigiram que os 500 porcos fossem prévia e totalmente queimados antes de serem enterrados, ao que os técnicos da Zona Agrária de Alcácer do Sal anuíram.

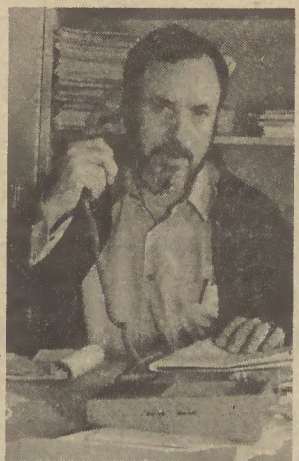
«O problema parecia resolvido», contou-nos o vereador António Balona, que presentemente substitui a presidente da Câmara (ausente, em serviço, no estrangeiro) e que, juntamente com o vereador Eduardo Maximino, nos contou os pormenores desta história bizarra. Parecia, mas não estava: no dia seguinte, «para grande surpresa, soubemos que, afinal, tinham mesmo enterrado os 500 porcos, após um simulacro de queima durante a noite». E o problema ali ficou desde o dia 2 de Outubro, com 50 toneladas de carne empastada a decompor-se junto ao lençol aquífero que abastece uma cidade. Isto num acto supervisionado pela própria Zona Agrária local, que juntou, assim, ao estranho secretismo com que se preparava para proceder à operação (antes dela ser acidentalmente descoberta) a responsabilidade pela sua execução ao arripio do que se havia comprometido a fazer - sob ordem, aliás, dum organismo superior.



Na foto de cima estão ainda visíveis os rastros das máquinas que, apressadamente, enterraram os 500 porcos doentes no princípio de mês; na foto da direita (obtida a 20 metros desse local) pode constatar-se como o lençol aquífero se encontra quase à superfície, o que leva à conclusão lógica de que os animais doentes foram enterrados em terrenos húmidos



Na estação de captação de águas agora ameaçada, está em curso um projecto de ampliação financiado pela Câmara e pelo FEDER. Seria interessante ouvir Bruxelas acerca do «desenvolvimento» dado, agora, à obra



António Balona, um dos vereadores que conversou com a nossa reportagem

### Um combate urgente

A partir daqui a Câmara Municipal de Alcácer do Sal viu-se forçada a um combate urgente em defesa dos interesses dos municípios e do município, denunciando e participando a ocorrência a diversas entidades - nomeadamente à Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamento Hidráulicos, à Direcção dos Serviços Regionais de Hidráulica do Tejo, à Direcção dos Serviços de Hidrologia, à Comissão de Coordenação da Região do Alentejo (que, distritalmente, representa o Governo na área da coordenação) e à Direcção Geral da Qualidade do Ambiente - enquanto a divulgação igualmente na Comunicação Social.

A primeira destas entidades - a Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamento Hidráulicos - enviou rapida-



## Os «âmbitos» da Zona

É, no mínimo, curiosa a resposta dada pela Zona Agrária de Alcácer do Sal às apreensões manifestadas pela Câmara Municipal sobre a questão dos 500 porcos enterrados junto às captações de água da Amieira.

Muito normativa, a nota assinada pelo chefe de Divisão, António Maria de Almeida Lince, começa por confirmar que se procedeu à destruição dos porcos (como havia ficado acordado com os representantes da Câmara, da delegação de Saúde de Alcácer e da Direcção Regional de Agricultura do Alentejo), «tendo-se iniciado este processo utilizando lenha, pneus usados e gasóleo, na tentativa de incineração dos mesmos». Todavia «na manhã seguinte verificou-se que de tal prática não resultou a destruição completa dos mesmos, pelo que se procedeu ao respectivo enterramento».

Portanto a Zona Agrária de Alcácer tentou incinerar os porcos, mas como o não conseguiu... resolveu enterrá-los na mesma, sem cumprir o prometido, nem dizer ou pedir ajuda a alguém. E para demonstrar como está convicta da sua indiscutível autoridade, acrescenta: «Efectiva e tecnicamente, o procedimento utilizado está correcto pois o enterramento é um dos processos admitidos como válido, mesmo para animais vitimados pela peste suína, ao contrário da informação prestada pelo médico veterinário municipal».

Ora acontece que ninguém pôs em dúvida a legislação utilizada para dar cobertura legal ao acto, mas, sim, o não

mente ao local dois técnicos, os drs. Simões Duarte e Ribeiro Soares, que, numa observação preliminar, e mesmo antes do relatório circunstanciado que mais tarde elaborariam, afirmaram peremptoriamente que a Câmara Municipal «tem toda a razão para estar preocupada com a situação criada», cuja, a não ser rapidamente resolvida, poderá condenar irreversivelmente o rico lençol aquífero de que até agora dispôs para o abastecimento da população de Alcácer do Sal, além de, a médio prazo, ameaçar a própria saúde pública através de imprevisíveis inquinações.

Entretanto a posição da Câmara Municipal de Alcácer do Sal é clara e está resumida num ofício que enviou à delegação de Saúde local, onde aponta «a necessidade de, com urgência máxima, passarem a ser feitas análises químicas e bacteriológicas, semanalmente, à água dos aquíferos da Amieira, separadamente para cada furo e antes da cloragem»

bem como a de envolver as entidades públicas necessárias «na reparação do mal cometido e que passa pelo urgente desenterramento e incineração dos suínos», explicitando ainda a necessidade «de manter as populações do Concelho informadas permanentemente», transmitindo-lhes, para já, que ainda não há razões para alarme imediato.

### Do alarme ao alarmismo

Mas do alarme ao alarmismo vai uma pequena distância, pelo que a situação criada pela exploração de porcos do sr. Victor Viola Palmela, sob cobertura da Zona Agrária local (cujo responsável é, curiosamente, genro do proprietário em questão), está a agitar a pacata cidade de Alcácer do Sal.

Quando ali chegámos de manhã, bastou-nos entrar num café para ouvir falar do assunto. Uns ironizavam através de chalaças óbvias

cumprimento da medida cautelar (e, de resto, também prevista na lei) da incineração, exigida explicitamente quer pelas autoridades autárquicas e sanitária do Concelho, quer pelo próprio representante do organismo hierarquicamente superior à Zona Agrária de Alcácer do Sal.

Mais curioso ainda é o remate desta nota, que passa repentinamente do argumento da omni ciência para a desculpa da ignorância, ao acrescentar: «Relativamente ao problema de ordem técnica relacionada com a captação de água, não está no âmbito destes Serviços manifestar qualquer opinião; lembramos, contudo, que os dejectos e detritos diários provenientes da mesma exploração poderão eventualmente ser colocados numa situação idêntica, uma vez que o local de enterramento é bastante próximo daquele».

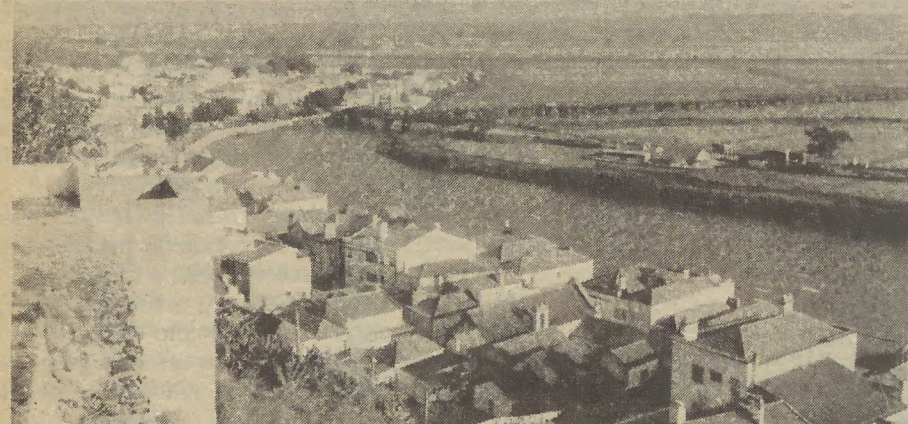
Portanto para a Zona Agrária de Alcácer do Sal todos os actos são permitidos, quer porque estão previstos na lei, quer porque as suas implicações escapam ao «âmbito» daqueles serviços - para quem, pelos vistos, a não competência é alibi suficiente para desobedecer ao que lhe é ordenado.

Todavia numa coisa está certa a Zona Agrária de Alcácer do Sal: é que os detritos diários da exploração do sr. Palmela podem, sem dúvida, inquinhar também o lençol aquífero. Com um pormenor: ainda por cima a exploração é clandestina, não tendo a Câmara Municipal dado qualquer parecer sobre a sua instalação naquele ou noutro local...

de que mais vale prevenir alastra, imparável, conduzindo cada vez mais gente a jogar pelo seguro e, portanto... a não consumir a água da rede.

Eis, em resumo, a situação criada por uma decisão tão inconsciente, que se torna inconcebível. Como nos dizia o vereador António Balona, se tinham dificuldade em concretizar a operação de incineração, o mínimo que se esperaria era que o comunicassem à Câmara; nessa altura desencadear-se-iam as diligências necessárias para o fazer».

Pelos vistos os representantes locais do Ministério da Agricultura acharam desnecessário, quer dar conhecimento do que pretendiam fazer, quer solicitar auxílio para o problema que criaram, transformando em arrogância e levando demasiado à letra a presumível ideia de que as instituições governamentais não têm que passar cavaco às autoridades autárquicas. Sobre tudo sentido de maior comunista...



Vista parcial de Alcácer do Sal

## Era uma vez Al-Kassr-Abu-Danes

A pré-história do actual Concelho de Alcácer do Sal é suficientemente conhecida para se concluir que tem habitação humana contínua há, pelo menos, 5000 anos. O morro onde assenta o seu castelo é disso exemplo. Habitado nos finais do Neolítico, assistiu à chegada de populações do final da Idade do Bronze (Séculos IX-VIII a.C.). O povoado indígena do final da Idade do Bronze irá desaparecer no final do séc. VII a.C. sob uma cidade da Idade do Ferro e de cariz comercial, onde navegadores vindos do Mediterrâneo Oriental trocavam objectos manufacturados por produtos autóctones.

Na Idade do Ferro, Alcácer do Sal, então denominada «Keition», era já uma cidade próspera, mantendo a sua pujança até meados do séc. I d.C., já em plena época romana. Foi, aliás, cidade romana conhecida por *Salacia Urbs Imperatoria*, tendo moeda própria e gozando os seus habitantes dos mesmos direitos que os habitantes de Roma. Transformar-se-ia, na altura, num dos maiores portos fluviais da Península Ibérica. Tinha fama os tecidos de Salácia, bicolores, feitos de lã branca e lã preta a que Plínio chamava *escudados*. Por ali passavam os minérios das minas de Aljustrel e Craveira.

Após a queda do Império Romano do Ocidente, Alcácer foi cidade episcopal no período visigótico. A partir do século VIII, a dominação árabe fez dela uma das mais poderosas praças da Península Ibérica.

O castelo, com as muralhas de taipa, possuía 30 torres com 25 metros de altura. Ao centro, uma torre maior de cantaria. Tinha ainda duas cinturas de muralhas com fossos a circundá-los. Possuía duas

portas: uma virada a Norte, chamada de «Nova», e outra virada a Este, chamada de «Ferro».

Do ponto de vista comercial, a Al-Kassr-Abu-Danes (como era conhecida na época árabe) produzia sal em abundância, mel, carne e madeira, entre outros produtos. Textos árabes referem a abundância de bosques de pinheiros nas cercanias de Alcácer do Sal, com os quais se construía muitos navios.

Depois de várias tentativas promovidas por D. Afonso Henriques, só coroadas de êxito em 1158, para cair novamente na posse dos mouros em 1191, Alcácer foi definitivamente tomada pelos cristãos em 1217, recebendo foral de D. Afonso IV no ano seguinte, 1218.

Em 1445, D. Manuel I recebeu nesta vila a notícia de que o seu cunhado e primo D. João II falecera em Alvor, sendo então aclamado rei. Seis anos depois o monarca Venturoso voltaria a Alcácer do Sal para casar, na igreja do Espírito Santo, com a infanta D. Maria de Castela. Em 1516 o mesmo D. Manuel confirmaria o antigo foral.

A vila, que possui um dos mais vastos termos de todo o País, foi berço, no século XVI, do matemático e astrónomo Pedro Nunes e em finais do século XV nasceu na vila do Torrão, hoje Concelho de Alcácer do Sal, o escritor Bernardim Ribeiro.

Hoje, Alcácer do Sal encabeça um Concelho que é o maior de comarca de 2ª classe do Distrito de Setúbal sendo, em extensão, o segundo maior do País. Tem um total de 16 370 habitantes, estando a sua actividade económica hoje em dia virada essencialmente para a agricultura e a pecuária, destacando-se na sua produção o arroz, a cortiça, o tomate e o pinhão.



Foi num buraco aberto pelas obras da autoestrada, actualmente em curso no Concelho de Alcácer (e de que a ponte da foto é um pormenor), que foram enterrados os 500 porcos contaminados pela peste suína, o que leva à conclusão de que, para os autores da operação, era de aproveitar tudo o que poupasse trabalho e dinheiro



# CARVALHESA

Edição especial

de 150 exemplares em cofret numerado

• Pasta-coffret numerada de 1 a 150 manualmente por **Teresa Dias Coelho**.

• CD incluindo as gravações integrais dos cinco arranjos da «Carvalhesa» (1985, António Vitorino de Almeida, José Eduardo Conceição Silva, Guilherme Scarpa Inez e José da Ponte), versão em piano da melodia original recolhida por Kurt Schindler executada por Bernardo Sasseti, versão recolhida em 1970 por Michel Giacometti e todos os jingles, cues e bridges das versões anteriores gravadas para utilização audio e vídeo.

• Serigrafia de **Manuel Sampaio** numerada e assinada.

• Reprodução serigráfica das folhas de rosto e última página da pauta de «Abertura Clássica sobre um Tema Popular Português» de António Vitorino de Almeida (versão clássica da «Carvalhesa») numeradas e assinadas pelo autor.

• Serigrafia com textos de José Eduardo Conceição Silva sobre as suas versões *fusion* e *big band* da «Carvalhesa» numerada e assinada pelo autor.

• Serigrafia numerada com o texto que acompanhou a edição do primeiro arranjo da «Carvalhesa».

• Reprodução serigráfica numerada de foto de Michel Giacometti durante a recolha da versão da «Carvalhesa» em 1970 em Tuiselo (Vinhais-Bragança).

• Reprodução serigráfica numerada de foto de Kurt Schindler.

• Reprodução serigráfica numerada da pauta da versão original da «Carvalhesa» recolhida por Kurt Schindler em 1932, em Tuiselo (Vinhais-Bragança).

• Cópia autenticada do Relatório de Produção Dr. Schenk do fabrico da edição de CD (garantia de tiragem).

• 1 exemplar da cassette editada com as versões da «Carvalhesa» com texto narrativo sobre o tema e versões apresentado por Cândido Mota.

**Preço: 15 000\$00**

• Além dos 150 exemplares numerados de 1 a 150, a edição compreende 20 exemplares numerados de I a XX destinada aos autores e editores e 10 exemplares exclusivamente do CD destinados a depósitos legais.

## Inscrições

1. As inscrições para compra da edição especial da «Carvalhesa» são feitas através do preenchimento do talão abaixo incluído e seu envio para:

Redacção do «Avante!»  
Rua Soeiro Pereira Gomes, 1  
1699 LISBOA CODEX

As inscrições poderão ser igualmente efectuadas directamente na morada acima.

2. A inscrição tem de ser sinalizada com o pagamento de 50% do valor (Esc. 7500\$00) em dinheiro, cheque ou vale de correio à ordem de Partido Comunista Português.

3. Os boletins de inscrição serão numerados pela sua ordem de entrada na Redacção do «Avante!», correspondendo esse número ao número do exemplar a atribuir ao subscritor respectivo.

4. O subscritor receberá (directamente ou pelo correio) fotocópia, autenticada com selo branco e assinatura pela Redacção do «Avante!», do seu boletim de inscrição numerado e que constitui recibo do pagamento do sinal e título para levantamento da obra.

5. Os exemplares subscritos estarão disponíveis até ao final do mês de Outubro, sendo a data a partir da qual podem ser levantados anunciada no «Avante!» de 9 de Outubro.

6. O levantamento poderá ser feito directamente na morada acima contra pagamento dos restantes 50% (Esc. 7500\$00). A entrega poderá também ser feita por correio registado contra cobrança, acrescentando neste caso aos Esc. 7500\$00 os portes e despesas postais.

CARVALHESA  
Boletim  
de Inscrição

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

Junto envio a sinalização de Esc. 7500\$00 em dinheiro  cheque   
vale de correio  (assinale o que interessa)

Desejo receber a obra por envio postal à cobrança (7500\$00 mais custos postais)

Sim  Não (assinale o que interessa)

Data \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_ Nº de entrada \_\_\_\_\_

# Capitalismo à beira da tragédia

Manoel de Lencastre

Os conservadores-liberais, vencedores recentes das eleições na Suécia e em Portugal, podem viver ainda alguns meses gozando as festas dos seus triunfos. Mas, atenção, a grande tempestade parece que se aproxima a passos de gigante. Pequeno é, entretanto, o peso de países como Portugal e a Suécia para poderem influenciar os acontecimentos porque, grandes, imensas, serão as consequências dos mesmos no plano político e no económico-social em todo o mundo. Em todo o mundo, repetimos.

E para todos aqueles que em questões de política têm as mãos limpas - não estiveram no governo nem se associaram às diversificações económicas ou às megalomanias dos últimos doze anos em que tanto aconteceu - nascem novas e únicas oportunidades para o aumento da luta a todos os níveis contra o capitalismo, os seus partidos e os seus ideólogos e contra a catástrofe que se aproxima. É só trabalhar.

Serão palavras irreais, carregadas de deslocado pessimismo, as nossas? Estaremos vivendo sob a influência de «sombrias» e «cegas» perspectivas que se diz que estão já ultrapassadas e não têm cabimento na «nova» era em que vivemos? Estaremos, simplesmente, tentando ignorar que as experiências socialistas foram, recentemente, «vencidas» pelo liberalismo, pelos «direitos humanos» e pela «democracia» dos capitalistas? Vamos aos factos.

Com alguma monotonia, talvez, temos vindo colecionando nesta nossa série de crónicas sobre a vida nos fossilizados reinos e nas arcaicas, apodrecidas e corruptas repúblicas do capitalismo, algumas das intermináveis listas de informações que todos os dias chegam à nossa posse quanto à situação internacional nos sectores da economia e das finanças, das grandes empresas, do desemprego, da crise social. É o que nos permite concluir com alguma segurança, afinal, e à medida que o tempo corre, que o capitalismo se aproxima das portas estreitas do seu destino - está diante duma das maiores crises de sempre e a falência espreita. Com efeito, centenas de milhares de pequenas empresas têm mergulhado e desaparecido no oceano escuro da bancarrota. As maiores, e muitas das transnacionais, como temos demonstrado e continuaremos demonstrando, tremem por todos os lados. Sectores inteiros das economias inglesa e americana conhecem horas de dúvida e de desespero. Os Bancos, os grandes Bancos internacionais, esses já compreenderam (tarde?) que, na sua frente, se levanta agora um fantasma impossível de abater, contra o qual os métodos antigos, tradicionais, não mostram eficácia e o espectro terrível da falência visita-os e dorme com eles.

## Grandes Bancos vivem horas difíceis

Em cada dia que se passa, surge um Banco declarando-se envolvido numa crise. Há duas semanas, foi a vez do conhecido «Christiania Bank», norueguês, que, simplesmente, anunciou ter já perdido a totalidade do seu capital. Em Inglaterra, as clássicas e outrora sólidas «Bulding Societies» (os Bancos

especializados em empréstimos para aquisição de casa própria, sob hipoteca), atingidas em pleno coração pelo descalabro do seu próprio sistema a que, neste país, chamam o de «nação de proprietários» - expressão que, hoje, faz sorrir os mais circunspectos - acham-se roídas até aos alicerces pela multidão de dívidas de milhões de pessoas que deixaram de poder pagar as mensalidades. Os juros da praxe vencem-se mas não se liquidam.

O capital estagna e, não se reciclando através de novos empréstimos, desfaz-se. Os novos depósitos, o sangue e a vida dos Bancos, declinam, fogem. As despesas são atrozes. As casas devolvidas pelos candidatos a proprietários (para onde foram morar?) ou, draconianamente, reapropriadas pelos credores hipotecários por meio da acção espectacularmente desumana dos tribunais, são às centenas de milhares. Vendidas, depois, por preços baixos, fazem baixar os valores de todas as outras propriedades. Com medo do desemprego, a cruz fatal e eterna do povo britânico, ninguém se aventura a comprar residência. Digam-nos, então, senhores, o que representa isto? América. A grande e sempre luminosa América. Aí, o Banco «Security Pacific», de Los Angeles, acaba de suspender o pagamento de dividendos aos accionistas após anunciar que as respectivas perdas subiram a 1 bilião e 200 milhões de dólares.

Para evitar despesas e concentrar recursos, este Banco planeia fundir-se com o Bankamerica, outrora o maior, também em apertadas dificuldades. O «Wells Fargo», cujos lucros se viram devastados em metade do que haviam sido no ano passado, informou os seus accionistas e o público de que devem desde já preparar-se para um inevitável desvio de grandes valores do Banco, com vista a fazer frente às vagas de dívidas incobráveis dos clientes.

George Bush, cheio de medo da estagnação e do pânico, ordena aos Bancos: «Emprestem mais!» Os Bancos, atingidos por uma situação quase inacreditável em que ninguém lhes paga, fazem ao Presidente aquele gesto comum em Portugal e recuam, recuam - mas, até onde? O «Citicorp», segundo os próprios analistas da Wall Street, é o que se devora com maiores e mais assustadores problemas. Aquilo é um mar de contas a vermelho.

O sector da construção, falido, não paga. O turismo, a hotelaria, não pagam. A agricultura, submersa num mar de hipotecas, não paga. A indústria fecha as portas. Os negócios internacionais trazem centenas de milhões de dólares de prejuízos. Resultados: suspensão de liquidação de dividendos aos accionistas, contracção nos negócios, venda de bens, despedimentos em massa - e, quando foram decidir dos montantes a pôr de lado como reservas contra as dívidas incobráveis dos fregueses (biliões de dólares) não puderam utilizar mais do que uns meros US\$180 milhões. O capital do monumental e solidíssimo «Citicorp» em relação aos empréstimos em circulação e aos depósitos do público é, neste momento, apenas marginal - o que significa que o estado de falência pode estar perto.

## Príncipes, rainhas e reis subirão ao cadafalso

É nestas dramáticas condições que os «deuses e os demónios» financeiros de investimentos dos anos 80, Mike Milken, Dennis Levine, Martin Seigel, da tristemente célebre «Drexel Burnham Lambert», assim como Ivan Boesky, o «arbitrageur» do sistema dos empréstimos contra vales, todos já passados pelas prisões onde o primeiro se encontra ainda, são hoje tidos em toda a América como os sabotadores do capitalismo. Os seus projectos, a sua insaciável sede de novos e gigantescos capitais para investimentos ruinosos mas para mais lucros especulativos, pôs todo o sistema a abanar e criou condições para o deslocamento nas suas estruturas a que estamos agora assistindo. Para a grande América, já desconfiada das consequências de toda esta tragédia que está empurrando o capitalismo para uma catástrofe superior à dos anos 20, a grande questão está em que os príncipes da desregulamentação e do esbanjamento de capitais em loucas operações, que eram os negócios da Drexel, deviam ter sido julgados, não pelos seus crimes financeiros, mas por traição. É o que se segreda de Boston e New York a Dallas e a Houston, de San Francisco e Los Angeles a Seattle. Estamos de acordo em tudo, menos num pequeno detalhe: é que, no seu ódio aos príncipes, os americanos e muitos em Inglaterra, parecem esquecer-se do rei e da rainha das desregulamentações, das privatizações e do capitalismo popular, Ronald Reagan e Margaret Thatcher.

No momento louco do acerto de contas que se produzirá nos covis do imperialismo - ele não vem longe -, também esses, os coveiros do capitalismo e não só vencedores do socialismo, terão de subir ao cadafalso. Por nós, creiam-nos, estamos já chorando as primeiras lágrimas... Vamos a mais factos da nossa modernidade? A eles, portanto.

A «Air France», com uma quebra de 14% no tráfego de passageiros, registou um prejuízo de 1 bilião de francos; as perdas a anunciar dentro de dias pelos três gigantes da indústria automóvel americana, a Chrysler, a Ford e a General Motors, respeitantes ao trimestre que acaba no fim de Outubro, espera-se que atinjam os 6 biliões de dólares; a IBM, por seu lado, viu que no período de Julho a Setembro os seus lucros caíram em 85% e fez logo conhecer a sua intenção de despedir mais 20 000 dos seus empregados; a «Ford» britânica, cuja sobrevivência começa a pôr-se em questão, disse que os prejuízos de 1991 serão de longe superiores aos £274 milhões de défice declarados em 1990. Não nos admira, portanto, que no meio deste cataclismo, o ministro polaco das privatizações, Janusz Lewandowski, tenha resolvido suspender o programa de venda da Polónia ao mesmo tempo que anunciou ter também adiado o seu plano de transformação do país numa nação de accionistas, para 1993. Esta, caros leitores do «Avante!», será para nos fazer rir ou para fazer-nos chorar? Eis porque, tanto em Varsóvia como em todo o país, muito povo já grita: «Kommuno, volta! Tudo está perdoado!» Com o que não estamos inteiramente de acordo, seja-nos permitido acentuar.



# SUCESSO

O suplemento «Fim de Semana» do «Público» de 11 de Outubro foi inteiramente dedicado ao tema «A nova bandeira do sucesso».

Ao longo de diversos artigos aborda-se o que se afirma ser a emergência de um novo conceito, de um novo valor, na sociedade portuguesa - o sucesso - e que forneceria grande parte das explicações do estado de espírito que conduziria aos resultados eleitorais de 6 de Outubro e à nova maioria absoluta conquistada pelo PSD.

O conjunto merece algumas reflexões, pesem embora inverosímeis banalidades e lugares comuns que pontuam os materiais e a que é necessário, inevitavelmente, atribuir desde logo algum significado. Denota seguramente desorientação que uma inteligência culta e uma sensibilidade educada como Fernando Dacosta escreva coisas como que os portugueses se meteram «ao oceano porque era mais interessante balançar a perna no convés das naus do que calçar as mãos nas lavras das terras!» É de quem nunca andou sequer nos botes do Campo Grande - mas enfim...

Em qualquer dos casos, é necessário desde logo sublinhar que o tom geral dos artigos é de irremediável regozijo pela emergência entre nós do novo valor: «a referência ao sucesso - diz Vicente Jorge Silva - aparece como novo emblema de uma revolução silenciosa, criando uma espécie de grau zero da memória histórica. Redutor? Sem dúvida. Mas também libertador.»

2

No essencial, as teses que surgem ao longo do suplemento são duas: em primeiro lugar, a acção do cavaquismo generalizou na sociedade portuguesa um novo valor - o do sucesso individual e, consequentemente, a sua busca; em segundo lugar, tal facto é tanto mais notório quanto profundamente altera e contrasta com traços até agora definidores da sociedade portuguesa, marcada por sentimentos de «melancolia e fatalismo», miserabilismo e passividade.

Os articulistas desenvolvem todo o estafado percurso de generalidades sobre a «alma nacional» com destaque para o carácter simétrico do ideário misarabilista e bisonho do salazarismo e do universo ideológico e estético da oposição antifascista em geral. O neo-realismo não passaria assim de uma pura antítese do quadro mental do Estado Novo, como ele marcado por uma visão desesperada e fatalista: «Durante o salazarismo, a pobreza resignada - mas estável... - que acabou por constituir-se em filosofia oficial do regime teve como contraponto, à esquerda, o misarabilismo neo-realista e as narrativas amargas e quase masoquistas dos anos de prisão sofridos pelos resistentes antifascistas e de que o PCP fez a sua coroa de espinhos gloriosa. Ao fado oficial correspondia, quase simetricamente, o fado da oposição: histórias, ambas, de corações partidos, destinos destróçados, desenganos, tiranias e desgraças» (VJS).

3

Embora num dos artigos se afirme que «definições claras do que é o sucesso - sociologicamente falando - não existem» (Carlos Câmara Leme), nesse mesmo texto se acrescenta que «porém uma coisa é certa: não se pode falar em sucesso sem reconhecimento público».

E estamos aqui face a um dos pontos fulcrais de toda a questão.

É uma evidência que no universo semântico comum da língua e da cultura portuguesa, a ideia de sucesso está muito mais associada ao vencer de dificuldades, ao atingir de objectivos, à concretização de projectos do que propriamente ao reconhecimento público de tal facto.

Embora o não afirmem claramente, os articulistas do «Público» que afloram este aspecto (Câmara Leme, José Carlos Espada, José Vitor Malheiros) deixam entender que perfilham a ideia de que o conceito de sucesso ligado ao reconhecimento público tem uma origem essencialmente anglo-saxónica, deriva directamente do desenvolvimento das sociedades forjadas pelo protestantismo, e especialmente pelo calvinismo.

A questão não é menor: a verdade é que não estamos face ao aparecimento na sociedade portuguesa de um novo conceito - o sucesso - mas sim de uma diferente leitura de uma mesma realidade. A verdade é que parece inteiramente disparatado afirmar que o conceito geral de sucesso seja inexistente na cultura portuguesa (ou, se se

quiser, em todas as sociedades de tradição católica da Europa do Sul): o que se passa é que a ele não está inteiramente associada a ideia de reconhecimento público que é característico dos padrões sociais anglo-saxónicos e muito especialmente norte-americanos, mas antes apenas a ideia de vitória sobre dificuldades, de obtenção de resultados, de concretização de projectos.

Esta distinção surge como desde logo importante uma vez que retira legitimidade às dissertações que tentam opor o sucesso a um fatalismo nacional, que tentam apresentar a mentalidade portuguesa - porque alheia a esta concepção pública de sucesso - como resignada, fatalista e apática. As grandes diferenças não parece situarem-se ao nível da capacidade ou incapacidade de empenhamento e determinação na obtenção de resultados, mas sim na importância deles serem ou não reconhecidos publicamente.

Parece-nos assim possível afirmar que, afinal, aquilo a que presentemente se assiste em Portugal não é tanto o aparecimento de um novo conceito, mas uma adulteração, uma nova concepção de um conceito já existente.

A sociedade portuguesa - tal como todas as sociedades de tradição católica - não desconhecem o conceito de sucesso enquanto vitória sobre dificuldades ou obtenção de resultados procurados: o que não existe é o que poderemos designar por concepção anglo-saxónica de estrita associação desse sucesso ao enriquecimento e à afirmação pública mais ou menos arrogante desse enriquecimento.

Trazer Max Weber e a sua «A ética protestante e o espírito do capitalismo» à discussão do problema (como o faz Carlos Câmara Leme) tem não só toda a razão de ser, como suscita o interessante problema da evolução e transformação dos padrões ideológicos e sociais das sociedades anglo-saxónicas e especialmente dos EUA. A questão é que a emergência e generalização de um conceito como o de sucesso tem manifestamente as suas origens no universo ético da Reforma, mas constitui simultaneamente a sua negação.

Concordar-se-á que mantém toda a actualidade as afirmações de Weber sobre a importância para o desenvolvimento do capitalismo nos países atingidos pela Reforma da generalização do conceito de que o enriquecimento constitui não só um fim em si, como, do ponto de vista ético-religioso, uma acção piedosa e redentora. O calvinismo dignificou a *auri sacra fames* que, com maior ou menor hipocrisia, o catolicismo vituperava, abrindo caminho à acumulação capitalista e, acima de tudo, ao conceito de investimento reprodutivo, à concepção de utilização do capital para reprodução do capital e não apenas como acumulação de capacidade aquisitiva que caracterizava a visão da riqueza na economia pré-capitalista.

Mas Max Weber aponta um aspecto essencial deste universo ético: «Este «tipo ideal» de empresário capitalista (...) nada tem a ver com o tipo vulgar do rico». Rejeita a ostentação, o luxo inútil e o gozo consciente do seu poder; repugna-lhe aceitar os sinais externos do respeito social de que disfruta, porque lhe são incómodos. O seu comportamento apresenta essencialmente traços de ascetismo».

Isto é, na sua origem, na essência puritana da mentalidade moderna anglo-saxónica, o sucesso, o êxito, o enriquecimento, constituem um fim em si próprio e não necessitam de qualquer reconhecimento social para se justificarem -

pelo contrário. Mas, a verdade é que, hoje em dia, se se mantem intacta a valorização social geral do enriquecimento nas sociedades inglesa e americana, o seu carácter ascético e discreto desapareceu por completo, para, pelo contrário, inteiramente se lhe associar a indispensabilidade do reconhecimento público.

No mesmo suplemento do «Público», José Carlos Espada traz ao debate Friederich Hayek para fornecer uma fundamentação económica ao carácter de reconhecimento social do sucesso. O raciocínio é, como não podia deixar de ser, da mais pura matriz do individualismo liberal: o enriquecimento é inevitavelmente fruto de um êxito de mercado. Para que haja enriquecimento de um indivíduo este pôs em prática um qualquer acto ou produto que o mercado *comprou*, dando assim origem ao lucro enriquecedor. O sucesso começaria assim inevitavelmente por ser um reconhecimento por parte do mercado da utilidade ou interesse da acção individual, aí residindo geneticamente um reconhecimento social.

Hayek e J.C. Espada sublinham que este êxito não significa fatalmente a existência de um *mérito* por parte de quem está na sua origem: o sucesso não constitui um *padrão ético* da qualidade do homem, mas tão só uma constatação de adequação entre uma acção individual e o interesse colectivo mediado pelo mercado: o mercado pode considerar como bom e útil um serviço ou mercadoria em cuja génese pode haver desonestidade, mediocridade intelectual, etc.

Este conceito introduz o aspecto importante de fornecer uma base, digamos, objectiva para o carácter social do sucesso, mas simultaneamente constitui já de si uma significativa e importante redução do conceito de sucesso: ao fazer depender do reconhecimento pelo mercado o sucesso de uma acção humana, afasta-se inevitavelmente dessa qualificação todos os actos humanos que não tenham uma imediata finalidade ou tradução comercial. Se se pretende atingir o sucesso, o único caminho é agir em função do mercado, é buscar acções ou produtos que possam ser vendidos e comprados.

Tal visão excluiria então do sucesso todas as acções humanas que não fossem passíveis de em termos imediatos sofrerem o teste do mercado: de fora ficariam realidades tão importantes como a investigação científica e artística ou actividades económicas infra-estruturais e socialmente estabilizadas.

Este conceito de sucesso exposto Hayek - síntese lógica do pensamento individualista e liberal - criaria, deixado exclusivamente a si próprio, uma situação paralizante, retiraria estímulo social, possibilidades de sucesso, a uma vasta área da actividade humana não susceptível de gerar, pela simples sujeição aos mecanismos de mercado, resultados económicos positivos aos seus protagonistas.

No quadro das sociedades capitalistas desenvolvidas a alternativa para esta solução é fornecida pelos meios de comunicação social, pelos *media*, que desempenham o papel de porta-vozes de um reconhecimento social não

directa, nem exclusivamente ditado pelos mecanismos de mercado.

Ao longo do suplemento do «Público» esta questão aparece repetidamente vincada: o sucesso é um reconhecimento público de triunfo que se manifesta pelo acolhimento dado ao seu agente pelos *media*, porta vozes autorizados da consciência social não apenas nos seus aspectos económicos e de mercado, mas na generalidade dos sectores de actividade socialmente relevantes.

Trata-se de uma conclusão legítima, mas que nos conduz inevitavelmente ao cerne do processo contraditório dos padrões de sucesso anglo-saxónicos.

Na matriz ética puritana do enriquecimento capitalista o aspecto social do sucesso não se traduzia fatalmente pelo reconhecimento público do agente. Admitindo-se que esse carácter social estava presente no êxito económico obtido, tal êxito económico não implicava fatalmente uma notoriedade pública. Mais, como assinala Weber, o calvinismo enjeita mesmo essa notoriedade, contrapondo-lhe um perfil discreto, ascético, recolhido.

Mas o «economicismo» desta visão do sucesso seria profundamente paralizante em termos sociais e especialmente para determinantes sectores do desenvolvimento como o labor intelectual em geral, seja científico, seja artístico. Remeter para o reconhecimento público mediático o padrão do sucesso constitui assim um antídoto àqueles riscos de paralização, de ausência de estímulos para o labor sem directas possibilidades de colocação no mercado e de proporcionarem lucros directos.

Mas com este reconhecimento mediático entramos no campo das aparências: o reconhecimento mediático traduz uma opinião subjectiva de valor, o que envolve dois problemas igualmente delicados. Por um lado, fatalmente subverte o padrão ascético e discreto do padrão de sucesso económico uma vez que o sucesso passa a depender não apenas do enriquecimento, mas também do reconhecimento público; por outro, não dispendo de outro padrão objectivo para avaliação do sucesso senão o do enriquecimento, os *media* oscilam entre duas posições: tentarem sistematicamente proporcionar êxito económico-financeiro aos agentes de actividades não directamente mercantis por eles eleitos como tendo obtido sucesso (e daí a multiplicação de prémios, concursos, etc estimulados pelo universo mediático) ou transformarem a sua acção de divulgação do sucesso como a própria essência do sucesso. A citação nos *media* deixa assim de ser uma *consequência* do sucesso para se transformar no sucesso propriamente dito.

Neste universo de aparências, lado a lado com o simples padrão de sucesso de enriquecimento, ficamos com o facto de que esse sucesso só o passa a ser realmente se tiver tradução mediática. O que envolve duas coisas: em primeiro lugar, ao sucesso económico, tendencialmente não visível directamente, é indispensável acrescentar os indícios, os signos desse sucesso, é necessário acrescentar «os sinais exteriores de riqueza» que os terceiros - incluindo os *media*

- identifiquem, reconheçam e divulguem. Em segundo lugar, abre-se caminho à mitificação: o sucesso não necessita absolutamente do êxito económico, necessita sim da sua aparência. Não é indispensável ser rico, mas sim parecê-lo.

Os elementos aparentes da riqueza constituem, por definição, o luxo. O consumo sumptuário é exactamente o elemento de aparência da riqueza, destina-se a ser essa aparência.

Mas interessa sublinhar que, especialmente no caso da sociedade norte-americana, a emergência do consumo sumptuário em conflito com o puritanismo dominante se faz com padrões europeus pré-existentes e especialmente da Europa católica. Contudo a trajetória individualista das sociedades protestantes introduz nesse consumo realidades substancialmente diversas das proporcionadas pelo universo mental das sociedades católicas. Independentemente da hipocrisia do conceito, o catolicismo apresenta o consumo sumptuário não como um direito individual, mas como uma expressão simultaneamente divina e social: é a Igreja que é rica, não o papa ou o sacerdote e, sendo a igreja rica, essa riqueza é de Deus e dos fiéis que constituem a Igreja; não é o rei ou o aristocrata que é rico, mas sim o país e o povo de que o rei é símbolo e a aristocracia natural e hereditária elite. Para o indivíduo individualmente considerado, o padrão ético será, pelo contrário, o do ascetismo. Éticamente, o apogeu é atingido pelo ascetismo monástico, pelo desprendimento aos bens terrenos.

Pelo contrário, no contraditório processo de convívio nas sociedades anglo-saxónicas e especialmente nos EUA do ascetismo puritano com as necessidades do consumo sumptuário, o que acima de tudo resultado é a legitimação social do *direito individual* ao consumo sumptuário.

Parecendo que a primeira vivência do conceito de sucesso releva de uma postura mais individualista, uma vez que dispensa o reconhecimento social do triunfo, a realidade é exactamente a inversa: a verdade é que o facto de a tradição católica tender a privilegiar o elemento de realização pessoal, de consciência, do sucesso, tal facto em nada retira o trajeto social da acção e o seu reconhecimento se, por mecanismos económicos de mercado ou outros, a sociedade lhe reconhecer mérito; o que sucede é que, ao invés do que ocorre com a vivência de padrão protestante, o sucesso não constitui um elemento de individualização e elitização face à sociedade, não cria automaticamente a necessidade de exteriorização sumptuária ou outra que os *media* reconheçam e ampliem. Enquanto aqui o sucesso constitui um *procurado* e assumido processo de afastamento, de separação do indivíduo face ao corpo social que lho proporciona, ali constitui uma realidade não contraditória com a sociedade que o envolve, pode pelo constituir um factor de integração social, de solidariedade social.

O gigantesco equívoco de tomar a visão cavaquista e liberal de sucesso como uma concepção de legítima realização individual, de legítimo direito individual à felicidade e

realizações pessoais gera e é fruto de confusões e mistificações que percorrem todo o dossier do «Público».

Afirmar, por exemplo, que a luta e o ideário antifascista são uma pura simétrica da bisonha concepção salazarista do mundo e da vida é, obviamente um disparate. O que um cavaquista não encontra na concepção de vida do antifascismo é a desenfadada busca de uma realização individual alheada da sociedade que a rodeia; porque a realidade é esta: o antifascismo *teve sucesso!*

Que se saiba, o fascismo foi efectivamente derrubado, os grandes objectivos por que se bateram durante décadas os antifascistas foram atingidos, digamos mesmo, *foram sendo atingidos*. O que faz diferir este sucesso daquele que o cavaquismo perflha é que a sua tradução individual e pessoal não tem a expressão de feroz individualismo conflitual com os outros sem a qual para ele o sucesso não existe.

Seria absurda manifestação de menoridade humana e intelectual que na cultura de esquerda não perpassasse também o sentimento de tristeza: a cultura de esquerda é uma cultura identificada com o povo, com a maioria das pessoas e a maioria das pessoas, no quadro das sociedades capitalistas em geral e em particular num regime fascista como Portugal viveu durante meio século, sofre. Só uma monstruosa indiferença permitiria ignorar tal realidade e conservá-la ausente da ideologia e da cultura. Mas, exactamente porque, simultaneamente com esta lúcida consciência e esta identificação, a cultura de esquerda considera que o sofrimento não é uma inevitabilidade e que o direito à felicidade e à realização pessoais fazem parte da ordem natural das coisas e da Humanidade, a cultura de esquerda não é *passiva e resignada*, antes sim combativa e interventiva. E o carácter social desta consciência e desta acção é transformador, ao passo que o furor de pura afirmação individualista é conservador do estado de coisas que é afinal a condição para a *salvação* individual.

A grande diferença entre o «pobrezinhos mas honrados e felizes» do ideário fascista e a dura e revoltada descrição da mesma pobreza pela literatura neo-realista é que a primeira é bisonhamente resignada e a segunda é determinadamente transformadora. O retrato denunciante da pobreza e da exploração presente no neo-realismo não traduz uma aceitação, antes visa a sua liquidação. Não há aqui tristeza-há determinação. E uma determinação que triunfa.

Quando Vicente Jorge Silva fala das «narrativas amargas e quase masoquistas dos anos de prisão sofridos pelos resistentes antifascistas» e acha que «ao fado oficial correspondia, quase simetricamente, o fado da oposição», esquece um pequeno pormenor: é que o «fado oficial» *fracassou* e o «fado da oposição» foi um... sucesso!

Do ponto de vista de Vicente Jorge Silva, os protagonistas da oposição antifascista, para terem sucesso, deveriam estar ricos e como tal serem reconhecidos pelos *media*... Ora, se esse tivesse sido o ponto de vista da esquerda, possivelmente os antifascistas estariam ricos - mas o fascismo ainda cá estaria... Onde, eles não teriam tido sucesso nos objectivos que se haviam colocado.

A nosso ver, atingimos aqui o vértice do problema. A questão fundamental da emergência do novo conceito de sucesso introduzido pelo cavaquismo na sociedade portuguesa não é o da generalização da ideia de um *direito individual à felicidade*, mas sim o da tentativa de destruição de todos os padrões éticos de solidariedade social e humana. Não se trata de afirmar e desenvolver os direitos do indivíduo, trata-se sim de os apresentar como apenas atingíveis mediante um processo conflitual com os outros e a sociedade em geral. O que se pretende é apresentar o sucesso individual como um fenómeno atingido mediante a vitória sobre os outros e contra os outros e não com uma vitória obtida com os outros e sobre as coisas e a realidade.

Não é particularmente necessário sublinhar que o esforço para generalizar ideologicamente esta inversão de valores é fulcral para o processo de restauração do capitalismo claramente assumido pela política cavaquista. Alterar as mentalidades é para tal processo tão importante como alterar o quadro constitucional e económico criado por um processo político e revolucionário tão solidamente ancorado em conceitos de solidariedade social como o foi o 25 de Abril.

A esquerda não tem de se curvar ou aceitar este esforço de inversão de valores que serve a direita e a exploração. Ele não constitui qualquer progresso e muito menos qualquer fenómeno libertador. Pelo contrário. No fundo, a questão é simples: pesem as adversidades e dificuldades, o que a esquerda tem de fazer, com determinação e alegria, é, como sempre fez, continuar a bater-se pelo... sucesso!

# Envolvida pelos tentáculos dos EUA

## América Latina à beira do caos

Miguel Urbano Rodrigues

Um relatório recente da Comissão Económica para a América Latina-CEPAL, organização das Nações Unidas, informa que o número de pessoas que na América Latina vive abaixo do nível da pobreza aumentou para 62%. Os números divulgados suscitaram polémica. Admite-se que a percentagem de latino-americanos afundados na miséria atinja os 70%.

O documento da CEPAL foi publicado num momento em que a militarização da luta contra o narcotráfico, planeada, exigida e executada pelos EUA, principia a assumir os contornos de nova modalidade de intervenção armada estrangeira em alguns países da América Latina.

### Colômbia «vigilada»

Na Colômbia cresce o sentimento anti-norte-americano mesmo em camadas sociais tradicionalmente ligadas aos EUA. Rumores persistentes sobre a presença secreta no país de forças norte-americanas foram confirmados pelo diário «La Prensa» na sua edição de 1 de Setembro p.p. O influente jornal foi categórico: militares norte-americanos estão instalados, sem conhecimento do Congresso colombiano, num quartel de Melgar, na região de Tolima, a 80 quilómetros de Bogotá.

No dia 2 de Setembro rebentou outro escândalo. Um avião da Força Aérea dos EUA em vo não autorizado sobre território colombiano obteve — segundo declarações do próprio piloto — 5000 fotografias de áreas situadas entre as cidades de Cali e Medellín.

Políticos de vários sectores reagiram, denunciando a existência de «vigilância aérea dos EUA sobre o país». Os protestos ampliaram-se quando elementos da oposição revelaram que Washington tem exercido insistentes pressões, através dos canais diplomáticos, sobre o presidente Cesar Gaviria para que o governo da Colômbia entregue à justiça norte-americana destacados narcotraficantes, a fim de que os mesmos sejam julgados por tribunais dos EUA. Essa notícia desencadeou logicamente uma tempestade política. Personalidades de múltiplos quadrantes ideológicos qualificaram as ingerências norte-americanas de «inaceitáveis ofensas à soberania da Colômbia». Alguns órgãos de comunicação aproveitaram, aliás, o episódio para recordar as circunstâncias que envolveram o sequestro do general Noriega, chamando a atenção para a ilegalidade do seu julgamento pela Justiça

dos EUA. Sendo um prisioneiro de guerra vai ser julgado por um tribunal civil. De modo geral, a imprensa colombiana sublinha que a Administração norte-americana não apresentou contra Manuel Noriega as provas que o Governo de Washington dizia existirem. O que houve foi compra de testemunhas, quase todas ligadas ao narcotráfico, e, em muitos casos, o preço dos depoimentos será o perdão de penas que estavam a ser cumpridas em presídios dos EUA.

### A intervenção na Bolívia

Na Bolívia cresce em todo o país a vaga de indignação suscitada pela actividade da Drug Enforcement Agency-DEA cujas iniciativas são agora ostensivamente apoiadas no terreno por elementos das Forças Armadas dos EUA. A cumplicidade do Governo de La Paz assume aspectos tão chocantes que no dia 2 de Setembro p.p. dois deputados exigiram na Câmara baixa do Parlamento a renúncia do general Elias Gutierrez, comandante da força especial antidroga. Aquele oficial foi acusado de «estar ao serviço dos EUA».

O jornal «Unidad», órgão do CC do Partido Comunista da Bolívia, comentando «a chegada de toneladas de equipamento e armas yankees para início da guerra contra os produtores de coca», escreve num artigo intitulado «Militarização — começou a tragédia»: «Quem provou que a repressão militar é um sistema que extirpa o mal? Todas as respostas são negativas, pois não trazem solução aos problemas e criam outros novos. Será desencadeada a tragédia, a sangueira, a morte e a destruição que começa agora na Bolívia (...). Serão instalados na Bolívia um centro de controlo com radares e modernos equipamentos



electrónicos; quatro batalhões completos, 16 aviões de combate e 6 helicópteros, dois barcos-piranha e um navio-mãe. Tudo isso poderia ser utilizado para controlar a entrada de drogas no território deles, mas aqui somente servirá para exercer violência contra gente humilde (...). A esmagadora maioria do povo boliviano está contra a militarização da luta contra o narcotráfico» (1).

Essa ofensiva norte-americana não vem aliás isolada. É acompanhada de outra na frente económica. O reajuste estrutural imposto pelo FMI (o ideólogo foi o prof. Jeffrey Sachs, agora convidado pela URSS para estudar o plano de choque para a economia soviética) implica, na sua segunda fase, o leilão dos dois últimos bancos estatais, o Mineiro e o Agrícola, a entrega ao capital privado dos recursos mineiros e petrolíferos, a preparação para a privatização dos caminhos-de-ferro e do sistema de segurança social.

A Bolívia — facto reconhecido pela própria imprensa dos EUA — é um país posto à venda pelos seus governantes.

### Peru — um país arrasado

No Peru foi o próprio presidente da República, Alberto Fujimori, quem sentiu a necessidade de vir a público explicar a presença inconstitucional no país de tropas norte-americanas. Não negou o facto. Procurou apresentar uma justificação contra essa presença (decidida sem consulta prévia ao Parlamento), alegando que os militares dos EUA se encontram no país para cooperarem na elevação do nível operacional das Forças Armadas peruanas.

A explicação foi mal recebida porque a palavra do presidente Fujimori perdeu toda a credibilidade.

O Fujichoque, o tratamento económico aplicado no país pelo FMI, é o mais violento e irracional de quantos o Fundo impôs até hoje a qualquer nação. Escolas, universidades,



hospitais fecharam em consequência de uma greve de duração ilimitada do seu pessoal. O salário médio na função pública oscilava em Julho p.p. entre 45 e 70 dólares mensais (setenta vezes menos do que nos EUA). A meio do Inverno passado, 83% da população, abrangendo largos sectores da classe média, não dispunha, para se alimentar, da dieta estabelecida pela Organização Mundial de Saúde como mínimo vital.

As medidas de choque do FMI incluíram um aumento de 2068% no preço de combustíveis (31 vezes superior ao anterior) e 1140% no pão (doze vezes mais caro do que antes). Em Julho p.p. o rendimento da população equivalia apenas a 15% do relativo a 1974. O Fujichoque tem sido definido na América Latina como a maior agressão económica a um povo do Continente registada no século XX.

Não é essa, contudo, a opinião do presidente George Bush. Segundo ele, as reformas em curso no Peru são «benéficas» para o futuro do seu povo. O Grupo dos Sete adopta uma posição similar. Para a banca transnacional e a comunidade financeira internacional em geral, a política económica do FMI no Peru é positiva (2).



#### Do Brasil à Nicarágua

O Brasil encontra-se no limiar de um espantoso caos. Collor de Melo somente não foi ainda afastado da Presidência através do recurso ao impedimento,

porque partido ou força alguma revela disponibilidade para assumir o Poder.

Na Argentina a herança da escalada privatizadora neo-liberal empurrou também o país (que já foi o sexto do mundo em *renda per capita*) para a ruína.

Na Nicarágua o empobrecimento do povo sob o governo ultraliberal de Violeta Chamorro, é um facto inocultável. No desenvolvimento da política de austeridade, o racionamento da energia eléctrica implica agora cortes de electricidade que, em Setembro passado, iam de três a cinco horas diárias. Mais de 50% da população activa está desempregada. O salário mínimo é de 30 dólares mensais no campo e de 50 dólares (sete contos) nas áreas urbanas (3). Na lista dos mais pobres, a Nicarágua disputa já o último lugar no Continente ao Haiti. Poderá alguém estranhar que o fascismo volte a levantar a cabeça em muitos países, do rio Bravo à Terra do Fogo? Na Guatemala, em El Salvador e no Brasil, «os esquadrões da morte» ampliam as suas actividades criminosas, desafiando a sociedade no seu conjunto. No Equador o governo foi forçado pela pressão social a fechar o Serviço de Investigações Criminais. Mas só o fez quando o povo assaltou a sede daquela organização, que torturava, assassinava e sequestrava impunemente. No Chile o general Augusto Pinochet retomou o discurso da arrogância ao responder em tom de mofa a pessoas que insistem em saber o que aconteceu a familiares desaparecidos durante o período da ditadura fascista.

É neste contexto continental — entre o sombrio e o trágico — que os EUA (enquanto reforçam a sua ofensiva ideológica, económica e diplomática para isolar Cuba) relançam a sua Iniciativa para as Américas, o ambicioso projecto do presidente Bush que visa a integrar o conjunto dos países do Norte do Centro e do Sul do Continente e os do Caribe num mercado único liderado pelos EUA como potência imperial.

A gravidade da crise soviética tem desviado para o leste europeu a atenção da opinião pública mundial. Entretanto, a crise global da América Latina (cuja dívida externa pulou na última década de 222 mil milhões de dólares para 423 mil milhões) assume contornos sociais explosivos pelo alastramento da fome, da miséria e de doenças epidémicas como a cólera. Fidel Castro assim define a Iniciativa para as Américas: «É uma Iniciativa que faria perder à América Latina o pouco que ainda lhe resta de independência política, transformando-a numa espécie de Porto Rico» (4).



(1) in «Unidad», La Paz, Bolívia, nºs 830 e 831.

(2) in «Perou «ajusté», perouviens écrasés», de Michel Chossudovski, prof. da Universidade de Ottawa, no Canadá, in «Le Monde Diplomatique», Outubro de 1991, Paris.

(3) «Nicarágua, del amanecer a la penumbra», de Sergio Ferrari, in «El Dia Latinoamericano», México, 9.9.91.

(4) in Revista «Siempre», México, Maio de 1991.

# O capitalismo ganhou? Há quem ache que é cedo para cantar vitória...

O capitalismo ganhou? Esta a pergunta que a revista Humanité Dimanche colocou a várias personalidades. O pretexto era, como se poderá adivinhar, a nova situação surgida após a derrocada dos regimes socialistas no Leste europeu. Trata-se de um verdadeiro debate, agora aberto por aquela publicação do PCF. Pelo próprio facto de não se tratar, na maioria dos casos, de comunistas, o inquérito surge com uma importância relevante. E mais ainda porque, qualquer que tenha sido o ponto de vista adoptado por cada um dos que responderam à pergunta - escritores, cineastas, jornalistas, gente da ciência - a conclusão geral é a de que, tendo ganho no imediato, o capitalismo não tem futuro...

Uma das personalidades inquiridas pela revista é o jornalista alemão Gunter Wallraff, um homem conhecido dos portugueses desde que, nos já longínquos dias de 1974/75, desmascarou alguns aspectos das conspirações contra-revolucionárias em Portugal. Posteriormente, o seu nome tornou-se famoso pelos seus trabalhos jornalísticos que, por exemplo, o levaram a viver na «pele» de um turco, em plena RFA. Alemão ocidental, a sua opinião não pode deixar de ser interessante, pois comenta o modo como se procede à absorção da antiga RDA.

Diz ele:

«As relações mundiais deixam augurar, no meu ponto de vista, uma evolução diversa de uma vitória do capitalismo. A ruptura entre pobres e ricos nunca foi tão grande. Dois terços da humanidade padecem de fome. É evidente que os estados que se afirmavam socialistas falharam. É necessário aprender com os erros cometidos. Mas algo de novo terá de aparecer se a humanidade quiser, simplesmente, sobreviver.»

E mais adiante, falando da Alemanha actual:

«A nova grande Alemanha não representa, é certo, uma ameaça militar. Mas pretende dominar no campo económico e tenta domesticar o resto da Europa. No solo da antiga RDA, o vencedor comporta-se como uma potência colonial. Está-se a transformar os territórios do Leste em hospício de pobres e em residência da terceira idade, simultaneamente.

Para que as forças progressistas na França, na Alemanha e em outros lugares da Europa encontrem o caminho de uma alternativa, é necessário, na minha opinião, que se desembaracem de uma maneira de pensar antiga, de uma cultura marcada pelo centralismo. Penso que é preciso, ao

contrário, reunir as diversas forças espalhadas. O novo movimento existe já. É apenas necessário alargá-lo ao plano internacional e ajudá-lo a desenvolver-se na base.»

«No essencial», conclui G. Wallraff, «penso que nos encontramos num momento em que é preciso extrair todos os ensinamentos das experiências passadas, numa fase de autocritica e de intensa reflexão.»

## Desastre social...

Por seu lado, o historiador Marc Ferro, que considera o que se passou no Leste uma «vitória da liberdade e da democracia, uma derrota do burocratismo económico e do terror ideológico de uma sociedade que se reivindicava do socialismo e do comunismo», não deixa de advertir:

«Ao mesmo tempo, cola-se aos russos ideias falsas de capitalismo. Certamente que haverá especuladores que defendem o liberalismo selvagem, mas, nos meios mais esclarecidos do poder, ninguém tem ilusões. A ideia dominante é a de que nada será pior do que a situação que este país conheceu e conhece. Os soviéticos vêem mais o que é negativo na sua sociedade do que o facto de ela se ter tornado mais aberta, cultivada, espiritualmente activa. O Ocidente, por seu lado, tem mais pressa em felicitar-se pela derrota do socialismo do que em glorificar o liberalismo. Porque nós sabemos perfeitamente que esse liberalismo económico desemboca, nomeadamente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, no desastre social.»

Por seu lado, o escritor Gilles Perrault defende uma curiosa ideia, aparentemente contraditória. A de que «o capitalismo averbou evidentemente a mais completa das vitórias, de modo que o futuro apresenta-se-lhe sob os mais sombrios augúrios».

E explica:

«Primeiro, perdeu o seu eficaz contraste - esse sistema dito socialista que, com numerosas virtudes entre as quais a nostalgia, não esperará pelo findar do século para desabrochar, oferecia o inconveniente de produzir a pasta dentífrica esquecendo-se de fabricar a escova de dentes, mordida profundamente as liberdades e segregava sobretudo um aborrecimento tão pesado que não importa que mortal, sabendo-se mortal, quereria trocar as suas virtudes por uma hora de vício capitalista. O balanço «globalmente positivo» era-lhe tanto mais facilmente acordado quanto o

contabilista vivesse longe do teatro das operações. No próprio terreno, cada um aviava a mala de cartão para escapar na primeira oportunidade.»

Mas, depois deste balanço «globalmente negativo», Perrault fala das realidades a Ocidente:

«O capitalismo vai agora ser julgado pelas suas próprias obras, e não mais em comparação com o seu calamitoso rival.

«Sobretudo porque - e cada semana o demonstra mais - a sua verdadeira natureza pode expandir-se sem reservas nem constrangimentos desde que se desembaraçou da preocupação da concorrência, e muito menos refreado pelas forças sociais tradicionais que lhe iam deitando água na fervura. O seu triunfo estabelece-se desde já sobre o imenso cemitério das suas vítimas. Quarenta mil crianças, segundo a UNICEF, morrem por dia de mal-nutrição. Alguns peritos, é verdade, contestam estes números. Aceitemos vinte mil. É ainda muito. Num Terceiro Mundo extenuado, é hoje a fome e a miséria que conhecem a mais forte taxa de progresso. Nos próprios países privilegiados, as manchas de pobreza não param de crescer no mapa social, enquanto os ricos enriquecem mais e a classe média se não acha mais em segurança. Exalta-se a «França ganhadora». Já se fez notar que são precisamente as empresas ganhadoras que registam mais despedimentos hoje? Tal é a lei do capitalismo pós-moderno: o lucro antes dos homens, os homens entravam o lucro. Três milhões de desempregados em França já não são um acidente do capitalismo, mas sim o seu modo de funcionar. «Há razão para a revolta», dizia Sartre. A razão torna-se obrigação.

«Foi muito justamente observado que a mais forte manifestação anticapitalista de há vinte anos a esta parte foi a dos nossos agricultores. Como não o compreender? O capitalismo condena-os à morte e, com eles, uma paisagem rural, um meio ambiente. Isso não impedirá que três agricultores em cada quatro votem à direita nas próximas eleições, segundo as suas tradições. Vai um grande caminho entre a revolta e a revolução. Estamos a caminho.»

## O capitalismo não ganhou a guerra

«Parafrazeando uma célebre expressão, direi que o capitalismo teve uma vitória, mas que não ganhou à guerra».



# Quem vai pôr o guiso ao gato?

## I

Dizem alguns por aí que o comunismo nunca existiu (e é um facto) para logo acrescentarem que o comunismo morreu. Morreu então uma coisa que nunca existiu...

Adiante. A lavagem da droga, isto é, a lavagem do capitalismo é o que está subjacente à lavagem... dos cérebros. Estaríamos perante a vitória do capitalismo. Vejamos o que escreve o conhecido jornalista alemão Günter Wallraff:

As relações no mundo auguram uma evolução que não passa pela vitória do capitalismo. Nunca foi tão grande o fosso entre ricos e pobres. Dois terços da humanidade passam fome. É certo que os chamados países socialistas faliram. Será preciso aprender com os erros cometidos. Mas algo tem de aparecer, se a humanidade quer sobreviver.

## II

Pierre Bergé, presidente da Ópera de Paris, de nenhuma forma simpatizante do socialismo, afirma que um capitalismo sem travões é a lei do mais forte, a selva. E acrescentou:

Hoje, não se tratam as pessoas como no século XIX. As últimas conquistas sociais, as 39 horas, a quinta semana de férias, modificaram a relação capital-trabalho. Eis algumas maneiras de meter travões ao capitalismo.

Por mim, tudo bem. Mas o caro Pierre esquece-se de dizer que foi a luta dos comunistas e outras forças de esquerda que, através de muita luta e sacrifício, arrancou tais conquistas; e esquece-se de dizer quem é que vai «travar» o capitalismo, ou seja, quem é que vai pôr o guiso ao gato...

## III

Margaret Thatcher, a madrinha mental do prof. Cavaco Silva, foi a Espanha dar uma entrevista à televisão. Chegou às quatro da tarde e partiu às seis. A entrevista teve a duração de 20 minutos. No estúdio, exigiu que retirassem do cenário flores e plantas porque às vezes, disse ela, «parece que me saem ramos das orelhas».

Por esta entrevista, Thatcher cobrou a importância de oito mil contos. Quando esteve no Japão, por cinco conferências cobrou 150 mil contos, ou seja, mais do que ganhou em onze anos a chefiar o governo inglês.

Como se vê, Thatcher não brinca em serviço.

## IV

Quem fala de Thatcher, fala de capitalismo. E quem fala de capitalismo, fala do Terceiro Mundo é da miséria sem nome a que os povos estão sujeitos.

afirma por sua vez o cineasta e escritor Gerard Mordillat, que classifica a derrocada dos países do Leste como mais propriamente a derrota «de um tipo de organização burocrática.»

«Nem por isso penso que o capitalismo possa aparecer com a imagem de um paraíso universal. Desde logo pode-se alinhar, ao lado das mortes do stalinismo, as vítimas do capitalismo. Infelizmente, a balança equilibra-se. Não há de um lado o bem e do outro o mal. O que me parece positivo é o emergir da ideia de democracia em países onde ela era completamente desconhecida. Dito isto, também não estou convencido de que esta passagem à democracia, esta prática da democracia, se façam e se decretam de um dia para o outro.»

«Seria aliás um logro absoluto acreditar que o conjunto das análises de Marx são obsoletas. O conceito de luta de classes continua válido. Não penso que o capitalismo seja uma panaceia. Talvez se tenha esse sentimento, aqui em França, porque muitos vivem por sorte num país incrivelmente rico, incrivelmente protegido, incrivelmente conservado na sua burguesia. Mas olhe-se para a América Latina, olhe-se os regimes que se reclamam do capitalismo, olhe-se a horrorosa miséria que aflava.»

No plano mundial, o que é escandaloso no capitalismo é ver (e trata-se da própria definição deste sistema) como as riquezas são propriedade de uma minoria enquanto que a grande maioria vive ainda na mais absoluta miséria. Último ponto: hoje tem-se o sentimento de que a democracia está inteiramente ligada ao capitalismo, particularmente à economia de mercado. Ora, para mim, a economia de mercado não é a melhor forma de conceber a economia. Sem dúvida trata-se do grande falhanço dos países do Leste: a esperança nunca concretizada de uma associação entre um tipo de economia que não seja uma economia de mercado e o funcionamento de uma democracia. Resta saber, efectivamente, se a questão está ligada ou não.»

## Uma derrocada

«Se é difícil dizer quem ganhou, sabemos pelo menos claramente quem - ou o que - perdeu: o socialismo, certamente, e mais precisamente o socialismo «real», o do partido único, dos burocratas do plano, da polícia política, dos censores, dos funcionários, o regime do terror e da mentira. Não se trata de uma derrota mas de uma derrocada.»

É assim que o jornalista do «Liberation» Marc Kravetz classifica os acontecimentos.

«M. Gorbachov, que afirmam corajoso e que talvez o seja, teve sobretudo a coragem de dizer que o rei, o partido, ia nu», ironiza, falando das consequências que daí lhe poderiam ter advindo se ele fosse um intelectual ou um «dissidente». Na opinião de Kravetz, pelo facto de Gorbachov ter sido secretário-geral do partido, «o seu diagnóstico valia por uma condenação definitiva e sem apelo do sistema».

No entanto, o jornalista recusa que se trate de uma vitória do capitalismo:

«Não foi o capitalismo que ganhou e menos ainda o capitalismo que se tenta reduzir à caricatura. Colocar assim a questão é dar a entender que face à vitória do «mal», haverá ainda um princípio do «bem», uma solução, senão mesmo a solução. Então dir-se-á o desemprego, as desigualdades, o esbanjamento de recursos e dos talentos, o abismo entre o Norte e o Sul que se vai ainda cavando. Mas qual é a resposta de três quartos de século de socialismo real? É a minha vez de dizer-vos que não é simples. Ironizemos em conjunto sobre o credo do mercado, isso nos obrigará a rejeitar o espírito de empresa, a responsabilidade individual, o direito à criação e à pesquisa fora das normas e dos constrangimentos do plano e do «socialismo científico». Será talvez demasiado tarde para debatê-lo. Sobre as ruínas do «balanço globalmente positivo», e uma vez desmascarada a verdade, que resta senão o dobrar-se sobre si mesmo, o egoísmo, o culto do lucro imediato, a explosão dos nacionalismos assassinos. Triste ideal, na verdade. Mas de quem é a culpa? Mas estareis de acordo, pelo contrário que, para esta situação, «as forças do grande capital» não contribuíram grande coisa. No máximo não fizeram senão colher, como dizia o amigo Prévert, os «terríveis espinhos da realidade».

Aquele Jornal das Nove abriu com uma terrível manchete: O BRASIL À BEIRA DO ABISMO! São os trabalhadores rurais cuja «velhice vem antes dos trinta» (como se diz na Morte e Vida Severina), é a pequena burguesia estrangulada na inflação, são os políticos corruptos, são os 10 milhões de crianças abandonadas, etc., etc.

Eu sempre disse que o êxito estava na Economia de Mercado. O futuro está no capitalismo. Como se prova pelo documento junto:

## V

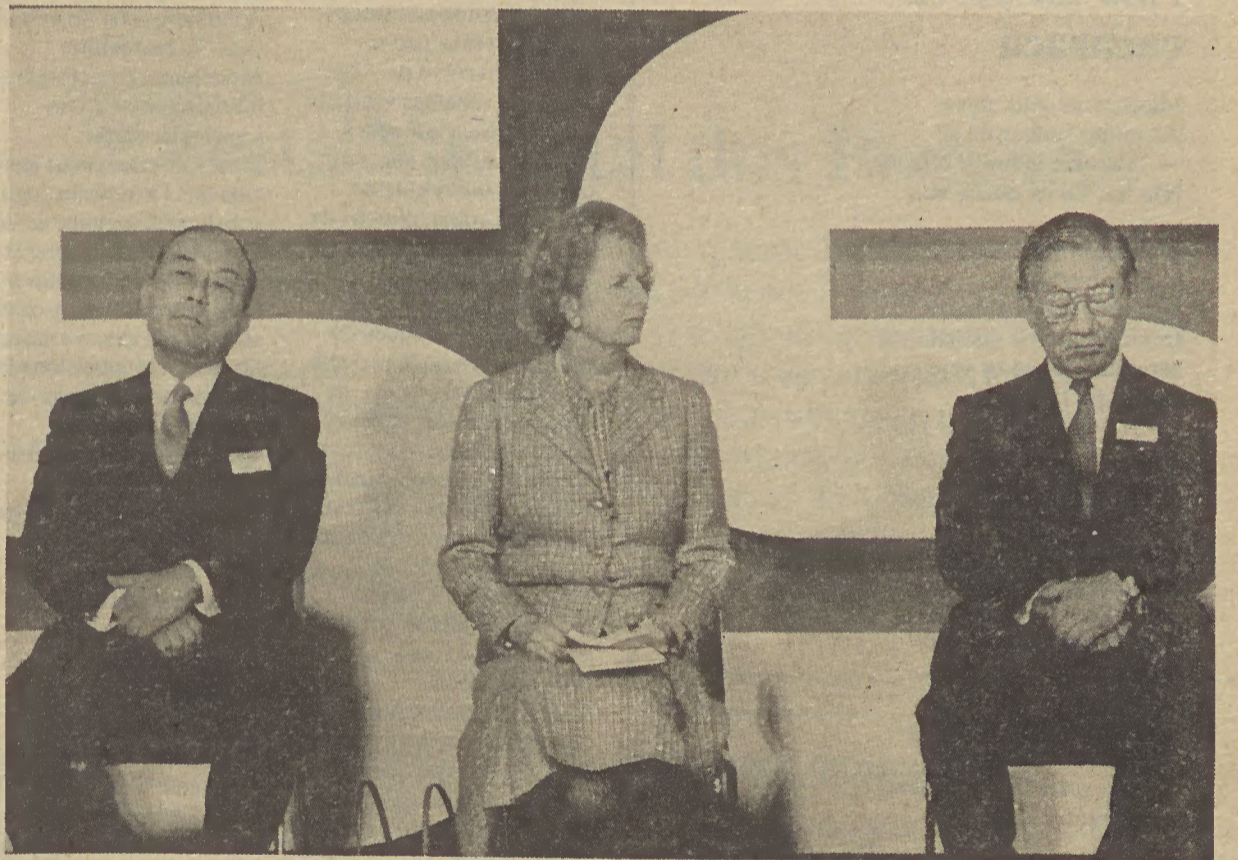
Paragem no tempo é um programa de televisão que desenvolve algumas efemérides, em curtos blocos. Dedicou alguns minutos ao assassinio de Lumumba. Eis aqui parte do texto utilizado.

O colonialismo deixara o país (o actual Zaire) num estado deplorável. A população continuava a viver em regime de semi-escravatura. O rei Balduino deslocou-se ao Congo para constatar pessoalmente a situação que ali se vivia.

Em 1956 os chefes da oposição ao regime eram Lumumba e Kasabuvu, mais tarde eleito presidente da nova república. No mês de Janeiro de 1960, a data da independência é marcada para 30 de Junho, numa vitória para Kasabuvu e Lumumba. O povo rejubila. Lumumba assume o cargo de Primeiro-Ministro. No entanto, o seu governo manteve-se apenas 200 dias no poder.

No decorrer da cerimónia que assinalou a independência, Lumumba afirmou, na presença do monarca belga: «Sofremos maus tratos, insultos e torturas constantes pelo simples facto de sermos negros».

Estas palavras enraivecaram os mais acérrimos defensores do colonialismo. A situação deteriorou-se. Al-



guns brancos foram mortos. Como resposta, a Bélgica mandou 10 mil pára-quadistas para a nova república. Os belgas instigam a população a revoltar-se contra o governo de Lumumba, com apelos a secessão do Katanga, a mais rica província do país. Desesperado, Lumumba pede auxílio à URSS. O embaixador americano manda telegrama para Washington a pedir a neutralização das forças de Lumumba. O exército congolês, chefiado por Mobutu, envolve-se no conflito. Lumumba é preso, espancado e logo de seguida Mobutu entrega-o aos seus encarniçados inimigos e acaba por assumir o governo do país.

Lumumba é assassinado a 27 de Janeiro de 1961.

Estas palavras ajudam a compreender a raiz dos recentes acontecimentos no Zaire. É interessante verificar como a maior parte da Comunicação tem a memória curta...

## PONTOS CARDEAIS

## Gazetilha

## Tempo de antena

Um pobre de pobre caco  
que bate a rua onde moro  
pôs a cruzinha em Cavaco.  
Eu, doido com o desaforo

— porquê? — pergunto-lhe enfim.  
Responde o pobre em excesso:  
— Porque ele fará de mim  
um pedinte de sucesso...

## A prova

Com um sorriso de decreto  
pregando eleitoralmente  
Cavaco aponta o projecto:  
levar Portugal em frente.

E diz para conclusão  
topando o geral espanto:  
— A prova é que já cá estão  
o Mello e o Espírito Santo...

## Doença

Buscava o doutor razões  
para a loucura do paciente.  
Farejou mil alcapões  
tudo em vão, freudianamente.

— Vê muitos telejornais  
(disse um parente avisado).  
As palavras doutorais:  
— Já não é preciso mais  
fica assim tudo explicado...

Não há eu cá  
cacaracá

Ministro de alto maná  
diz muito senhor de si:  
— Trabalho infantil? Não há.  
Não há. Eu cá nunca vi...

É forte a razão. Eu cá  
só acredito que há  
ministros de tal cotejo  
(muita gente há que não crê...)  
acredite porque os vejo  
às dúzias, lá na TV...

## Os gates

Governo tem seu enfeite.  
Tratam dele com deleite  
as rádios e os jornais.  
Fala-se em Sãobentogate  
Pegogate e outros mais.

Jogos por baixo da mesa...  
Cobras à solta no mato...  
Tantos gates? Com certeza  
com certeza ali há gato...

## Ai de ti, Haiti

Onde estais, gigantones dos murais?  
Onde estais, mercenários da guerrilha?  
Onde estais vós, de dentes em serrilha?  
Onde estais vós, atletas das morais?

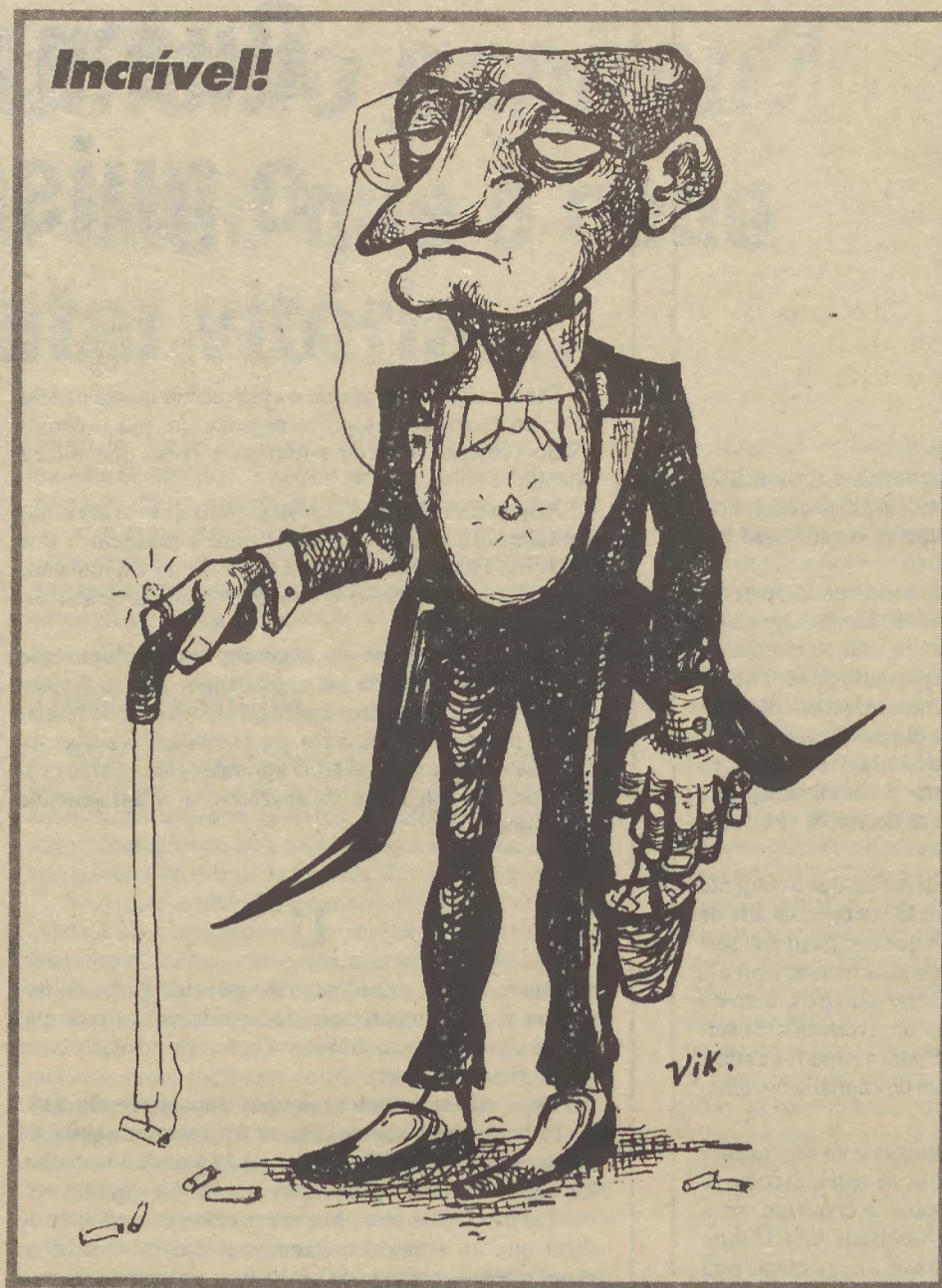
Obedientes ao vento, onde morais?  
Onde estais, almas de salsaparrilha?  
Onde estais, negociantes de barrilha?  
Onde estais, benze-pés de samurais?

Onde estais vós, de tanta mão pesada?  
Onde estais vós, que não dissestes nada  
sobre o crime que sobre o Haiti se abate?

Onde estais, onde estais, que não vos vejo?  
Dormis, talvez, nas dobras de um bocejo  
enquanto não vos surge outro combate...

■ IGNOTUS SUM

## Incrível!



## Rodar à direita

Uma série de eleições não só na «Europa-connosco», mas por aí fora, não só confirmam como por vezes acentuam algumas viragens à direita. Nem que seja à custa de partidos que, na oposição anteriormente, aparecem como reforços da situação, agravando-a. Será o caso da Turquia, em que o chamado Partido da Mãe-Pátria é agora afastado do poder ao mesmo tempo que os ultra-nacionalistas e os fundamentalistas ganham novas posições. Curioso é que, com novas roupas, a direita - que com as mesmas convence pouco - consegue manter-se. Como na Suíça, onde a extrema-direita se reforça com o partido dos... Automobilistas. Já se sabe que na maioria dos países, a regra é rodar pela direita. Mas que isso chegasse à política, através dos «Automobilistas» é que não se poderia supor. Nem num país tão especial como a Suíça dos chocolates e dos relógios.

## Antes e... depois

Muita gente se interrogava, nos meios de comunicação social - só os comunistas e seus aliados se apresentavam com certezas a este respeito - sobre o que faria o Governo e como reagiria o patronato se o PSD refizesse a sua maioria laranja. Agora que está refeita, passa-se à constatação. E desta feita é o «Diário de Notícias», no seu suplemento «Economia» que faz um interessante comentário. Passamos a transcrevê-lo:

«Quem saísse de Portugal antes das eleições e entrasse um dia depois, nem acreditaria estar no mesmo País. As maravilhas económicas começaram a desmoronar-se como castelos de cartas, desorientando o mais atento cidadão. De repente, logo pela manhã seguinte ao dia D, começam as empresas a falir, os despedimentos a surgir e múltiplos casos de salários em atraso a nascer. Os mais mal intencionados dizem que os gestores de imagem do Governo aplicaram a «lei da rolha» às empresas. Não sem contrapartidas! Más línguas, pois a Seagate despediu antes das eleições. Ou será antes a excepção? Cruel dilema...»

## Apostas remodelantes

Enquanto os semanários fazem apostas sobre uma eventual remodelação e se deitam a adivinhar que política seguirá Cavaco - uns chegam mesmo a aventar a hipótese do regresso dos mãos-duras, da economia à saúde, já que as eleições estão no papo -, entretêm-se por outro lado a elaborar os sempre complicados esquemas «remodelativos» dos partidos da oposição. Divulgam - agora não sondagens - opiniões sobre as táticas dos grupos no interior do PS, barão daqui, barão dali, complots, alianças, declarações de guerra que os leitores têm de engolir como lhas fornecem, sem o tempero da verdade, apenas polvilhadas pelo diz-se que. Levam ao leitor as

cartas indiscretas deste contra aquele, publicam entrevistas e... silêncios. Quanto ao PCP, continuam a tecer a teia das clivagens, ajudados cada vez menos por encartadas prosas, já que, desencartados finalmente, alguns ex-comunistas conseguiram a sua tribunazinha pessoal, de onde fazem fogo, de fora, contra o seu Partido de anteontem. Um dia destes, passada a fúnebre sanha contra a oposição, vão dá-la mesma como morta. E ocuparem-se, de novo, com as virtudes da governação. É o que está a dar.

## O mau perdedor

É frequente os partidos darem as mais incríveis razões para os seus desaires eleitorais. Desta vez a coisa não foi assim tão má, até o PS engoliu o insucesso e o confessou, e o próprio CDS, apesar de ter crescido em deputados, acabou por ver-se sem o chefe Freitas. O próprio Manuel Sérgio, o único PSN eleito, admitiu que mentira ao mostrar-se convencido de que a sua aglomeração partidária ia eleger três dezenas de reformados pós-modernos. Mas tinha de haver uma excepção. E foi o «simpático e original» Louçã, como a imprensa o tratou, a deixar vir o fel ao de cima. Dona Maria acabou com ele, e o boicote deu o lugar ao PSD. Pois não é que o Louçã, em mais um arroubo de originalidade, acabou por acusar o PCP(!) da sua derrota? Cá por nós, temos as costas largas.

frases  
da  
Semana

“Quando uma perna gangrena vai-se embora todo o resto. Foi o que aconteceu com o Peyroteo no Belenenses.”

☞ Manuel Sérgio, do PSN, ao «Expresso» de 19/10/91

“Nós somos um partido essencialmente de reformados, embora eu, quando cheguei, lhe tenha dado aquele golpe da pós-modernidade, e acrescentado os humilhados e ofendidos, para alargar.”

☞ Idem

“Você está convencido de que eu disse aquilo com convicção?”

☞ Resposta do mesmo Manuel Sérgio, ao «Expresso», ao recordarem-lhe ter-se afirmado convencido de que o PSN ia ter um grupo de 20 a 30 deputados...

“Eu gosto que me dêem porrada para andar.”

☞ Ainda M.S. ao «Expresso»

“O CDS é um grupo de amigos que se odeiam cordialmente.”

☞ Basílio Horta ao «Expresso»

“Com o dr. Mário Soares come-se e bebe-se muito bem.”

☞ António Barreto ao «Tal e Qual» de 18/10/91

“Louçã acusa Dona Maria”

☞ Título do «Semnário» de 19/10/91

“Para acabar de vez com o PS.”

☞ Título do artigo de Miguel Sousa Tavares, em o «Semnário»

“Há uma constante da vida portuguesa: sair da crise entregando a confiança a um só homem.”

☞ Adriano Moreira ao «Independente» de 18/10/91



### Sexta-feira, 25

A célula da EDP de Setúbal reúne às 18.30 horas, no centro de trabalho da capital sadina.

No CT de Espinho realiza-se às 21.30 um plenário de militantes da organização concelhia do Partido, para análise da situação política e social, em que participa Sérgio Teixeira, da CEN do CC.

No CT de Oeiras realiza-se um plenário de militantes do Partido, às 21.30 horas.

Para constituição do sector intelectual de Vila Real, reúnem no CT, às 21.30, quadros do Partido professores, médicos, advogados e artistas.

### Sábado, 26

Com a participação do camarada Henrique Sousa, do Secretariado do CC, realiza-se às 15 horas, no CT da Cova da Piedade, um plenário de militantes do Partido na freguesia.

Às 15 horas realiza-se no CT de Algés um plenário de militantes do Partido na freguesia.

A organização do Partido na freguesia de Barcarena promove um almoço-convívio às 13 horas. Às 15, no CT de Tercena, realiza-se um plenário de militantes.

Às 15 horas realiza-se em Vila Real uma reunião distrital da JCP para discussão e programação da actividade da Juventude Comunista Portuguesa no distrito.

### Domingo, 27

No CT de Carcavelos tem lugar um almoço-convívio em que participa António Andrez, da CEN do CC.

Em Alcabideche, no restaurante «A Petisqueira», realiza-se às 12.30 um almoço-convívio de activistas da CDU, promovido pela Comissão Concelhia de Cascais do Partido e que contará com a presença de Luís Sá, da Comissão Política. As inscrições podem ainda ser feitas durante o dia de hoje nos CTs do Partido em Cascais, Tires, Alcabideche e Parede.

Promovido pela Coordenadora CDU de Carcavelos, realiza-se às 13 horas um almoço-convívio de activistas da coligação na freguesia, com a presença de António Andrez. As inscrições são aceites no CT de Carcavelos, até amanhã.

Em Peniche tem lugar um convívio de candidatas e activistas da CDU no distrito de Leiria.

Em Vila Nova de Famalicão, no CT do PCP, realiza-se um convívio de militantes do Partido e outros activistas da CDU no distrito de Braga.

### Quarta-feira, 30

Às 19 horas, no CT de Cascais, realiza-se um plenário de militantes do Partido nas empresas do concelho, com a participação do camarada António Andrez.

No CT de Carnaxide realiza-se, às 21.30, um plenário de militantes do Partido na freguesia.

A organização do Partido em Porto Salvo realiza um plenário de militantes, no CT local, às 21.30.

## Barreiro, A Cidade e a Música

«A Cidade e a Música» é um ciclo de concertos organizados pelo Pelouro da Educação e Actividades Formativas da Câmara Municipal do Barreiro que serve simultaneamente de comemoração do Dia Mundial da Música. O ciclo tem animado o Barreiro ao longo de todo o mês de Outubro e encerra este fim-de-semana. No sábado apresenta-se no auditório da biblioteca municipal o grupo coral e instrumental «Os Bah Dat», constituído em 1988 por quinze amigos sob a orientação do maestro Francisco d'Orey. Cantam principalmente música americana, da pop ao jazz, harmonizada a quatro vozes. Domingo, o Barreiro viverá a animação da sua Banda Municipal que sob a direcção de José Alberto B. Cunha interpretará na SIRB «Os Penicheiros» obras que vão de L. Bernstein a Tchaikovsky.

## Abel Manta tem homenagem em Gouveia

Actividades culturais e sociais assinalam durante nove dias, a partir de sábado, uma homenagem ao artista plástico Abel Manta promovida pelo município da sua terra natal: Gouveia. O programa prevê a realização de exposições sobre

«Artes Gráficas do Expressionismo Alemão» e «Desenhos de Abel Manta» que estarão patentes ao público, respectivamente, até 17 de Novembro e 31 de Dezembro.

O professor da Escola de Belas-Artes do Porto, Joaquim Matos Chaves, profere no dia 27 de Outubro uma conferência sobre o tema «Em torno do expressionismo - Nascimento da modernidade».

A «Semana Cultural Abel Manta» inclui na próxima quarta-feira um concerto pelo Coral Regional de Liège-Bélgica e um recital a 3 de Novembro de «Música de Salão do Século XVIII» pela soprano Maria Repas Gonçalves e Pedro Caldeira Cabral em viola romântica e guitarra portuguesa.

## Temporada de cinema da Malaposta

A sugestão aqui fica: sexta, sábado e domingo o Malaposta apresenta, integrado na abertura da sua temporada cinematográfica, o filme francês de 1959 «Adieu Philippine», inédito no nosso país, com realização de Jacques Denjean, Maxime Saury e Paul Mattei e interpretações de Stefania Sabatini, Yveline Cery e Jean-Claude Aimini. É no Centro Cultural Malaposta na Rua Angola - Olival Basto, Odivelas, com telefone 9873299.

## Algumas exposições

«Tecidos» da artista Muriel Anastaye estão expostos no Centro de Animação e Formação Juvenil da Associação Fernando Mendes Pinto em Montemor-o-Velho na Rua Tenente Valadim, 44.

«Pintura Digital» de Feliciano Morgado pode ser vista na galeria da Casa-Museu dos Patudos em Alpiarça.

Luís Ralha expõe desenho e pintura na galeria João Hogan, na Rua Voz do Operário, 13 em Lisboa.

Eduardo Nery mostra obras suas na galeria Quadrado Azul, Rua Costa Cabral, 777, loja 8, Porto.

## ... e na Gulbenkian

E na Gulbenkian é a temporada de música. Hoje (21.30) e amanhã (18.30) no Grande Auditório, apresenta-se a orquestra da fundação sob a direcção do maestro Muhai Tang e a participação do violoncelista Truls Mork. Para ouvirmos obras de Mozart, Chostakovitch e Dvorák. No domingo Antoine Sibertin-Blanc tocará, às 16 horas, no órgão da Sé Patriarcal obras de Lübeck, Loeillet, J. G. Walther, Bach, Carlos Seixas, Widor e Dupré. Ainda uma sugestão para a semana útil, no Grande Auditório: segunda-feira às 18 e 30, o pianista António Guedes Barbosa vai interpretar obras de Mozart, Beethoven, Villa-Lobos e Chopin.

# Agenda

## CINEMA TIVOLI LISBOA

# A Escola

### PROGRAMA

BABY ROCK

ANABELA

MÍMICA

MÚSICA

DANÇA

AIR BEAT (Animador do Chapitô)

PIONEIROS DE PORTUGAL

DOMINGO • 27 Out • 11 horas

\* ENTRADA LIVRE A CRIANÇAS

Pioneiros de Portugal



Largo Trindade Coelho, 9 - 1.º - 1200 LISBOA - Telef.: 347 10 81

Domingo, no Tivoli

## 3ª Festa Nacional dos Pioneiros

Domingo, dia 27, decorre no cinema Tivoli, em Lisboa, a partir das 11 horas, a 3ª Festa Nacional dos Pioneiros de Portugal que tem por tema «A escola». O programa será preenchido com as canções do grupo «Baby-Rock» e da Anabela, e com as actuações de um grupo de mímica, um grupo de dança (o «Jazzbell») e do grupo de animadores do Chapitô («Air beat»). A entrada é gratuita para as crianças. O bilhete para adultos custa 400 escudos. Para outras informações, devem contactar os Pioneiros de Portugal, no Largo Trindade Coelho, nº 9, 1.º, 1200 Lisboa (telefone 3471081).

## Televisão

## Filmes na TV

## Quinta, 24

## Canal 1

07.30 Bom Dia  
09.30 Rua Sésamo  
10.05 Bom Dia  
10.30 Ricardina e Marta  
11.05 Bom Dia  
11.40 Jogo de Cartas  
12.05 Culinária  
12.20 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Naquele Tempo  
14.00 Brinca Brincando  
14.30 Rebecca  
(ver «Filmes na TV»)  
16.35 Ponto por Ponto  
17.05 Brinca Brincando  
17.35 Rua Sésamo  
18.10 Riviera  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
21.10 Desenhos Animados  
20.25 Sassá Mutema  
21.30 Os Simpsons  
21.50 Cruz de Fogo  
22.50 Os Olhos da Lua  
23.35 24 Horas  
00.10 Remate  
00.25 Sabath

## Canal 2

09.00 Videotexto  
12.00 Primeiro Jornal  
12.05 Os Cavaleiros das Estrelas  
12.30 Curso de Inglês  
12.45 O Mundo de Jorge  
12.55 Filhos e Filhas  
13.20 Agora Escolha  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora Escolha  
15.25 Recreio do 2  
16.30 Guarda Florestal  
17.25 A Natureza das Coisas  
17.50 Clip-Club  
18.20 Eterno Feminino  
19.30 Aventura do Conhecimento  
19.55 Música no 2  
20.45 Zás Trás  
21.00 Jornal das Nove  
21.35 Harry Bellafonte  
22.35 Roseanne  
23.05 Os Quatro Espiões  
(ver «Filmes na TV»)

## Sexta, 25

## Canal 1

07.30 Bom Dia  
09.30 Rua Sésamo  
10.05 Bom Dia  
10.30 Ricardina e Marta  
11.05 Bom Dia  
11.40 Jogo de Cartas  
12.05 Culinária  
12.20 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Exploração  
14.00 Brinca Brincando  
14.35 Piratas em Biquíni  
(ver «Filmes na TV»)  
16.10 Ponto por Ponto  
17.05 Brinca Brincando  
17.35 Rua Sésamo  
18.10 Riviera  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.10 Desenhos Animados  
20.25 Sassá Mutema  
21.25 Antes Só que Mal Acompanhado  
(ver «Filmes na TV»)  
23.15 Cheers, Aquele Bar  
23.35 24 Horas  
00.20 Remate  
00.45 Betty Boop  
00.50 O Estrangulador de Baltimore  
(ver «Filmes na TV»)

## Canal 2

09.00 Videotexto  
12.00 Primeiro Jornal  
12.05 Universo Juvenil  
12.30 Curso de Alemão  
12.45 O Mundo de Jorge  
12.55 Filhos e Filhas  
13.20 Agora, Escolha!  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.30 Recreio do 2  
17.00 Burlescos  
17.30 O Século dos Cirurgiões  
18.00 Clip-Club  
18.30 Eterno Feminino  
19.30 A Voz do Planeta  
20.00 Nunca Mais é Sábado

20.50 Zás Trás  
21.00 Jornal das Nove  
21.35 Por Mares Nunca Dantes Navegados  
22.25 Rotações  
23.25 Pantanal  
00.55 Cop Rock

## Sábado, 26

## Canal 1

08.10 À Mão de Semear  
08.25 Canal Jovem  
13.00 Notícias  
13.15 Cover Story  
13.40 A Guerra dos Mundos  
14.30 Bob Geldof  
15.20 T & T  
15.45 National Geographic  
16.25 Camaradas Obrigado  
(ver «Filmes na TV»)  
17.25 Hale and Pace  
17.50 Os Mistérios do Padre Dowling  
18.40 O Café do Ambriz  
19.45 Totoloto  
20.00 Jornal de Sábado  
21.20 Desenhos Animados  
21.35 Kananga do Japão  
23.15 Casa Cheia  
23.55 Betty Boop  
24.00 Nova Iorque 2 Horas da Manhã  
(ver «Filmes na TV»)  
01.50 Remate

## Canal 2

09.00 Universidade Aberta  
11.25 Forum Musical  
13.20 Agora Escolha o 2  
14.05 Siga a Marinha  
(ver «Filmes na TV»)  
16.00 Estádio  
18.30 Jornal Fim-de-Semana  
19.00 Arca de Noé  
19.45 Outras Músicas  
21.05 Estádio  
23.30 Pantanal  
00.55 A Engrenagem do Crime

## Domingo, 27

## Canal 1

08.00 Canal Jovem  
11.35 Missa  
12.30 70 x 7  
13.00 Notícias  
13.15 Os Jovens Cowboys  
13.40 Desafios da Vida  
14.50 Top+  
15.40 A Ilha Misteriosa  
(ver «Filmes na TV»)  
17.20 Aventuras do Cavalo Preto  
17.45 ET - Entretenimento Total  
18.45 Os Golos da Jornada  
18.55 McGyver  
20.00 Jornal de Domingo  
20.35 Desenhos Animados  
20.45 Kananga do Japão  
22.15 Domingo Desportivo  
23.30 Camarena - As Guerras da Droga  
00.20 Conversa Afiada  
01.30 Remate

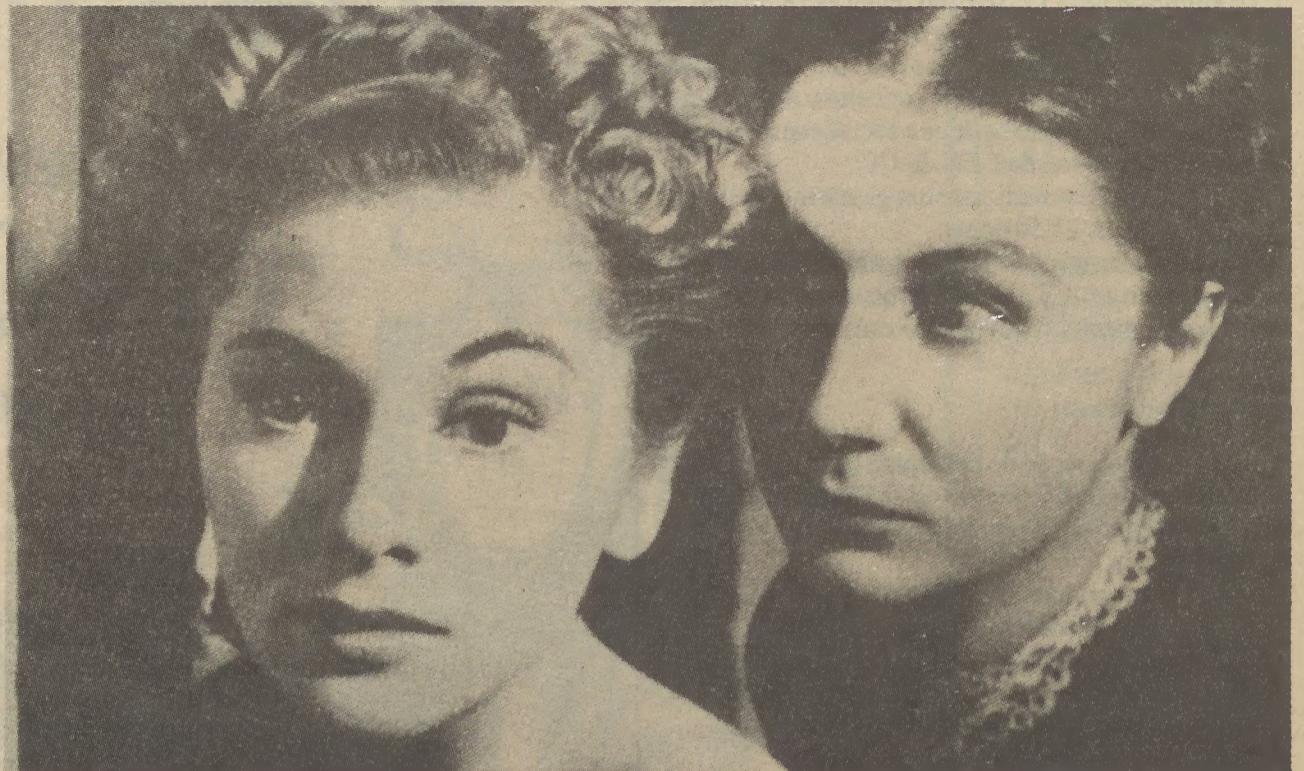
## Canal 2

09.00 Caminhos  
09.30 Novos Horizontes  
10.00 Planeta para Amar  
10.55 Regiões Magazine  
12.05 Agarra o 2  
13.10 Vida Nova  
14.00 Troféu  
20.15 Palavra Puxa Palavra  
21.00 Nós 2  
22.05 Artes e Letras - Homenagem a Cassiano Branco  
22.55 O Enigma da Caixa de Música  
(ver «Filmes na TV»)  
01.00 Tauromaquia

## Segunda, 28

## Canal 1

07.30 Bom Dia  
09.30 Rua Sésamo  
10.00 Bom Dia  
10.30 Ricardina e Marta  
11.00 Bom Dia  
11.40 Jogo de Cartas  
12.00 Notícias  
12.05 Culinária  
12.20 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde



Rebecca, com Judith Anderson e Joan Fontaine, hoje à tarde no Canal 1. À noite, no 2, há mais Hitchcock: Os quatro espões.

13.30 Sobrevivência  
14.00 Brinca Brincando  
14.30 O Grande Golpe de Ouro  
(ver «Filmes na TV»)  
16.20 Ponto por Ponto  
17.05 Brinca Brincando  
17.35 Rua Sésamo  
18.05 Caderno Diário  
18.10 Riviera  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.25 Sassá Mutema  
21.15 O Preço Certo  
22.40 Um Amor Obsessivo  
23.40 24 Horas  
00.15 Remate

## Canal 2

09.00 Videotexto  
12.00 Primeiro Jornal  
12.05 Flash Gordon  
12.30 Curso de Alemão  
12.45 O Mundo de Jorge  
12.55 Filhos e Filhas  
13.20 Agora, Escolha!  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.30 Recreio do 2  
16.35 As Aventuras de Black Beauty  
17.00 Tigris  
18.00 Clip-Club  
18.30 Eterno Feminino  
19.30 Dramazine  
19.55 Arsenio Hall  
20.45 Zás-Trás  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 O sr. Almanaco  
21.40 Falar Claro  
22.30 Bailado: «História do Soldado»

## Terça, 29

## Canal 1

07.30 Bom Dia  
09.30 Rua Sésamo  
10.00 Bom Dia  
10.30 Ricardina e Marta  
11.00 Bom Dia  
11.40 Jogo de Cartas  
12.00 Notícias  
12.05 Culinária  
12.20 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Lugares de Troca  
14.00 Brinca Brincando  
14.35 História de Betty Ford  
(ver «Filmes na TV»)  
16.15 Ponto por Ponto  
17.05 Brinca Brincando  
17.35 Rua Sésamo  
18.05 Caderno Diário  
18.10 Riviera  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.15 Sassá Mutema  
21.15 A Lei de Murphy  
22.55 Primeira Página  
00.25 24 Horas  
01.00 Remate

## Canal 2

08.45 Videotexto  
09.00 Mira Rádio  
12.00 Primeiro Jornal

12.05 Os Novos Caça-Fantasmas  
12.30 Curso de Alemão  
12.45 O Mundo de Jorge  
12.55 Filhos e Filhas  
13.20 Agora, Escolha!  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.30 Recreio do 2  
16.30 Rasmus e o Vagabundo  
16.55 Férias Aquáticas  
17.25 Tribunal de Júri  
18.00 Clip Club  
18.30 Eterno Feminino  
19.30 Cinemazine  
19.55 Big Break  
20.45 Zás-Trás  
21.00 Jornal das Nove  
21.35 1000 Imagens  
22.30 Longe de Pequim  
(ver «Filmes na TV»)  
00.20 Pop-Off

## Quarta, 30

## Canal 1

07.30 Bom Dia  
09.30 Rua Sésamo  
10.00 Bom Dia  
10.30 Ricardina e Marta  
11.00 Bom Dia  
11.40 Jogo de Cartas  
12.05 Culinária  
12.20 Final Feliz  
13.00 Jornal da Tarde  
13.30 Paragem no Tempo  
14.00 Brinca Brincando  
14.35 O Que O Céu Permite  
(ver «Filmes na TV»)  
16.05 Tu Cá, Tu Lá  
17.05 Brinca Brincando  
17.35 Rua Sésamo  
18.05 Caderno Diário  
18.10 Riviera  
18.40 Roda da Sorte  
19.30 Telejornal  
20.20 Sassá Mutema  
21.15 Vamos Jogar no Totobola  
21.25 Crónica de uma Morte Anunciada  
(ver «Filmes na TV»)  
23.30 24 Horas  
00.05 Remate

## Canal 2

08.45 Mira Rádio  
09.00 Videotexto  
12.00 Primeiro Jornal  
12.05 2020 - Polícias em Acção  
12.30 Curso de Francês  
12.45 O Mundo de Jorge  
12.55 Filhos e Filhas  
13.20 Agora, Escolha!  
14.00 Jornal das Duas  
14.30 Agora, Escolha!  
15.30 Recreio do 2  
16.30 O Caminho das Estrelas II  
17.30 Príncipe Carlos  
18.00 Clip-Club  
18.30 Eterno Feminino  
19.30 Uma Questão de Palavras  
19.55 Concerto para Jovens  
20.45 Zás-Trás  
21.00 Jornal das Nove  
21.30 Carlos Cruz: «Quarta-feira»  
22.30 A Aviação em Portugal  
23.30 Castelo de Cartas

## Rebecca

«Rebecca» (EUA/1940). Realização de Alfred Hitchcock. Interpretação de Laurence Olivier, Joan Fontaine, George Sanders. P/B, 125 minutos.

Esta adaptação de um romance na altura muito popular (da autoria de Daphne du Maurier) foi o primeiro filme americano de Hitchcock, e teve logo grande sucesso. Num jogo de equívoco e perturbação em torno da culpa e do castigo, conta a história de uma jovem que casa com um nobre inglês, viúvo e atormentado pela memória da sua falecida esposa, que surge à jovem como uma mulher exemplar, mas que na verdade era um ser detestável e profundamente odiada pelo marido, que julga tê-la assassinado. Destaque para as interpretações de Laurence Olivier e Joan Fontaine nos principais papéis.

Quinta, 14.35, Canal 1

## Antes Só que Mal Acompanhado

«Planes, Trinas and Automobiles» (EUA/1987). Realização de John Hughes. Interpretação de Steve Martin, John Candy, Laila Robbins. Cor, 89 minutos.

Conhecido pelos seus filmes sobre adolescentes, Hughes apresenta aqui uma comédia para adultos com base na história de dois homens que têm uma atitude para com o mundo mais próxima da adolescência que da maturidade. Dois companheiros forçados de viagem, que o acaso e o mau tempo juntam quando se deslocam entre Nova Iorque e Chicago. Uma divertida comédia sobre o choque de personalidades entre dois homens que vivem em universos socioculturais e económicos aparentemente inconciliáveis e que só uma ironia do destino poderia reunir.

Sexta, 21.25, Canal 1

## O Estrangulador de Baltimore

«Chamber of Horrors» (telefilme, EUA/1966). Realização de Hy Haverback. Interpretação de Patrick O'Neal, Cesare Danova, Laura Devon. Cor, 95 minutos.

Inicialmente produzido para a televisão, este thriller de horror desenvolve a sua acção na cidade de Baltimore nos finais do século passado quando um psicopata aterroriza a cidade com uma série de crimes brutais. Uma história perturbadora no domínio do horror de cariz psicopatológico.

Sexta, 00.50, Canal 1

## Os Quatro Espiões

«The Secret Agent» (GBR/1936). Realização de Alfred Hitchcock. Interpretação de Madeleine Carrol, John Gielgud, Peter Lorre. P/B, 80 minutos.

Mais uma história de espionagem durante a Segunda Guerra, com um romancista inglês a ser utilizado pelos serviços secretos para localizar na Suíça um espião alemão. Equívocos vários e o inevitável encontro do inglês com uma bela agente, para tudo terminar com a missão cumprida e em apaixonado romance.

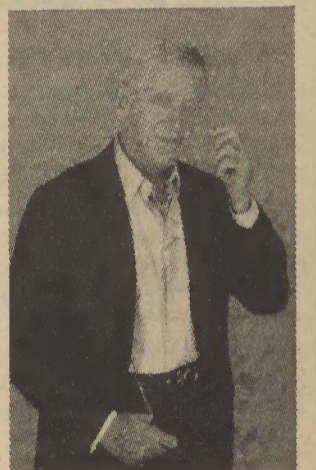
Quinta, 23.05, Canal 2

## Piratas em Biquíni

«Easy Come, Easy Go» (EUA/1966). Realização de John Rich. Interpretação de Elvis Presley, Dodie Marshall, Pat Priest. Cor, 91 minutos.

Este filme é considerado como um dos melhores da carreira de Elvis Presley, iniciada em 1956. Conta a história de um tesouro descoberto por acaso por um mergulhador da Marinha que dele se pretende apossar, apesar da oposição da neta do dono do navio afundado. Uma oportunidade para uma série de interessantes sequências filmadas debaixo de água, com Elvis à tona a fazer valer os seus dotes vocais.

Sexta, 14.35, Canal 1



Fred Astaire, sábado à tarde, no Canal 2

Siga a Marinha  
«Follow the Fleet» (EUA/1936). Realização de Mark Sandrich. Interpretação de Fred Astaire, Ginger Rogers, Randolph Scott. P/B, 106 minutos.

Uma desilusão de amor leva Bake a alistar-se na Marinha. A bordo, vai pôr toda a gente a dançar, acabando por vencer dois camaradas a participar numa competição onde volta a encontrar a namorada, com quem se reconcilia. Trata-se de um dos mais célebres musicais dos anos trinta interpretados por esse par mítico do cinema que foi Fred Astaire e Ginger Rogers, que conta com uma fabulosa partitura musical assinada por Irving Berlin. De assinalar ainda as interpretações de Lucille Ball, Betty Grable e Tony Martin.

Sábado, 14.05, Canal 2

**Camaradas, Obrigado**  
«Thank You Comrades» (telefilme, GBr/1978). Realização de Jack Gold. Interpretação de Ben Kingsley, Connie Booth, Lee Montague. Cor, 58 minutos.

Uma produção televisiva da BBC baseada num facto verídico ocorrido nos primeiros anos da Revolução Russa. Um italiano é encarregado pelo Comité Soviético para o Cinema de comprar material e película na América, onde se apodera de uma fortuna em proveito próprio através de uma das mais curiosas burlas do século.

Sábado, 15.20, Canal 1

**Nova Iorque Duas Horas da Manhã**

«Fear City» (EUA/1984). Realização de Abel Ferrara. Interpretação de Tom Berenger, Billy Williams, Jack Scalia, Melanie Griffith, Rossano Brazi. Cor, 92 minutos.

Mais um thriller urbano e violento a dar conta dos pesadelos em que se transformaram as grandes cidades norte-americanas, cujas noites são povoadas por todos os riscos, todos os horrores e paranóias. No centro da história está um ex-pugilista traumatizado pela morte de um adversário no ringue e que um psicopata assassino quer forçar a um combate mortal; como forma de pressão vão sendo assassinadas as raparigas pertencentes à organização do ex-pugilista. Um excelente filme negro sobre o universo implacável de Nova Iorque onde cada um é forçado a pagar o preço da sua existência.

Sábado, 24.00, Canal 1

**A Ilha Misteriosa**

«Mysterious Island» (GBr/1961). Realização de Cy Enfield. Interpretação de Michael Craig, Joan Greenwood. Cor, 97 minutos.

Adaptação ao cinema do célebre romance de Júlio Verne, esta produção britânica é um misto de filme de aventuras e de fantasia de horror sobre as peripécias de um grupo de americanos e ingleses numa pequena ilha do Pacífico povoada por monstros, assombrada por piratas e em vias de desaparecer do mapa devido a uma erupção vulcânica, salvos no último momento pelo capitão Nemo.

Domingo, 15.40, Canal 1

**O Enigma da Caixa de Música**

«Music Box» (EUA/1989). Realização de Costa-Gravas. Interpretação de Jessica Lange, Armin Mueller-Stahl. Cor, 121 minutos.

Uma história que nos conta o choque entre uma filha e o pai quando este é acusado de ser um nazi húngaro que se refugiou na América e refez toda a sua vida. Sendo advogada, a filha decide defender o pai que julga vítima de uma conjura comunista, mas ela

	David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> A Voz da Lua	—	★★	—	★★★★
<b>B</b> O Silêncio dos Inocentes	—	★★★★	★★	★★★★
<b>C</b> A Malta do Balro	—	★★	—	★★
<b>D</b> Thelma e Louise	—	★★★	—	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Federico Fellini — Amoreiras/7 (14.00, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15). Quarteto/2 (14.30, 17, 19.30, 21.45, 24) — Lisboa.
- B — Real. Jonathan Demme — Alfa/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00). Amoreiras/4 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15). Fonte Nova/1 (14.45, 17.00, 19.15, 21.45). Mundial/3 (14.00, 16.30, 19.15, 21.45). Quarteto/1 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24.00) — Lisboa.
- C — Real. John Singleton — Alfa Club (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24). Amoreiras/8 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15). Quarteto/4 (14.30, 17.00, 19.30, 21.45, 24). Xenon (14.15, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa.
- D — Real. Ridley Scott — Alfa/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00). Amoreiras/1 (14.00, 16.30, 19.30, 21.30, 24.00). Mundial/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30). S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.45). Star (14.00, 16.30, 19.00, 21.30).

própria começa a ter dúvidas sobre a verdadeira identidade do progenitor. Após uma acidentada viagem a Budapeste, Ann fica de posse de uma caixa de música que lhe vai revelar toda a verdade. Um filme bem ao estilo de Costa-Gravas com uma excelente interpretação de Jessica Lange.

Domingo, 23.00, Canal 3



Na «Primeira Matinée» de segunda-feira, O Grande Golpe de Ouro, com Sophia Loren

**O Grande Golpe de Ouro**  
«Brass Target» (EUA/1978). Realização de John Hough. Interpretação de Sophia Loren e John Cassavetes. Cor, 106 minutos.

Uma história policial que tem como pano de fundo o final da Segunda Guerra Mundial quando reservas de ouro estimadas em 250 milhões de dólares são roubadas de um comboio militar norte-americano.

Segunda, 14.35, Canal 1

**A História de Betty Ford**  
«The Betty Ford Story» (EUA/1987). Realização de David Greene. Interpretação de Gena Rowlands. Cor, 90 minutos.

Telefilme sobre uma ex-primeira dama dos EUA e a sua luta contra a dependência do álcool e das drogas, baseado na autobiografia de Betty Ford.

Terça, 14.35, Canal 1

**Longe de Pequim**  
«Pekin Teki Suikaz» (Japão/1989). Realização de Nobuhiko Obayashi. Interpretação de Bengal, Masako Motai e Toru Minegishi. Cor, 135 minutos.

Baseado num facto real, este filme conta a história de um vendedor de legumes cuja vida se altera quando começa a ajudar um estudante chinês. O seu apoio aos estudantes estrangeiros, que têm uma

vida bastante dura no Japão, acaba por salvá-lo da ruína e levá-lo de visita até à China.

Terça, 22.05, Canal 2



História de Betty Ford, com Rock Hudson, terça-feira à tarde, no Canal 1

**O Que o Céu Permite**  
«All That Heaven Allows» (EUA/1955). Realização de Douglas Sirk. Interpretação de Rock Hudson, Jane Wyman e Agnes Moorehead. Cor, 86 minutos.

História de uma viúva que se apaixona pelo jardineiro e da incompreensão dos respectivos filhos e vizinhos para com os ditames do amor.

Quarta, 14.35, Canal 1

**Crónica de uma Morte Anunciada**

«Cronace di una Morte Annunciata» (Itália/1987). Realização de Francesco Rosi. Interpretação de Rupert Eberett, Ornella Muti, Gian Maria Volonté e Irene Pappas. Cor, 106 minutos.

Adaptação do romance homónimo de Gabriel Garcia Marquez, inspirado num caso verídico. Conta a história da morte de Santiago Nasar, investigada pelo dr. Bedoia que regressa à sua cidade natal, Cartagena, na Colômbia, após mais de 20 anos de ausência. Tudo começou quando o jovem e rico Bayardo San Roman casou com a bela Angela Vicario e esta é devol-

vida aos pais por já não ser virgem. Espancada, a jovem acaba por revelar os seus amores com Santiago Nasar.

Quarta, 21.40, Canal 1

**TEATRO**

**TEATRO DO CALVÁRIO**  
R. Leão de Oliveira, 1. Tel. 3639974. De 5ª a dom. às 21.30. AMOR TAMBÉM DE PERDIÇÃO, produção e encenação de Fernando Gomes/Teatro Livre.

**TEATRO DA COMUNA**  
Pç. de Espanha. Tel. 7260818. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. JOANA QUE..., texto e encenação de José Carretas. Café-Teatro: sáb., às 24.00, II FESTIVAL DA OTITE, de Carlos Paulo, encenação de João Mota.

**TEATRO MARIA MATOS**  
Av. Frei Miguel Contreiras. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. A MORTE DO PALHAÇO, de Raul Brandão, adaptação e encenação de João Brites, pelo Grupo O Bando.

**TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA**  
Almada. Tel. 2752175. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16. MOZARTE SALIERI, de Pushkin, pela Companhia de Teatro de Almada.

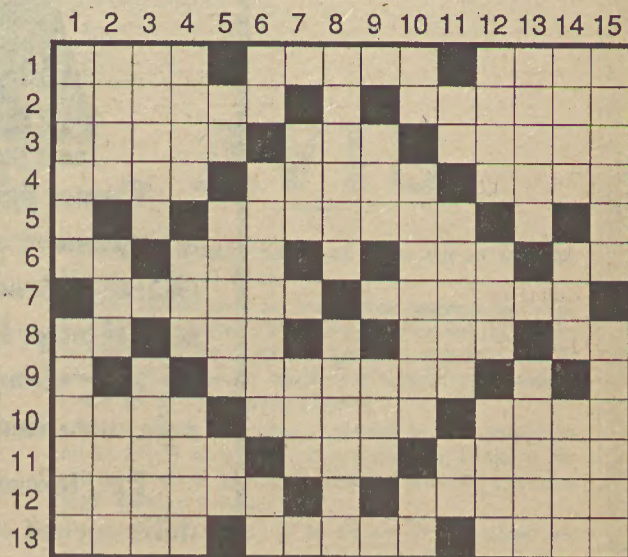
**TEATRO NACIONAL D. MARIA II**  
Rossio. Tel. 3472246. De 3ª a sáb. às 20.30, dom. às 16. PASSA POR MIMNO ROSSIO, texto e encenação de Filipe La Féria.

**TEATRO DA TRINDADE**  
Rua Nova da Trindade. Tel. 3423200. De 3ª a sáb. às 20.30, sáb. e dom. às 16.30. INVERNO 45, de Michel Deutsch, encenação de Castro Guedes.

**Para crianças**  
**TEATRO DO CALVÁRIO**  
R. Leão de Oliveira, 1. Tel. 3639974. Sáb. e dom. às 16.00: de 3ª a 6ª para grupos organizados. A GRANDE AVENTURA, texto e encenação de Fernando Gomes, produção do TIL.

**TEATRO DE CARNIDE**  
Azinha das Freiras. Tel. 7145178. Domingo às 11.00. TRIC-TRAC, TERRA DOCE, AMARGO SABOR, encenação de J.S. Ricardo.

**PALAVRAS CRUZADAS**



Horizontais: 1 - Desloco; dornas; encobridor (fig.); 2 - aquiescência; parado; 3 - animação (fig.); 601 romanos; amante; 4 - ter por costume; dinheiro em metal; içar; 5 - mulher de D. João VI; 6 - art.; imensidade (fig.) enguia; pref. neg.; 7 - ligaria; tranquiliza; 8 - art. árabe; letra grega; altar de sacrifícios; catedral; 9 - encorajara; 10 - acarinha; seca; ave de rapina diurna; 11 - toma nota; prende; lança; 12 - ocultara; alcuñar; 13 - pegas; dinheiro italiano (pl.); terra encharcada.

Verticais: 1 - Nódoa; equipava; 2 - vazias; graça (fig.); o grande amor de D. Pedro; 3 - vigiai; afia; 4 - perfume; madre; amarras; 5 - partir; missiva; atmosfera; 6 - aqui; freira notável pelas suas cartas; alumínio (simb.); 7 - sofrimento; fúria; 8 - vinha nova; não mencionar; 9 - saído; nome de mulher; 10 - nota mus.; espertara; carta de jogar; 11 - cruel; lavrara; forma redutiva de rapaz (inv.); 12 - cabeleira; panela; ilha anular que limita uma lagoa interior; 13 - cidade espanhola; azeda; 14 - pássaro da família dos Córvidas; saídas; discursam; 15 - içaram; vagueara.

**SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR**

Horizontais: 1 - Setúbal; devorar; 2 - Avis; rival; rude; 3 - ló; as; ser; fá; ou; 4 - rasas; velar; 5 - par; rematar; cal; 6 - época; alava; 7 - Reno; atole; item; 8 - orara; arara; 9 - mós; namoras; vãs; 10 - vagas; secas; 11 - tu; és; vim; sã; ir; 12 - alam; noras; vale; 13 - morenos; regaras.

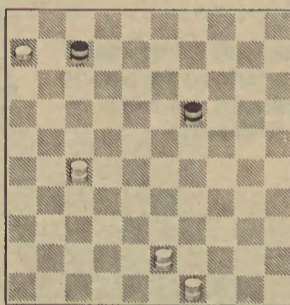
Verticais: 1 - sal; porém; tam; 2 - Évora; óvulo; 3 - ti; arenosa; ar; 4 - usas; por; geme; 5 - saró; anãs; 6 - ar; secaras; nó; 7 - Lis; matam; vós; 8 - veja; Ofir; 9 - dar; talar; mar; 10 - el; valeras; se; 11 - fera; asas; 12 - oral; vir; cava; 13 - Ru.; acatava; ar; 14 - adora; asila; 15 - réu; lemos; rés.

**DAMAS**

CCCXXVI  
24 de Outubro de 1991

Proposição nº 326  
Por: B. Blinder  
Dambrete nº 1, 1970

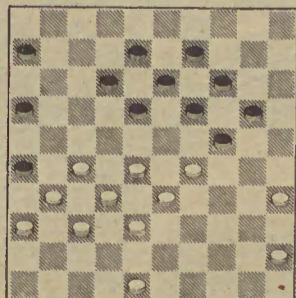
Pr: [2]: (7) - (19)  
Br: [4]: 6 - (27) - (43) - (49)



Branças jogam e ganham (41)

Golpe nº 326  
Por: Emile Mathieu  
(contra: A. Fiori)

In: La Dépêche du Midi, 21-III-1982  
Pr: [12]: 6-8-9-12-13-14-16-18-19-20-24-26  
Br: [12]: 27-28-29-31-32-33-35-36-37-38-45-48



Pretas jogam e vão a Dama

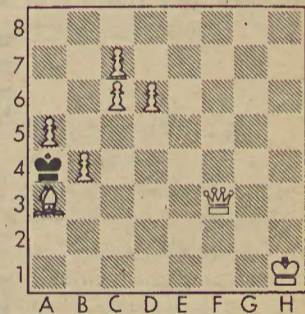
Soluções do Nº CCCXXVI  
Nº 326 (B.B.): 1. 6.1 = D!  
1. .... 6-2, 2. 25-15! eg.  
1. .... 6-11; 2. 1-23, 19X16; 3. 43-38 e +  
Golpe nº 326 (E.M.): 1. .... (18-23); 2. 29X7, (24-29); 3. 33X15, (8-12); 4. 7X18, (13X42)!!! D

**XADREZ**

CCCXXVI  
24 de Outubro de 1991

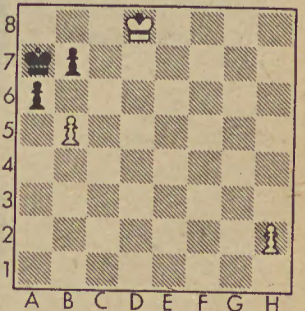
Proposição nº 326/A  
Por: Oswald Von Krobshóter  
Wiener Schachzeitung, 1906

Pr: Rex Solus: a4  
Br: [8]: Ps: a5, b4, c6, ç7, d6 - Df3 - Rh1



Mate em 3 lances

Proposição nº 326/B  
Por: Joseph, 1922  
Pr: [3]: Ps: a6, b7 - Ra7  
Br: [3]: Ps: b5, h2 - Rd8



Branças jogam e ganham

**Soluções do Nº CCCXXVI**

Nº 326/A (O. Von K.): 1. ç8 = B1, Rb5; 2. Db3, R: ç6; 3. b5 ++

Nº 326/B (J.): 1. b6+, [Se: h4, a: b5=], Rb8 (Se: R: B6; 2. h4 e g); 2. h4, a5; 3. h5, a4; 4. h6, a3; 5. h7, a2; 6. h8 = D, a1 = D; 7. Dg8!, Da2; 8. Dd8!, Da4!; 9. Dd5+, Ra8; 10. Rh8! e g.

**Tempo**



No fim-de-semana, segundo a previsão do INMG, o céu vai estar nublado, vão ocorrer aguaceiros ou períodos de chuva fraca e a temperatura registará uma pequena subida.

A. de M. M.

# AVIS

Toute personne du sexe masculin qui aiderait, directement ou indirectement, les équipages d'avions ennemis descendus en parachute, ou ayant fait un atterrissage forcé, favoriserait leur fuite, les cacherait ou leur viendrait en aide de quelque façon que ce soit, sera fusillée sur le champ.

Les femmes qui se rendraient coupables du même délit seront envoyées dans des camps de concentration situés en Allemagne.

Les personnes qui s'empareront d'équipages contraints à atterrir, ou de parachutistes, ou qui auront contribué, par leur attitude, à leur capture, recevront une prime pouvant aller jusqu'à 10.000 francs. Dans certains cas particuliers, cette récompense sera encore augmentée.

Paris, le 22 Septembre 1941.

Le Militärbefehlshaber en France,  
Signé: von **STÜLPNAGEL**  
Général d'Infanterie.

# BEKANNTMACHUNG

Am 6., 10. und 11. September 1941 sind in Paris auf deutsche Wehrmachtangehörige Anschläge verübt worden.

Zur Sühne für diese feigen Taten sind gemäss meiner Anordnung vom 22. August 1941 folgende Geiseln erschossen worden:

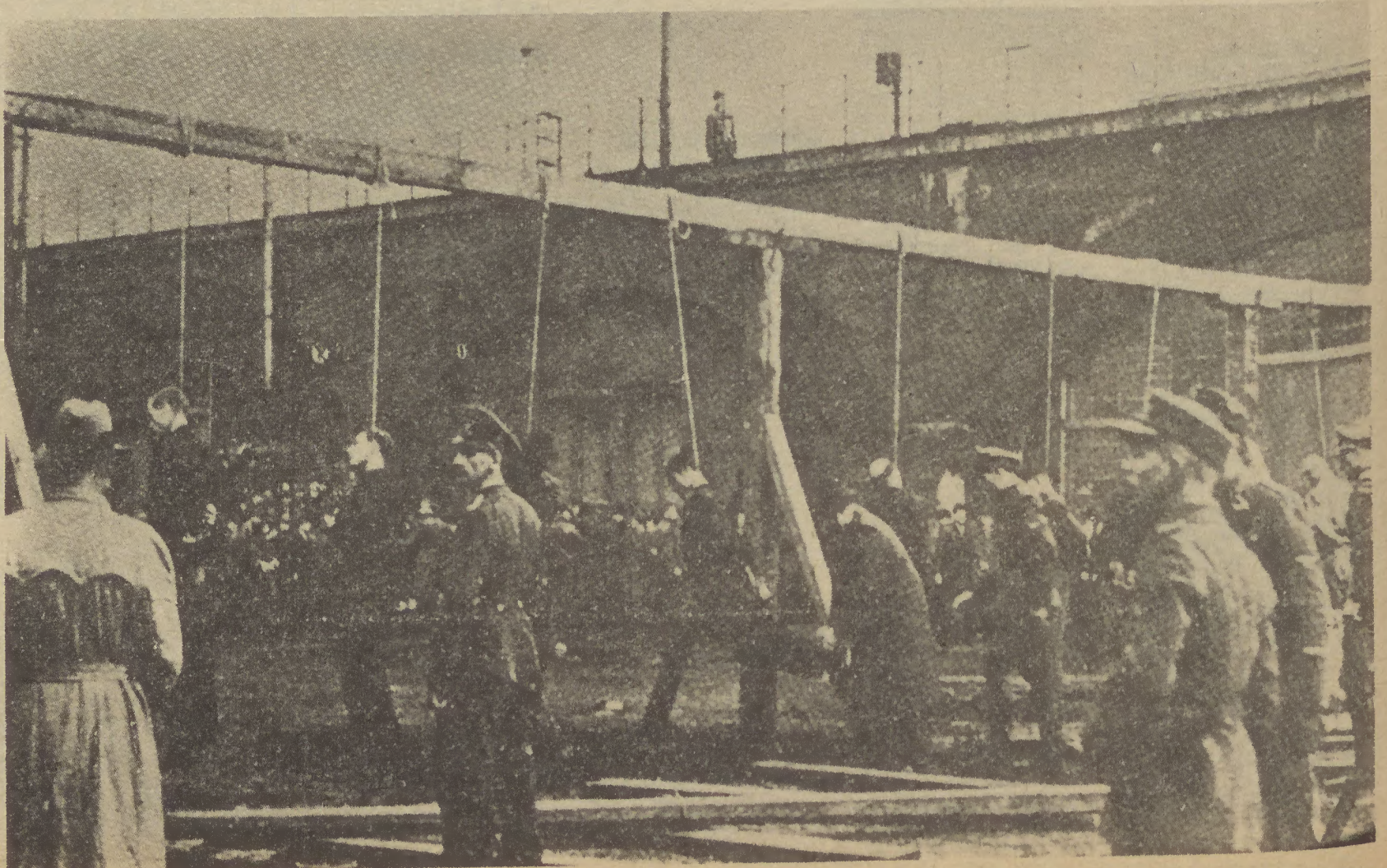
- 1.) **MATHERON, Lucien, René**  
geb. 8. Oktober 1920
- 2.) **JOLY, René, Louis**  
geb. 12. Januar 1900
- 3.) **CLEMENT, Lucien, Léon**  
geb. 24. Juni 1912
- 4.) **GOKELAERE, Albert, Valentin**  
geb. 1. April 1915
- 5.) **BONNIN, André**  
geb. 12. Mai 1917
- 6.) **LIBERMANN, David**  
geb. 1. Februar 1922
- 7.) **MAGER-OPAL, Chil**  
geb. 20. August 1891
- 8.) **BERNHEIM, Isidor**  
geb. 1. Februar 1869
- 9.) **BECKERMANN, Henri**  
geb. 12. Juli 1920
- 10.) **BLUM, Lucien**  
geb. 2. August 1879

Paris, den 16. September 1941

Der Militärbefehlshaber in Frankreich  
von **STÜLPNAGEL**  
General der Infanterie.

# AVIS

Execução de reféns franceses no forte de Romainville na presença dos outros reféns prisioneiros



# AVIS

Les 6, 10 et 11 septembre 1941, des agressions ont été commises a Paris contre des membres de l'Armée allemande.

Par mesure de répression contre ces lâches attentats, les otages suivants ont été fusillés conformément à mon ordonnance du 22 août 1941:

- 1.) **MATHERON, Lucien, René**  
né le 8 Octobre 1920
- 2.) **JOLY, René, Louis**  
né le 12 Janvier 1900
- 3.) **CLEMENT, Lucien, Léon**  
né le 24 Juin 1912
- 4.) **GOKELAERE, Albert, Valentin**  
né le 1<sup>er</sup> Avril 1915
- 5.) **BONNIN, André**  
né le 12 Mai 1917
- 6.) **LIBERMANN, David**  
né le 1<sup>er</sup> Février 1922
- 7.) **MAGER-OPAL, Chil**  
né le 20 Août 1891
- 8.) **BERNHEIM, Isidor**  
né le 1<sup>er</sup> Février 1869
- 9.) **BECKERMANN, Henri**  
né le 12 Juillet 1920
- 10.) **BLUM, Lucien**  
né le 2 Août 1879

Paris, le 16 Septembre 1941

Der Militärbefehlshaber in Frankreich  
von STÜLPNAGEL  
General der Infanterie.



## BEKANNTMACHUNG

## AVIS

Die Kommunistische Partei ist verboten.

Wer sich kommunistisch betätigt, kommunistische Propaganda betreibt oder auch nur den Versuch dazu macht oder sonst kommunistische Bestrebungen irgendwie unterstützt, begünstigt die Feinde Deutschlands. Er hat deshalb mit der Verurteilung zum Tode durch ein deutsches Kriegsgericht zu rechnen.

Flugschriften deutschfeindlichen Inhalts sind von jedem, der in ihren Besitz gelangt, unverzüglich an die nächste deutsche militärische Dienststelle abzuliefern. Wer die Ablieferung unterlässt, wird mit Zuchthaus bis zu 15 Jahren bestraft.

Ich erwarte von der Klugheit und der Einsicht der Bevölkerung, dass jeder dazu beiträgt, unbesonnene Elemente von der Unterstützung der Feinde Deutschlands abzuhalten.

Ich warne vor den ersten Folgen, die sich aus der feindseligen Haltung kommunistischer Kreise nicht nur für die Uebeläter selbst, sondern für die gesamte Bevölkerung des besetzten Gebietes ergeben müssen.

Der Militärbefehlshaber in Frankreich

gez. von STÜLPNAGEL

Paris, den 14. August 1941.

General der Infanterie.

Le parti communiste français étant dissous, toute activité communiste est interdite en France.

Toute personne qui se livre à une activité communiste, qui fait de la propagande communiste ou qui tente d'en faire, bref, qui soutient, en quelque sorte que ce soit, des agissements communistes, aide les ennemis de l'Allemagne. Le coupable devra s'attendre à être condamné à mort par une Cour Martiale Allemande.

Toute personne qui se trouve en possession des tracts antiallemands doit les remettre immédiatement au service militaire allemand le plus proche. Celui qui ne les aura pas livrés sera puni d'une peine allant jusqu'à quinze ans de travaux forcés.

J'attends de la sagesse et du bon sens de la population, que chacun contribue à empêcher les éléments irresponsables de soutenir les ennemis de l'Allemagne.

Je vous mets en garde contre les suites graves qui doivent découler de l'attitude hostile des milieux communistes, non seulement pour les malfaiteurs eux-mêmes, mais aussi pour la population entière du territoire occupé.

Le Militärbefehlshaber en France

signé von STÜLPNAGEL

Paris, le 14 Août 1941.

General der Infanterie.

**23 de Outubro de 1941** — a imprensa nazi de língua francesa publicava a lista de 48 reféns fuzilados na véspera: 27 em Chateaubriant com a indicação «comunista», 16 em Nantes, 5 no Mont-Valerian com a indicação «ação a favor do inimigo», outros 50 seriam fuzilados 48 horas mais tarde em Sourges, perto de Bordeus.

Os 27 de Chateaubriant, informados na véspera à noite por um polícia francês, puderam decidir sobre a atitude a tomar perante os carrascos a fim de que, segundo as suas próprias palavras, «a nossa morte possa ter alguma utilidade, que o crime seja conhecido em Chateaubriant e em toda a França». Saíram do campo de concentração cantando *A Marselhesa*, acompanhados em coro pelos outros 400 prisioneiros. Juntamente com *A Internacional* e *Le Chant du Départ*, continuaram a cantar enquanto atravessavam a vila, perante uma população consternada. Cantavam ainda à chegada à pedreira onde seriam executados. No dia seguinte, o presidente da Junta de Freguesia de Chateaubriant visitou Kristukat, o comandante da guarnição alemã. Encontrou-o, viria a escrever mais tarde, «profundamente perturbado»: «Quando se chamaram os nove primeiros reféns», diria o oficial, «recusaram que lhes vendassem os olhos e colocaram-se eles próprios frente aos postes de execução. Depois de cada salva gritavam «Viva a França!». Os outros dezoito não podiam ver o que se passava, mas podiam ouvir. Quando chegou a sua vez, assumiram a mesma atitude que os seus camaradas. Os verdadeiros vencedores desta jornada», dizia ainda Kristukat, «não fomos nós, os alemães, mas eles, os franceses comunistas.» E foi ainda através dele que se ficaria a saber que um dos executados, Jean-Pierre Timbaut, gritaria perante o pelotão de fuzilamento: «Viva o Partido Comunista Alemão!»

Comemorando o 50º aniversário dos fuzilamentos de Outubro de 1941 têm-se realizado em França numerosas iniciativas promovidas pelo PCF e por organizações de veteranos antifascistas. O texto acima foi extraído do artigo de Fernand Grenier «Le choc», publicado pelo semanário «Révolution» de 17 de Outubro



Jean-Pierre Timbaut (à direita), secretário do sindicato dos metalúrgicos da região parisiense, preso pelos alemães em Outubro de 1940 e executado em 22 de Outubro de 1941. Na foto, acompanhado de Ambroise Croizat (ao centro) e de Benoît Frachon

# a talhe de FOICE

## Hoje não há comentário

É da tradição desta coluna apresentar um comentário a talhe de foice, pelo que deambulei com afinco - que não hesito em classificar de empenhado - pelas notícias que correram ao longo da semana.

Da proveitosa viagem retirei, em repartida geografia e a começar cá pela do burgo, que o Francisco Louçã leva a tristeza tão longe pela sua não-eleição que acabou a culpar o PCP pela sua não-votação em D. Maria, enquanto o secretário de Estado das Pescas, Marçal Alves, leva a alegria tão perto pelo acordo EFTA/CEE que se contentou com a possibilidade desse convénio permitir lá para 1993 que «alguns barcos da nossa frota do bacalhau voltem à Noruega», isto enquanto era informado pelo Manuel Sérgio em pessoa acerca da «táctica» que usou para dar consistência ao seu PSN, cuja consistiu em adicionar uns pozinhos de «pós-modernidade» e de «solidariedade social» à teoria dos velhotes desamparados, ou sabia novidades da designada «ala liberal socialista» que, portavozeada por Alvaro Bezeza, defende a instituição de «eleições primárias» na escolha dos representantes do PS para cargos públicos, as quais se processariam com a originalíssima inclusão nos cadernos eleitorais, não apenas dos militantes do partido, mas também dos «simpatizantes», coisa que Lucas Pires já nem é em relação ao CDS ao formalizar, também esta semana, a saída do partido que lhe deu o assento de deputado europeu, lugar que, de resto, não abandonou, o que só demonstra que o irrequieto eurodeputado continua, pelo menos, a ser simpatizante de Estrasburgo; mas as notícias não brotaram apenas do sector político, no económico-financeiro (palavra composta que, rai's partam!, me há-de sempre lembrar o Salazar) descobri que o milagre anunciado pela privatização da Aliança Seguradora redundou em 1,7 milhões de contos de prejuízo no primeiro exercício como companhia privada, quando no seu último ano como empresa pública registara um lucro de meio milhão de contos, embaraço que talvez possa ser esbatido pela emissão, anunciada pelo Banco de Portugal, de 100 milhões de contos em notas de 2000\$00, o que sempre pode dar a ilusão de que o conto de réis agora vale dois.

Mas o resto do mundo também produziu notícias, como chacinas nos EUA que se notabilizaram sobre outras anteriores pelas *performances* dos assassinos e o volume dos assassinados, ou a reafirmação, desta vez em livro, do coronel Oliver North acerca do conhecimento e da aprovação do presidente Reagan de todas as trifulhices que este enérgico *marine* concretizou em tais quantidades que deram para construir um escândalo do tamanho do «Irão-contras», ou a escandalizada descoberta de uma jornalista do *New York Times* de que Israel tem para cima de 300 ogivas nucleares e já entrou três vezes em «alerta vermelho», que é como quem diz pronto a disparar, ou a curiosa disputa eleitoral que se vai desenrolar para o cargo de governador do Estado norte-americano da Luisiana, em que os dois candidatos, do Partido Republicano e do Partido Democrático, são, respectivamente, uma criatura que é um ex-membro do Ku-Klux-Klan e o outro um ex-governador que foi julgado duas vezes por corrupção.

Perante isto, os leitores que me desculpem mas vou abrir um precedente que atinge as tradições desta coluna. Numa semana assim, com notícias destas, não há comentário que venha a talhe de foice.

HC

## ÚLTIMAS

# Nota da Comissão Política

Graves e preocupantes situações no mundo do trabalho • Perigos de afectação do princípio da proporcionalidade • A visita parlamentar a Timor-Leste • A actividade partidária • O trabalho parlamentar

Na sua reunião de 21/10/91, a Comissão Política do CC do PCP apreciou aspectos da situação política e do andamento das tarefas do Partido na sequência das orientações definidas na última reunião do Comité Central.

1. A Comissão Política regista que, passadas as eleições e atenuadas as correspondentes operações de mistificação da realidade nacional promovidas pelo PSD, emergem com particular força e nitidez na actualidade nacional graves e preocupantes situações no mundo do trabalho e agudos problemas sociais, com destaque para a sucessão de despedimentos colectivos e encerramentos de empresas e para o aumento de casos de salários em atraso.

A Comissão Política do PCP chama atenção para a publicação no Diário da República, dez dias após as eleições, do «pacote laboral», o qual inclui, no conjunto de diplomas a entrar proximamente em vigor, a facilitação do despedimento individual com fundamento em inadaptação do trabalhador. Estes problemas exigem e tornam imperiosa uma eficaz acção de luta e resistência por parte dos trabalhadores e das suas organizações representativas.

O PCP manifesta a sua firme solidariedade para com todos os trabalhadores que já se encontram duramente atingidos pelas consequências da política do PSD e renova a todos os trabalhadores que partilham de compreensíveis preocupações com a segurança e estabilidade dos seus postos de trabalho a absoluta garantia de que os resultados das últimas eleições não alteram a determinação do PCP de continuar o seu coerente combate pelos interesses e direitos dos trabalhadores e de outras camadas da população.

2. A Comissão Política do PCP salienta que, por empenho do PSD e com o lamentável concurso de personalidades da área do PS, está em curso uma operação de preparação da opinião pública visando inculcar a necessidade e naturalidade de alterações à lei eleitoral orientadas para, pela afectação da proporcionalidade, permitirem a obtenção de uma maioria absoluta de deputados com uma percentagem de votos muito inferior à decorrente da lei em vigor.

Sublinhando que tais projectos, no quadro político-partidário nacional, apenas serviriam para eternizar o PSD no governo, a Comissão Política reafirma a frontal oposição do PCP a toda e qualquer alteração da lei eleitoral que conduza a maiores distorções na conversão de votos em mandatos de acordo com o princípio da proporcionalidade que, aliás, estando consagrado na Constituição e constituindo mesmo um limite material de revisão, constitui um elemento integrante e básico do regime democrático português. Coerentemente com esta posição, o PCP admitiria considerar favoravelmente soluções legais que se traduzissem num reforço da proporcionalidade, sendo entretanto uma evidência que a actual correlação de forças no plano parlamentar é claramente desfavorável a um tal objectivo.

A Comissão Política do PCP chama a atenção da opinião pública para que a afectação ou destruição do princípio da proporcionalidade, designadamente com o objectivo de oferecer a

uma força política uma maioria absoluta de deputados apenas com 38 ou 40% de votos, teria como intolerável reverso a retirada administrativa de deputados a outras forças políticas, representaria uma grave lesão da democracia representativa, a instauração de graves desigualdades entre cidadãos quanto à eficácia do seu voto e, em consequência, consumaria uma ilegítima expropriação de parte da soberania popular.

3. No momento em que por parte de várias entidades e organizações bem como órgãos de comunicação se avolumam preocupações em relação à visita da delegação da AR a Timor-Leste, a Comissão Política do PCP entende oportuno recordar que, em nota publicada em 21 de Maio deste ano, expressou desde logo as reservas do PCP quanto às condições e enquadramento da visita e aos riscos do seu aproveitamento pela Indonésia, ao mesmo tempo que considerava ser indispensável que a deslocação da delegação parlamentar servisse de modo inequívoco os interesses e direitos do povo maubere e o fortalecimento da posição de Portugal como potência administrante.

O PCP insiste em que sejam obtidas as condições que permitam alcançar estes objectivos.

4. A Comissão Política do PCP efectuou um primeiro e necessariamente provisório balanço dos numerosos plenários e reuniões que as organizações do Partido têm vindo a promover para debate dos resultados eleitorais, da situação deles decorrentes e das tarefas do Partido, valorizando designadamente a significativa participação que se tem vindo a registar, a vivacidade, riqueza e valor das opiniões dos militantes no quadro da vida democrática do Partido, as afirmações de confiança no projecto do PCP e no esforço de todo o colectivo partidário para superar deficiências e dificuldades e defender, consolidar e ampliar o destacado papel do PCP na vida nacional.

Ao mesmo tempo, a Comissão Política do PCP reafirma a importância de uma redinamização geral da actividade partidária centrada sobre os problemas vivos do povo e do País e voltada para uma activa intervenção do Partido nas principais esferas da sociedade portuguesa.

5. No quadro de uma ponderação sobre as exigências do trabalho de direcção na nova situação decorrente das eleições legislativas, a Comissão Política deliberou propor ao Grupo Parlamentar do PCP a eleição, nos termos do Regulamento da AR, de Octávio Teixeira, membro da Comissão Política do CC, como Presidente do Grupo.

Os deputados do PCP eleitos nas listas da CDU efectuarão amanhã, 4ª-feira, uma primeira reunião para uma abordagem inicial de questões relativas à organização, tarefas e iniciativas do futuro Grupo Parlamentar.

22.10.91

A Comissão Política do Comité Central  
do Partido Comunista Português

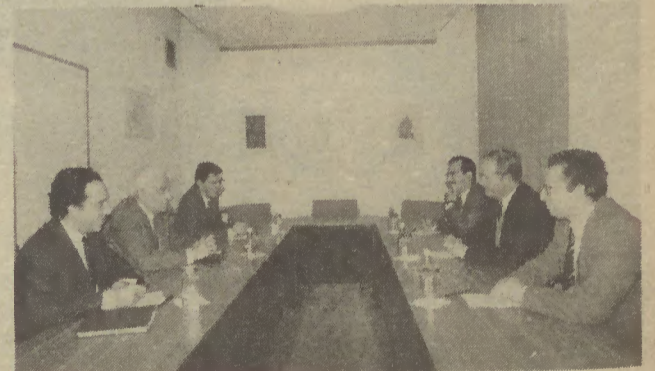
## Encontro entre o PCP e a UDP

Para intercâmbio de opiniões sobre a situação decorrente das recentes eleições legislativas e sobre a cooperação entre os dois partidos, realizou-se terça-feira, no sede nacional do PCP, um encontro de delegações do PCP e da UDP, dirigidas respectivamente por Álvaro Cunhal e Mário Tomé.

No final, em declarações aos jornalistas, Mário Tomé recordou a apreciação muito positiva feita pelo seu partido

relativamente ao acordo estabelecido com o PCP no quadro da CDU, sublinhando que ele teve consequências práticas durante a campanha, designadamente ao nível do relacionamento entre os dois partidos, o que abriu perspectivas para o futuro.

Álvaro Cunhal, por sua vez, depois de se referir à forma como decorreu este encontro - em sua opinião «uma primeira troca de impressões útil e frutuosa»



acerca da campanha, dos resultados das eleições e da votação obtida - chamou a atenção, em resposta a uma pergunta colocada nesse sentido, para o facto de o PCP «estar de muito boa saúde», ter força, intervenção, militância e confiança.

Exemplificando, o secretário-geral do PCP citou a este propósito o facto de, depois de ter sido anunciado na campanha, estar já definida e resolvida a intervenção do Partido na Assembleia da República com propostas e projectos, cumprindo assim o que os candidatos promete-

ram ao eleitorado, designadamente em matérias como o pacote laboral, semana das 40 horas ou a admissão à universidade.

A delegação do PCP, para além do secretário-geral, camarada Álvaro Cunhal, integrava o secretário-geral adjunto, Carlos Carvalho, e Octávio Teixeira, da Comissão Política do Comité Central.

Em representação da UDP, por seu lado, esteve o seu secretário-geral, Mário Tomé, e os seus dirigentes nacionais Carlos Marques e Luis Fazendas.

## «Não virão boas novas para Portugal»

O secretário-geral do PCP disse, na terça-feira, que «não virão boas horas para Portugal com a nova maioria absoluta obtida pelo PSD em 6 de Outubro».

À saída de uma audiência com o Presidente da República, no Palácio de Belém, onde o Chefe do Estado tem ouvido os partidos com

assento parlamentar, Álvaro Cunhal disse ter transmitido «as apreensões do PCP em relação ao novo Governo».

Questionado sobre a situação de Timor-Leste, o secretário-geral do PCP reafirmou a posição dos comunistas de «defesa do direito do povo Maubere à autodeterminação e à independência».